UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS, LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS
CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

GUSTAVO ADAMI CORRÊA

PÍLULAS DE EXTREMISMO:
a construção do ethos no discurso Red Pill

São José do Rio Preto
2025

GUSTAVO ADAMI CORRÊA

PÍLULAS DE EXTREMISMO:

a construção do ethos no discurso Red Pill

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Análise Linguística.

Orientadora: Profª. Drª. Anna Flora Brunelli

São José do Rio Preto

2025

C824p

Corrêa, Gustavo Adami Corrêa
Pílulas de Extremismo : A construção do ethos no discurso Red Pill / Gustavo Adami Corrêa Corrêa. -- São José do Rio Preto, 2025
94 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto
Orientadora: Anna Flora Brunelli

1. Análise do Discurso. 2. Ethos. 3. Red Pill. 4. Modalidade. 5. Estereótipos. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A pesquisa tem o potencial de ampliar significativamente a compreensão do discurso *Red Pill* no Brasil, investigando a imagem do homem que produz efeitos nas discussões sobre papéis de gênero e sua relação com o discurso feminista, preenchendo uma lacuna na produção acadêmica em língua portuguesa sobre o tema.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The research has the potential to significantly broaden the understanding of the Red Pill discourse in Brazil, investigating the image of man that produces effects on discussions about gender roles and its relationship with feminist discourse, filling a gap in the academic production made in Portuguese on the topic.

GUSTAVO ADAMI CORRÊA

PÍLULAS DE EXTREMISMO:

a construção do ethos no discurso Red Pill

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Análise Linguística
Data da defesa: 05/09/2025

Banca Examinadora:
Profª. Drª. Anna Flora Brunelli
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Profª. Drª. Sandra Denise Gasparini-Bastos.
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Márcio Gatti,
Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)

Prof. Dr. Eduardo Penhavel de Souza
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Profª. Drª Fernanda Mussalim
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

São José do Rio Preto
05 de setembro de 2025

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradeço imensamente à Capes e às políticas de permanência estudantil, esta pesquisa e a minha trajetória na universidade possíveis.

RESUMO

O presente trabalho investiga o discurso *Red Pill* a partir de três obras brasileiras, a saber: *Antiotário* (Aires, 2023), *O Livro das Red Flags* (Schutz, 2021), e *Pílulas de Realidade* (Schutz, 2022), buscando compreender qual a imagem que o discurso projeta dos enunciadores (seu ethos) e como essa imagem é construída. A análise desenvolvida fundamenta-se no aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de Linha Francesa, com ênfase nos trabalhos do linguista francês Dominique Maingueneau, cujas obras abordam o conceito de *ethos discursivo*, que designa, justamente, a imagem que o enunciador do discurso projeta de si pelo modo de enunciar e pelo conteúdo dos seus enunciados. Segundo o autor, a análise do ethos deve basear-se em indícios de diversas ordens presentes no discurso e, em consonância com suas teorizações, o presente trabalho articula outros estudos, enquanto teorias auxiliares, como as investigações sobre a categoria linguística de *modalidade* (Hengeveld, 2004; Hengeveld; Mackenzie, 2008) e sobre *estereótipos* (Amossy, 2022; Jost e Kay, 2005; Fiske *et al*, 2007) para se aprofundar nas características linguísticas e discursivas que colaboram na construção do ethos e desvelam a relação estreita entre linguagem e poder no discurso. Tendo em vista que o objetivo do trabalho é traçar a imagem do enunciador presente no discurso *Red Pill*, a opção pelos estudos sobre a modalidade e sobre estereótipos são opções coerentes, uma vez que a modalidade é uma das formas com as quais os enunciadores deixam marcas linguísticas de sua subjetividade, e que os estereótipos dizem respeito a imagens cristalizadas de grupos sociais que são criadas e veiculadas pelos discursos. Os resultados alcançados revelam que o discurso em questão apresenta uma variação de imagens do enunciador, que passam pelas imagens de um *guia* ou *orientador*, de um *amigo conselheiro* e de um *homem viril* e *ressentido.* Assim, pode-se dizer que a variação entre a apresentação dessas imagens está diretamente ligada à adesão de seus interlocutores aos posicionamentos identificados no discurso.

Palavras-chave: discurso; ethos; red pill; modalidade; estereótipos.

ABSTRACT

This study investigates the Red Pill discourse through three Brazilian works, namely: *Antiotário* (Aires, 2023), *O Livro das Red Flags* (Schutz, 2021), and *Pílulas de Realidade* (Schutz, 2022). It seeks to understand the image the discourse projects of its enunciators (their ethos) and how this image is constructed. The analysis is based on the theoretical and methodological framework of French Discourse Analysis, with an emphasis on the works of the French linguist Dominique Maingueneau. His works address the concept of *discursive ethos*, which precisely designates the image an enunciator projects of themselves through their mode of enunciation and the content of their utterances. According to Maingueneau, the analysis of ethos should be based on various types of clues present in the discourse. In line with his theorizations, this study incorporates other investigations as auxiliary theories. These include studies on the linguistic category of *modality* (Hengeveld, 2004; Hengeveld; Mackenzie, 2008) and on *stereotypes* (Amossy, 2022; Jost and Kay, 2005; Fiske et al, 2007). This integration deepens the understanding of the linguistic and discursive features that contribute to the construction of ethos and unveil the close relationship between language and power within the discourse. Given that the study's objective is to delineate the enunciator's image in the Red Pill discourse, the choice to include studies on modality and stereotypes is coherent. Modality is one of the ways enunciators leave linguistic traces of their subjectivity, and stereotypes pertain to crystallized images of social groups that are created and circulated by discourses. The results show that the discourse in question presents a variation of enunciator images, ranging from that of a *guide or mentor*, to a *counseling friend*, and finally, to a *virile and resentful man*. Thus, it can be concluded that the variation in the presentation of these images is directly linked to the interlocutors' adherence to the stances identified in the discourse.

Key-words: discourse; ethos; red pill; modality; stereotypes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Capas das obras selecionadas para o córpus 35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Relação entre domínios semânticos e alvos da modalização 25

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Levantamento do número de ocorrências de modalidade no córpus 43
Tabela 2 — Levantamento dos participantes avaliados pela modalidade facultativa 46
Tabela 3 — Levantamento dos participantes avaliados pela modalidade deôntica 53
Tabela 4 — Quantidade de imperativos e sua densidade nas obras 55
Tabela 5 — Levantamento da quantidade de palavras por obra 60
Tabela 6 — Levantamento dos participantes avaliados pela modalidade volitiva 66

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **12**
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA **18**
2.1 A NOÇÃO DE ETHOS **18**
2.2 AS CONTRIBUIÇÕES DE MAINGUENEAU AO CONCEITO DE ETHOS 19
2.3 O CONCEITO DE MODALIDADE 22
2.4 A TIPOLOGIA DAS MODALIDADES SEGUNDO HENGEVELD 25
3. CÓRPUS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS **30**
3.1 A EMERGÊNCIA DO DISCURSO RED PILL 30
3.2 O PROCESSO DE CONTRUÇÃO DO CÓRPUS 34
3.3 DESCRIÇÃO DAS OBRAS DO CÓRPUS E DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 36
a. Uso de perguntas retóricas 39
b. O uso de linguagem formal e informal 39
c. A cadeia referencial dos objetos do discurso 40
d. Estereótipos de gênero 41
e. Uso da modalidade 41
4. ANÁLISE DA MODALIDADE **44**
4.1 ANÁLISE DA EXPRESSÃO MODAL FACULTATIVA 45
4.2 ANÁLISE DA EXPRESSÃO MODAL DEÔNTICA 54
4.3 ANÁLISE DA EXPRESSÃO MODAL EPISTÊMICA 60
4.4 ANÁLISE DA EXPRESSÃO MODAL VOLITIVA 66
4.5 CONCLUSÕES SOBRE O FUNCIONAMENTO MODAL NO DISCURSO 72
5. ANÁLISE DO ETHOS **74**
5.1 A IMAGEM DO GUIA OU ORIENTADOR 74
5.2 A IMAGEM DO AMIGO CONSELHEIRO 77
5.3 AS IMAGENS DE HOMEM VIRIL E RESSENTIDO 79
5.4 AS IMAGENS DO FEMININO PRESENTES NO DISCURSO 86
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS **88**
REFERÊNCIAS **91**
DADOS CURRICULARES **94**

1. INTRODUÇÃO

A contemporaneidade tem sido marcada por mudanças sociais importantes que se caracterizam, segundo diferentes perspectivas, pela emergência do individualismo e por suas implicações na sociedade. Segundo o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001), o advento das revoluções industriais e tecnológicas trouxe consigo a determinação dos indivíduos de se emanciparem da *mão morta* da história, isto é, dos costumes, das tradições, e das obrigações de uma velha ordem "sólida", que se fundamentava em conhecimentos ou crenças não-científicas que persistiam no tempo, impedindo as mudanças na vida social. Esse processo de "liquefação", que inicialmente se ocupava com o nível mais abrangente do coletivo, culminou na dissolução de moldes estáveis que orientavam a vida nos pormenores do convívio social e da vida privada, deixando um espaço vago nas relações humanas que rapidamente foi ocupado pela racionalidade instrumental dos negócios. Sob essa lógica, o funcionamento da vida social assenta-se na procura incessante pelos meios mais eficientes para se alcançar determinados fins, às custas dos ritos e das tradições que estruturavam a vida em outros tempos. Assim, princípios do funcionamento do sistema econômico capitalista (como a livre concorrência, a liberdade — nos mais variados sentidos possíveis —, e a propriedade privada) passam a integrar o funcionamento da vida social.

Nesse cenário, que Bauman prefere chamar de Modernidade Líquida, paira uma insegurança sobre os indivíduos, em decorrência das flutuações constantes de oferta e demanda por serviços e mercadorias. As pessoas e as empresas mantêm-se vigilantes a todo o momento para não perderem as melhores oportunidades de crescimento ou de sobrevivência. Livres das antigas referências, os indivíduos precisam ser flexíveis e criativos para se valer da sua liberdade e encontrar seu nicho apropriado, cujas regras de conduta consideram corretas e adequadas para a vida social. Desse modo, empregam suas habilidades e recursos para "investir" constantemente em si com a promessa de um dia conquistarem, por meio dos seus esforços, a segurança, a estabilidade, e o sucesso, que tanto almejam ou necessitam, enquanto se mantêm alertas a qualquer nova oportunidade.

Evidentemente, isso não significa que os indivíduos constroem seu modo de vida a partir da sua imaginação, independentemente das condições materiais, mas que as configurações das relações sociais não são mais tão estáveis, pois estão em constante renovação e mudança. Essa constante transformação também produz um cenário de comparação universal, em que os indivíduos se comparam a todo momento para medir seu próprio "sucesso", uma vez que não

há pontos de referência tão estáveis como antes. Assim, para o autor, esse funcionamento social caracteriza-se como um individualismo extremo, produzido pela insegurança das relações sociais e dos modos de produção da economia capitalista neoliberal.

Embora haja uma multiplicidade de definições do termo "neoliberalismo", neste trabalho adota-se a definição de Júnior (2012), segundo a qual o "neoliberalismo" é uma corrente de pensamento político e econômico (derivada da base teórica/filosófica do pensamento liberal), que surge por volta dos anos de 1940, mas ganha força no mundo a partir da década de 1970. Segundo o autor, o neoliberalismo enfatiza a liberdade individual e autonomia dos indivíduos ao extremo, condenando qualquer forma de intervenção estatal. Sob essa perspectiva, qualquer intervenção estatal nesse sentido é entendida como um privilégio de uns em detrimento de outros, mesmo quando se trata de uma intervenção assistencial aos mais pobres e miseráveis ou voltada para a redução da desigualdade social.

Assim, no contexto das sociedades contemporâneas, em que o pensamento neoliberal é amplamente difundido, o sucesso ou fracasso de cada indivíduo não é percebido pelas suas condições sócio-históricas, mas é atribuído inteiramente à responsabilidade individual. Cada indivíduo toma para si o dever de enfrentar e vencer todas as dificuldades da vida por meio de sua vontade, sua determinação, e suas escolhas pessoais. Para "alcançar o sucesso" de forma eficiente, os seus indivíduos "compram" e "vendem" modos de viver – ou *lifestyles* – predeterminados que servem de referência para orientar a própria vida.

Esse fenômeno é observado desde a década de 1980, quando se constata a emergência e a difusão de diversos livros de aconselhamento, nos quais aparece a figura de um guia ou orientador, que é capaz de motivar e orientar seus leitores ou ouvintes para transformar suas vidas. Atualmente, com o advento das redes sociais, observa-se a circulação de textos, vídeos, e imagens (entre outros tipos de mídia), divulgando "fórmulas rápidas" sobre como se tornar uma pessoa "saudável", "bem-sucedida", ou mesmo "feliz". Sob a perspectiva adotada por Bauman (2001), esse fenômeno, produto das sociedades neoliberais, consiste em um processo constante de construção identitária dos sujeitos, no qual "[...] nós, humanos, nos encontramos 'por nossa própria conta' – o que significa que, desde então, não conhecemos mais limites ao aperfeiçoamento além das limitações de nossos próprios dons herdados ou adquiridos, de nossos recursos, coragem, vontade e determinação" (Bauman, 2001, p. 36-37).

Nesse contexto, o papel do homem e da mulher, isto é, as referências de papéis de gênero, que guiam e constituem homens e mulheres na vida social, também são afetados. Embora as referências "sólidas" desses papéis persistam até os dias de hoje, elas começam a se liquefazer conforme são questionadas pelas reivindicações do movimento feminista e de outros

movimentos pela construção de novas identidades minoritárias. Segundo o sociólogo americano Michael Messner (2016), as mudanças sociais em grande escala – influenciadas por movimentos sociais, por mudanças culturais, e pela economia – criam momentos históricos de formação de gênero, que, por sua vez, moldam, restringem e viabilizam certas formas de manifestações políticas de gênero.

Nesse sentido, percebe-se um crescimento no número de indivíduos produzindo e consumindo conteúdos nas redes sociais sobre masculinidade e relacionamentosna perspectiva de um movimento chamado *Red Pill*. Esse movimento, que prega sua própria forma de "ser homem" e de "ser feliz", possui um posicionamento crítico à divisão de papéis de gênero na sociedade, propondo uma suposta "subversão" masculina aos novos papéis que os homens têm adotado na vida social. Assim, "vendendo" a ideia de uma nova referência para a masculinidade, o discurso *Red Pill* preconiza que os homens precisam "despertar" para as verdades que o feminismo (ou a sociedade como um todo) têm ocultado dos homens, sobretudo que, segundo eles, os homens sofrem com a "misandria" (um preconceito contra os homens) e com a "lavagem cerebral do feminismo", que seria um dos maiores problemas sociais contemporâneos.

Com isso, é possível observar que há uma *polêmica discursiva* e uma mudança nas *práticas discursivas* desenvolvendo-se em torno dos papéis de gênero a nível global e também nacional. Assim, essa disputa de poder por meio da linguagem motivou o surgimento desta pesquisa, cuja principal base teórica é a Análise do Discurso (doravante AD), para compreender essa imagem de homem que tem ganhado força nas sociedades neoliberais contemporâneas e quais seus efeitos nas discussões sobre papéis de gênero na atualidade.

Sob a perspectiva da AD, assume-se *o primado do interdiscurso sobre o discurso* (Maingueneau, 2008a [1984]) como base para a compreensão do fenômeno discursivo investigado. Segundo Maingueneau (2008a, p. 15), os discursos são "uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas". Nesse sentido, os discursos tomam forma na medida em que o analista identifica regularidades que marcam sua alteridade em relação a outros discursos.

Assim, quando dois posicionamentos discursivos disputam pela legitimidade enunciativa de um determinado espaço discursivo, existe um modo de funcionamento essencialmente polêmico. Em outras palavras, quando o discurso *Red Pill* e o discurso feminista disputam a legitimidade para falar sobre papéis de gênero, a relação entre esses dois discursos se dá com base em um funcionamento chamado de interincompreensão generalizada, próprio da multiplicidade de posições enunuciativas.

De acordo com o autor, os enunciadores em disputa por um espaço discursivo só podem falar e compreender aquilo que valida sua legitimidade enunciativa. Por isso, ao falar, os sujeitos só podem falar da forma como "se deve falar" e, ao ouvir, só podem compreender aquilo que as regras de determinado posicionamento discursivo lhes permite entender, dentro do limite do que diferencia seu posicionamento dos outros.

A enunciação, nessa perspectiva teórica, não é entendida como uma expressão linguística de um pensamento ou experiência individual, mas como uma expressão linguística de uma "coletividade", carregada de disputas históricas e sociais. A linguagem e as subjetividades são atravessadas por enunciados e práticas que convidam os sujeitos a ocuparem um determinado lugar na estrutura social.[1] Assim, a produção dos enunciados está ligada a "um sistema de regras [e coerções semânticas] que define a especificidade de uma enunciação", que Maingueneau (2008a, p. 9) chama de "formação discursiva". Em outras palavras, os enunciadores de determinada formação discursiva só podem produzir e compreender um conjunto de enunciados que são possíveis (ou permitidos) dentro de sua formação discursiva.

Então, no processo de recepção dos enunciados, sejam orais ou escritos, de determinada formação discursiva, os enunciatários (isto é, os leitores e ouvintes) associam uma imagem ao seu interlocutor atribuindo-lhe certa compleição física e psicológica por meio de índices linguísticos e não-linguísticos liberados na enunciação. Essa representação, chamada de ethos, é um conceito consolidado que designa a imagem associada ao enunciador pelo entrelaçamento de uma maneira de dizer e de um conteúdo dito. Nesse sentido, o ethos é uma imagem construída pela avaliação dos traços semânticos liberados no contexto da enunciação, que se liga a uma "maneira de habitar o mundo e de mover-se pelo espaço social" própria de determinada formação discursiva (Maingueneau, 2008a).

Assim, o ethos ajuda a compreender a adesão dos sujeitos a determinados posicionamentos discursivos, na medida em que os destinatários são "persuadidos" a adentrar o mesmo mundo ético do posicionamento discursivo do enunciador por meio de sua imagem. No entanto, caso se trate de uma disputa por um espaço discursivo (uma polêmica entre formações discursivas), a recepção dos enunciados muda. Os enunciados são interpretados de forma parcial ou tendenciosa, dando origem a uma imagem distorcida no próprio discurso, que Maingueneau chama de simulacro. Nessa perspectiva, o simulacro não corresponde ao ethos, mas a uma versão construída do outro dentro da própria formação discursiva, que revela traços

[1] Para se aprofundar na complexidade enunciativa da linguagem e sua relação com a constituição da subjetividade dos enunciadores, veja o conceito de heterogeneidade constitutiva de Authier-Revuz (2012) e de interpelação de Althusser (1985).

semânticos da forma como o discurso se relaciona com seu outro e representa a si mesmo por meio dessa relação de alteridade.

Nesse sentido, este trabalho objetiva investigar o ethos no discurso *Red Pill* e a relação com seu outro, isto é, o discurso feminista, como forma de compreender a construção da imagem do homem *Red Pill* e os seus efeitos na disputa pelos papéis de gênero na atualidade. Considerando-se que, segundo Maingueneau (2022), a interpretação do ethos depende da avaliação dos diversos índices linguísticos e não-linguísticos liberados na enunciação, neste trabalho elegem-se os seguintes índices para a caracterização do ethos: i) as cenas de enunciação; ii) modalidade; iii) estereótipos de gêneros.

Essas três categorias de análise foram selecionadas para a interpretação do ethos a partir do contato com o córpus e da constatação de sua presença intrínseca à constituição do discurso. Conforme Maingueneau (2022), as cenas de enunciação são um conceito indispensável, uma vez que dizem respeito aos quadros cênicos, às condições de produção do discurso, dos quais o ethos emerge, influenciando diretamente sua interpretação.

A modalidade, por sua vez, diz respeito a uma categoria linguística, cuja análise tem demonstrado resultados relevantes sobre uma correlação entre as marcas de subjetividade dos enunciadores e a constituição do ethos, especialmente em trabalhos como de Brunelli (2004), Furlan (2013), Ueda (2014), e Verni (2019), que analisam diferentes tipos de discurso de autoajuda por meio da modalidade.

Segundo os estudos funcionalistas, a modalidade pode ser concebida como a atitude do enunciador em relação ao conteúdo do seu enunciado, que revela marcas de sua subjetividade no modo com que avalia, qualifica ou se compromete com sua fala. Nesse sentido, sob a perspectiva da AD, é uma ferramenta poderosa para compreender a construção do ethos do enunciador, permitindo compreender como a instância subjetiva do discurso se manifesta e opera na construção de sua imagem. Ainda, a opção pela modalidade tem especial relevância em virtude do córpus, que compreende três obras de aconselhamento, em um formato muito similar ao que pode ser encontrado em livros de autoajuda. Hipotetiza-se que essa similaridade não é mera coincidência, mas parte de um traço semântico próprio do discurso e, dessa maneira, os estudos funcionais sobre a modalidade serão valiosos para auxiliar a identificar evidências linguísticas que sustentam a interpretação do ethos dos enunciadores neste trabalho.

Por fim, os estudos sobre estereótipos de gênero da Psicologia Social também vêm em auxílio à investigação do ethos, uma vez que os estereótipos presentes no discurso estão diretamente ligados ao seu foco, as relações de poder entre gêneros segundo o imaginário do mundo ético *Red Pill*. A Psicologia Social é um campo que têm contribuído para os estudos de

estereótipos e produzido estudos sobre papéis de gênero na intersecção entre AD e psicologia social, como os trabalhos de Brunelli (2016, 2018). Essas três categorias serão apresentadas no capítulo de *fundamentação teórica.*

Após esta introdução, o capítulo 2, *fundamentação teórica*, dedica-se à apresentação e aprofundamento dos conceitos fundamentais da AD (com ênfase nos conceitos de ethos e cenografia) e dos principais estudos que embasam os conceitos de modalidade e de estereótipos. O capítulo 3, *córpus e procedimentos metodológicos*, dedica-se à apresentação do córpus, a uma breve introdução às origens do discurso *Red Pill* e à descrição dos procedimentos adotados para a composição do córpus de pesquisa e para a análise do ethos. Na sequência, o capítulo 4, *análise da modalidade*, aborda, em cada uma das suas subpartes, a análise da modalidade das obras e as conclusões parciais extraídas da análise. O capítulo 5, *análise do ethos*, apresenta as imagens que compõem o ethos dos enunciadores, a partir de traços semânticos encontrados na cenografia, na modalidade e nos estereótipos. Por fim, no capítulo 6, *considerações finais*, realizam-se as considerações finais sobre o ethos *Red Pill* e papéis de gênero na atualidade deste trabalho a partir da discussão sobre as imagens de masculino e de feminino e a polêmica entre os discursos *Red Pill* e feminista.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo tem por objetivo apresentar o quadro teórico mobilizado neste trabalho e inicia-se, no tópico 1.1, pela apresentação da noção de ethos e sua origem na filosofia clássica de Aristóteles. Na sequência, no tópico 1.2, discute-se o conceito de ethos sob a perspectiva da AD, mais especificamente de Maingueneau (2020), que redefine o ethos como um conceito discursivo, indissociável da linguagem, das cenas de enunciação e da identidade do próprio discurso. Em seguida, o tópico 1.3 apresenta o conceito de modalidade linguística, enquanto um recurso fundamental para reunir indícios linguísticos que auxiliam na compreensão da imagem do enunciador, abordando as diferentes formas pelas quais a modalidade manifesta-se na linguagem. Por fim, o tópico 1.4 introduz a proposta de tipologia das modalidades de Hengeveld (2004), que é utilizada neste trabalho para a análise da expressão modal.

2.1 A NOÇÃO DE ETHOS

O desenvolvimento da noção de ethos tem suas origens há mais de dois mil anos nas obras de Aristóteles. Para ele, o ethos refere-se à construção da imagem de si, uma impressão, derivada da enunciação, que o orador deve mostrar ao seu público a fim de persuadi-lo. Em sua *Retórica,* ele elabora uma tríade de elementos ligados à persuasão, a saber: *logos* (o conteúdo do discurso e seus argumentos), *ethos* (a imagem que o enunciador produz de si), e *pathos* (o apelo do enunciador às disposições emocionais de seu público). Desse modo, o ethos aristotélico vincula-se à *tomada da palavra oral* em situações enunciativas específicas, nas quais um locutor se dirige a um amplo auditório com o objetivo de convencê-lo – como em um julgamento público, por exemplo. Nesse sentido, trata-se de uma dimensão que o orador consegue manipular em seu discurso, por meio do tom de voz, do ritmo da fala, da expressão facial, da postura, enfim, por meio de tudo aquilo que contribui para moldar a imagem do orador (Maingueneau, 2020). Nas palavras do filósofo:

> Persuade-se pelo caráter (ethos) quando o discurso é de tal natureza que torna o orador digno de fé, porque as pessoas honestas nos inspiram uma confiança maior e mais imediata. (...) Mas é necessário que esta confiança seja o efeito do discurso, não de um juízo de valor prévio sobre o caráter do orador (Aristóteles, 1356a, p. 5-6, *apud* Maingueneau, 2005, p. 70).

Depois de Aristóteles, o problema da imagem de si ressurge em uma variedade de perspectivas teóricas no século XX à medida que campos das ciências humanas e da linguagem voltam-se ao discurso e à enunciação. Para se ter uma visão panorâmica do desenvolvimento da noção, Maingueneau (2020) propõe distinguir o ethos como *potencial* e como *noção*. Segundo o autor, enquanto potencial, o ethos não provém de nenhum campo específico e, portanto, trata-se de uma ideia. Porém, enquanto noção, ele surge a partir de um acordo tácito sobre certos aspectos fundamentais em um determinado espaço interdisciplinar, como a linguística, a sociologia, a antropologia, e etc.

Nesse sentido, o ethos torna-se um conceito apenas quando é integrado a uma teoria específica, por um autor ou uma corrente.

Dentro das ciências da linguagem (logo, inclui-se a AD), Maingueneau aponta algumas ideias fundamentais implícitas à noção de ethos:

> – o ethos é uma noção *discursiva*, ele se constrói mediante o discurso, não se trata de uma 'imagem' do locutor externa à fala;
> – ele está vinculado a um processo *interativo* de influência de outros;
> – é uma noção híbrida (sócio/discursiva), de um comportamento verbal socialmente avaliado, que não podem ser apreendidos fora de uma situação de comunicação historicamente determinada (Maingueneau, 2020, p.13, grifos do autor).

2.2 AS CONTRIBUIÇÕES DE MAINGUENEAU AO CONCEITO DE ETHOS

Sob a perspectiva da AD, Maingueneau (2020) propõe que o ethos refere-se a uma imagem associada ao enunciador que decorre da própria natureza dos discursos. Os discursos, segundo Maingueneau (2008a), se originam a partir da sua relação com seu Outro e, por isso, a identidade de um discurso pode ser delineada por meio de traços semânticos que o definem e o diferenciam dos demais. Segundo essa perspectiva, os traços semânticos, que podem ser apreendidos na materialidade, são efeitos de um sistema semântico de restrição global que constitui a própria identidade do discurso e o restringe em todos os seus planos (inclusive no modo de enunciação ao qual, tradicionalmente, se atribui o ethos), marcando os traços que o discurso reivindica ou rejeita.

Nesse sentido, cada posicionamento discursivo tem uma entoação própria e ideal, que Maingueneau prefere chamar de *tom*. O *tom* da enunciação está ligado a um conjunto de traços físicos e psicológicos que remetem o enunciatário a uma representação de um caráter e uma corporalidade, isto é, *uma maneira de habitar o mundo e de mover-se pelo espaço social*. Portanto, o ethos só pode ser apreendido no ato de enunciação, quando diversos índices textuais

(e não-textuais) são liberados, dando condições para o enunciatário (o leitor ou o ouvinte) de formar uma representação do seu enunciador.

No entanto, o enunciador (também chamado de *fiador* do discurso) não corresponde à pessoa real (ao locutor extradiscursivo), mas a uma instância discursiva, conforme a noção de interpelação de Althusser (1985), introduzida na literatura da AD por Michel Pêcheux (1993 [1969]). Sob essa perspectiva, os indivíduos, desde o nascimento, são imersos em um universo de práticas e instâncias discursivas (como a "família", a "escola", a própria linguagem) que os "chamam" ou "convocam" a ocuparem uma posição na estrutura social. Assim, entende-se que os indivíduos se transformam em sujeitos, antes mesmo de ter consciência disso, ao se constituírem pelas relações entre linguagem e poder, fazendo-os se reconhecerem por meio de nomes, papéis sociais, identidades, entre outros, como "filho", "aluno", "homem", "paciente", por exemplo. Assim, o enunciador para AD é compreendido enquanto sujeito dos seus discursos, uma instância discursiva que permeia os indivíduos.

A respeito do ethos, Maingueneau afirma que "caráter e corporalidade do fiador apoiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apóia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar" (Maingueneau, 2005, p. 72). Isso significa que a adesão dos enunciatários ao discurso vai além de um processo de identificação com o enunciador, os fiadores suscitam adesão por uma *maneira de ser ligada a um mundo ético.*

Segundo Maingueneau (2008a), o mundo ético é um conjunto de situações estereotipadas às quais se associam comportamentos: o mundo ético das estrelas de cinema, por exemplo, reúne *cenas* como subir e descer escadas do festival de Cannes, realizar sessões de filmagem, entrevistas à imprensa, etc. Os enunciatários – também entendidos como destinatários ou co-enunciadores – aderem ao mundo ético do fiador à medida que o ethos se incorpora, isto é, ganha corpo, e é assimilado pelos leitores ou ouvintes, formando, por fim, uma comunidade com o fiador. Nas palavras do autor:

> 1. a enunciação da obra confere uma "corporalidade" ao fiador, ela lhe dá corpo;
> 2. o destinatário *incorpora*, assimila assim um conjunto de esquemas correspondente a uma maneira específica de se relacionar com o mundo habitando seu próprio corpo;
> 3. essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso (Maingueneau, 2020, p. 14).

Nesse sentido, a construção do ethos, tal como descrita por Maingueneau, não é descontextualizada, uma vez que ela está crucialmente vinculada às condições de enunciação e

de circulação dos discursos. Consequentemente, o trabalho de análise implica a apreciação das diversas instâncias da atividade enunciativa que participam desse processo. O autor postula três instâncias da *cena de enunciação* que interagem fortemente entre si.

A primeira delas, denominada *cena englobante,* situa o discurso em um tipo, como, por exemplo, publicitário, administrativo, didático, etc., do qual decorrem propriedades pragmáticas específicas, tais como o espaço institucional, o estatuto dos participantes, etc. Um discurso do tipo "didático", por exemplo, poderia estar implicado em uma relação entre "aluno" e "professor", dentro de um espaço institucional como o da escola ou da universidade, etc. Assim, um enunciado pode circular em tipos de discursos diferentes, como, por exemplo, o discurso do álbum "Sobrevivendo no Inferno" dos Racionais MC 's, cujas canções decorrem de um discurso em uma cena englobante musical e, depois, são situadas em um discurso literário com a publicação de uma antologia de suas canções em livro.

A segunda instância, a *cena genérica,* compreende as atividades discursivas decorrentes do regime instituído pela primeira. Trata-se dos gêneros discursivos encenados na enunciação, como, por exemplo, dentro de um discurso do tipo didático, existem diferentes gêneros discursivos, tal como a "aula", a "palestra", a "lista de presença", entre outros, que têm uma forma mais ou menos estável e rotinas linguageiras específicas. A cena genérica está ligada a uma rede de sentidos pela qual se presume a imagem do fiador.

A última instância, a *cenografia,* diz respeito ao espaço da própria enunciação do qual emerge o ethos. Maingueneau observa que toda enunciação de um discurso situa o lugar do seu fiador em um tipo e em um gênero do discurso, fazendo-o se adequar a moldes pré-determinados. No entanto, a sua enunciação também constrói esse mesmo lugar, conferindo-lhe uma especificidade própria e legitimidade ao mobilizar elementos em seu texto. Um sermão, por exemplo, pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética, amigável, etc. A cenografia é, portanto, a cena que se constrói por meio de elementos presentes no texto e do modo de enunciação assumido pelo fiador do discurso. A respeito dessa cena, o autor afirma: "a cenografia não é, pois, um quadro, um ambiente, como se o discurso ocorresse em um espaço já construído e independente do discurso, mas aquilo que a enunciação instaura progressivamente como seu próprio dispositivo de fala" (Maingueneau, 2008b, p. 70).

Como mencionado, Maingueneau (2005) compreende que o leitor ou ouvinte tem condições de formar uma representação do sujeito enunciador do discurso a partir de indícios de diversas ordens, extraídos do material linguístico e também do ambiente, que podem ser interpretados de diferentes formas: ora como estratégia, ora como sintoma, etc. Segundo o próprio autor, a análise do ethos deve, portanto, apoiar-se nessas pistas, que vão desde a escolha

do registro e da palavra até o planejamento textual. Assim, fica a critério do analista, em face a seu córpus, a escolha de quais categorias da materialidade linguística privilegiar na análise, tendo em vista aquelas que são mais expressivas e relevantes ao objeto em análise.

Nesse sentido, os discursos de autoajuda mais "gerais" ou mais "tradicionais", por exemplo, apresentam uma forte relação com o uso da modalidade, que está diretamente ligada a um tom *otimista* dos enunciadores, próprio à semântica global do discurso (Brunelli, 2004). Assim, observando-se o comportamento modal no discurso *Red Pill*, hipotetiza-se que a expressão de modalidade também está atrelada ao modelo de semântica global do discurso *Red Pill*, funcionando como um recurso de expressão para dar ordens e orientações.

Desse modo, este trabalho recorre aos estudos funcionalistas sobre a modalidade, uma vez que possuem, particularmente, dispositivos teórico-metodológicos bem estabelecidos, que consideram a modalidade enquanto uma "forma de expressão da subjetividade de um enunciador que avalia e qualifica seu enunciado nos campos semânticos das possibilidades, das obrigações, das capacidades e dos desejos" (Dall'Aglio-Hattnher, 2009, p. 156) e possibilitam uma investigação ampla dessa categoria linguística em uso.

Com base nas razões apresentadas, no próximo item, discute-se a noção de modalidade, suas formas de expressão e as classificações atribuídas a essas formas, sob o ponto de vista do funcionalismo linguístico.

2.3 O CONCEITO DE MODALIDADE

De um modo geral, em Linguística, as modalidades são entendidas como índices da atitude do enunciador em relação ao conteúdo expresso em seus próprios enunciados, de modo que são consideradas como parte da atividade ilocucionária (Koch, 1986, p. 227). Do ponto de vista da AD, os índices da atitude do enunciador não dizem respeito exatamente às intenções do enunciador, mas às restrições relativas a um certo posicionamento discursivo.

Para alguns teóricos de base funcionalista, como Neves (2006), a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o enunciador, o enunciado e a realidade objetiva e, por isso, está presente em todo enunciado. A esse repeito, Cervoni (1989, p.53) afirma que

> a modalidade é constitutiva da significação fundamental, da denotação, ela não tem nada de acrescentado; a frase menos modalizada comporta uma modalidade mínima. Assim, numa frase como: *A terra gira em torno do sol*, uma modalidade é manifestada pelo modo do verbo, o modo indicativo (Cervoni, 1989, p.53).

Nesse sentido, Cervoni (1989) considera que todo enunciado contém uma marca da atitude do enunciador e, portanto, carrega uma modalidade implícita, a qual ele prefere chamar de modalidade inerente à frase. O autor propõe uma separação entre as modalidades de frase, que se classificam em *assertiva*, *interrogativa*, *exclamativa* e *imperativa*, e as modalidades explícitas, que se referem ao eixo da possibilidade, da probabilidade e da certeza. Essa separação reflete a distinção feita por alguns teóricos entre os termos *modalidade* (enquanto modalidade de frase, implícita) e *modalização* (para referir-se ao conceito mais amplo).

Contudo, conforme Castilho (2002), neste trabalho, defende-se que não deve haver distinção entre esses conceitos, uma vez que, segundo o autor, todo enunciado passa pela avaliação do enunciador. Nas palavras do autor:

> [...] há sempre uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que interrogar, ordenar, permitir, expressar a certeza ou a dúvida sobre esse conteúdo etc. Por isso, resolvemos não distinguir modalidade de modalização e, neste texto, esses termos serão empregados sinonimamente (Castilho, 2002, p. 201).

Desse modo, para efeito de operacionalização deste trabalho, opta-se por trabalhar somente com os enunciados que apresentam algum tipo de modalizador em sua materialidade linguística. Assim, como Verni (2019), retoma-se a classificação de Neves (2006) sobre os elementos gramaticais que servem à expressão da modalidade, considerando a grande abrangência de elementos pelos quais a modalidade se evidencia. Para Neves, a modalidade pode ser expressa

a) Por verbos auxiliares modais, como *dever* e *poder*:

(01) Você **deve** ser capaz de ser feliz sozinho, pois a solitude tem um poder devastador (Aires, 2023).[2]

b) Por verbos de significação plena, que indicam opinião, crença ou saber, como *achar, crer, acreditar, imaginar, saber, supor*:

[2] Todos os excertos ao longo do texto foram extraídos do córpus deste trabalho, que compreende três obras, como se verá adiante: *Antiotário* (Aires, 2023); *O Livro das Red Flags* (Schutz, 2021) e *Pílulas de Realidade: autoconhecimento, propósito, dinheiro e mulheres* (Schutz, 2022). A obra de Aires (2023) e Schutz (2021) são livros digitais que não possuem numeração de páginas, por isso, a página em que se encontram os excertos não está indicada.

(02) Se alguém precisa assumir um cargo de destaque, que seja o mais bem preparado, embora eu **acredite** fortemente que o homem deve aprimorar sua habilidade de liderança sempre (Schutz, 2021).

c) Por um advérbio, como *talvez, provavelmente, obrigatoriamente, certamente, realmente* – que podem ou não se associar a um verbo modal:

(03) O pai dela **provavelmente** deve ter sido ausente e ficou uma lacuna masculina de imposição de respeito na formação do caráter dela (Aires, 2023).

d) Por um adjetivo em posição predicativa, como é *(im)possível, é (im)provável, é recomendável*:

(04) **É** praticamente **impossível** melhorar ou salvar uma mulher com questões relacionadas à paternidade que não foram bem trabalhadas (Schutz, 2021).

e) Por um substantivo, como *verdade, possibilidade, opinião*:

(05) A **possibilidade** de tomar uma decisão agora e decidir o rumo da sua história é toda sua (Aires, 2023).

f) Pelas próprias categorias gramaticais de tempo, aspecto e modo do verbo da predicação, que, frequentemente, aparecem associadas a advérbios modalizadores:

(06) Se você tiver apenas pensamentos ruins, **certamente terá** resultados ruins (Aires, 2023).

A partir dos modalizadores classificados por Neves (2006), é possível observar a expressão da modalidade na superfície textual. Nesta análise, adota-se a classificação de modalidade proposta por Hengeveld (2004), baseada no modelo de gramática estruturada em camadas da Gramática Funcional de Dik (1997), adotada também pela Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008). Segundo esse modelo, a estrutura frasal pode ser compreendida e descrita em camadas, o que possibilitou a Hengeveld (2004) uma análise das diferentes instâncias da modalização na linguagem. No item a seguir, apresenta-se em detalhes a proposta do autor.

2.4 A TIPOLOGIA DAS MODALIDADES SEGUNDO HENGEVELD

De acordo com Hengeveld (2004), os enunciadores de um discurso podem manifestar uma qualificação sobre seu enunciado, compreendida à luz de dois parâmetros principais: o *alvo* e o *domínio semântico* da avaliação.

O *alvo* refere-se a uma determinada parte do enunciado para a qual o enunciador orienta a sua avaliação — para *o participante,* para *o evento,* ou para *o conteúdo proposicional* do enunciado. Dessa forma, quando o alvo da avaliação é o participante, ela diz respeito ao vínculo entre um participante descrito no enunciado (ou propriedades dele) e a realização potencial do evento em que ele se insere (Hengeveld, 2004, p.1192). Quando é o evento, ela afeta a parte descritiva de um enunciado, isto é, seu evento (Hengeveld, 2004, p.1192). E, por último, quando o alvo da avaliação é o conteúdo proposicional, ela expressa o grau de comprometimento que o enunciador estabelece em relação à proposição que ele mesmo apresenta (Hengeveld, 2004, p.1192).

O *domínio semântico,* por sua vez, diz respeito a cinco tipos de avaliações: *facultativo, deôntico, epistêmico, volitivo,* e *evidencial.* Cada um desses domínios semânticos refere-se aos campos semânticos da capacidade, da permissão, da certeza, do desejo e da fonte da informação, respectivamente. No entanto, a evidencialidade é tratada como uma categoria distinta em estudos posteriores, o que a exclui do escopo da modalidade (cf. Hengeveld; Dall'Aglio-Hattnher, 2015).

Conforme pode-se observar no quadro abaixo, os domínios semânticos não se manifestam igualmente em todos os três alvos da avaliação. Na sequência, são apresentados os efeitos de sentido possíveis de serem produzidos pelas combinações de *alvos* e *domínios,* que resultam em subtipos modais, conforme as teorizações de Hengeveld (2004).

Quadro 1 — Relação entre domínios semânticos e alvos da modalização

Domínio \ Alvo	**Participante**	**Evento**	**Proposição**
Facultativo	+	+	—
Deôntico	+	+	—
Volitivo	+	+	+
Epistêmico	—	+	+

(Fonte: extraído de Hengeveld, 2004)

Seguindo a ordem de apresentação do quadro, a modalização *facultativa* está ligada ao campo semântico das capacidades (intrínsecas ou adquiridas). Nesse sentido, *a modalidade facultativa orientada para o evento* (07) caracteriza o estado de coisas (doravante EC) em termos das condições físicas ou circunstanciais que viabilizam sua ocorrência. Já a *modalidade facultativa orientada para o participante* (08) descreve a capacidade de um participante de se engajar no tipo de EC designado pelo predicado.

> (07) Se alguém precisa assumir um cargo de destaque, que seja o mais bem preparado, embora eu acredite fortemente que o homem deve aprimorar sua habilidade de liderança sempre. Essa liderança não é pra desmerecer as mulheres, mas pra **poder** assumir o controle da sua própria vida (Schutz, 2021).

> (08) Ela aparenta não ter ciúmes, mas **consegue** te controlar de formas sutis e discretas (Schutz, 2021).

Como pode-se observar, no excerto (07), o verbo auxiliar "poder" está modificando o evento do verbo principal "assumir", avaliando-o em termos de sua potencialidade de se concretizar. Já no excerto (08), a orientação modal recai sobre o participante do enunciado ("ela"), que é avaliado em termos de sua capacidade de concretizar o evento "te controlar de formas sutis e discretas".

Por sua vez, a modalização *deôntica* vincula-se ao domínio semântico das obrigações, proibições e permissões. Dessa forma, a *modalidade deôntica orientada para o participante* (09) expressa a avaliação do enunciador sobre o participante em termos de obrigação ou a permissão para se envolver no tipo de EC designado pelo predicado, enquanto a *modalidade deôntica orientada para o evento* (10) caracteriza a avaliação do enunciador sobre o EC em termos do que é obrigatório ou permitido dentro de algum sistema de convenções morais ou legais, que representam regras gerais de conduta, conforme é possível observar por meio dos seguintes excertos:

> (09) Ela **deve** jogar no seu time, jamais contra você (Schutz, 2021).

> (10) Atualmente, mais do que nunca, o casamento **deve** ser levado como uma decisão de extrema importância na vida, pois as leis matrimoniais e do direito de família são pontos que pesam bastante para o lado do homem (Aires, 2023).

No excerto (09), observa-se que o participante do enunciado ("ela") é avaliado pelo verbo auxiliar "dever", que expressa a obrigação do participante em "jogar no seu time". Em

(10), observa-se que o verbo auxiliar “dever” está modificando o verbo principal “ser”, indicando uma obrigação de que o evento “casamento” realize-se conforme um conjunto de regras morais internas à subjetividade do enunciador, segundo as quais o casamento é “uma decisão de extrema importância na vida”.

Já a modalização *volitiva* está relacionada ao domínio semântico do desejável — segundo a avaliação do enunciador. Quando a modalidade *volitiva* é *orientada para o participante* (11), ela exprime o desejo de um participante de se envolver no tipo de evento designado pelo predicado. Quando *orientada para o evento* (12), ela caracteriza eventos em termos do que é geralmente desejável ou indesejável. E, quando *orientada para a proposição* (13), a fonte da atitude volitiva é o próprio enunciador.

> (11) Quando a mulher pede um tempo, é por três motivos fundamentais: 1. Ela **quer** saber se o outro é melhor do que você. 2. Ela **quer** terminar, não tem coragem e **quer** usar isso como desculpa pra se afastar até vocês ficarem cada vez mais distantes. 3. Ela **quer** aproveitar esse tempo para fazer coisas de solteira sem peso na consciência (Aires, 2023).

> (12) Se a pessoa não **quer** deixar claro que está com alguém fixo, ela **quer** manter suas opções abertas, simples assim. Exemplos claros são fotos de casal no perfil do cara e foto solo no perfil da mulher (Schutz, 2021).

> (13) CHEGAMOS AO ÚLTIMO CAPÍTULO DO LIVRO, à última pílula. Antes de prosseguir, **quero** que releia com atenção as três citações acima e reflita por alguns instantes (Schutz, 2021).

Observa-se no excerto (11) que os verbos “querer” estão em posição de verbo auxiliar, avaliando os participantes (expressos nos pronomes “ela”) em termos dos seus desejos: ela quer saber, ela quer terminar, etc. No excerto (12), o substantivo “pessoa” faz uma referência genérica aos seres humanos e, portanto, é um substantivo impessoal. Assim, o verbo auxiliar “querer” avalia o evento contido nos verbos principais em termos da desejabilidade de sua concretização.

Em relação ao excerto (13), abre-se aqui um parênteses para um aprofundamento na apresentação da modalidade volitiva orientada para a proposição. Estudos posteriores, como Hengeveld e Mackenzie (2008) e Olbertz e Gasparini-Bastos (2013), questionam a ideia de uma modalização volitiva orientada para a proposição, uma vez que os Conteúdos Proposicionais só podem ser avaliados em termos de sua veracidade ou falsidade, o que não cabe ao escopo da modalidade volitiva, que se preocupa com a desejabilidade de um Estado de Coisas ou a avaliação de um participante por meio do seu desejo. Assim, entende-se que, em casos como

(13), o enunciador se coloca como participante do enunciado e, portanto, as ocorrências desse tipo serão tratadas como casos de modalidade volitiva orientada para o participante.

Por fim, retomando a apresentação do quadro, a modalização *epistêmica* está ligada ao domínio semântico das possibilidades e das certezas e relaciona-se à manifestação de *certeza* do enunciador. *A modalidade epistêmica orientada para o evento* (14) caracteriza o EC em termos da possibilidade (ou impossibilidade) de sua ocorrência à luz do que se sabe sobre o mundo. Hengeveld (2004) prefere chamar essa última modalidade de *epistêmica objetiva*, porque ela denota a realidade objetiva com base no conhecimento de mundo do enunciador. Já a *modalidade epistêmica orientada para a proposição* (15) é também chamada de *modalidade epistêmica subjetiva*, porque ela marca o grau de certeza do enunciador e o seu comprometimento com a proposição contida em seu enunciado.

> (14) Vícios **podem** dominar a vida de uma pessoa, suas escolhas e seus diálogos. Vícios, no geral, são autodestrutivos (Schutz, 2021, p. 31).

> (15) Aprenda a lição logo no início e tenha tolerância zero com pessoas que estão **notadamente** apenas querendo te fazer de palhaço (Aires, 2023, p. 22).

Em (14), observa-se que o verbo auxiliar “poder” expressa a possibilidade do evento se concretizar. Nesse enunciado, “vícios” é um substantivo abstrato que é entendido como parte do evento e não pode ser lido como um participante. Em outras palavras, o enunciador está dizendo que o evento “ter a vida dominada por vícios” é possível. Já em (15), a proposição “as pessoas estão querendo te fazer de palhaço” é modificada pelo advérbio “notadamente”, indicando um comprometimento do enunciador com um grau elevado de certeza sobre o conteúdo proposicional do seu enunciado.

No próximo capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos realizados para a construção do córpus, para a análise do ethos e para a identificação dos estereótipos de gênero, a partir das pistas linguísticas fornecidas pelas obras, que são apresentadas a seguir.

3. CÓRPUS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo dedica-se à apresentação do contexto de emergência do discurso *Red Pill* e à caracterização do processo de construção do córpus, das obras selecionadas e dos procedimentos metodológicos adotados. No tópico 2.1, é abordado o discurso *Red Pill* a partir de uma pesquisa bibliográfica que localiza sua emergência e percurso histórico desde os anos 1970 até os dias atuais. No tópico 2.2, é apresentado em detalhes o processo de construção do corpus, explicitando algumas opções metodológicas, que dizem respeito diretamente aos objetivos de pesquisa. No tópico 2.3, as obras do córpus são descritas, familiarizando o leitor com as estruturas e os recursos linguísticos fundamentais para compreender as obras.

3.1 A EMERGÊNCIA DO DISCURSO RED PILL

Segundo Messner (2016), a década de 1970 nos Estados Unidos foi marcada por grande desigualdade de gênero em todas as instituições (como no Estado, no exército, na medicina, entre outros), de modo que, à epoca, surgiu um movimento político pela liberação das mulheres, que se organizava em muitas frentes, em conjunto com outros movimentos por justiça social (como o movimento negro, gay, etc.), mas sempre do lado de fora desses espaços dominados por homens. Nesse contexto, houve uma reação masculina ao movimento feminino que culminou em um movimento pela libertação masculina. Inicialmente, inspirados pela segunda onda do feminismo[3], os ativistas pela libertação masculina tinham o objetivo de questionar e de desconstruir as normas tradicionais de masculinidade e, assim, foram organizados grupos de apoio às mulheres e de conscientização sobre as pautas feministas.

No entanto, o que logo se observou foi o desenvolvimento de um conflito interno nesse movimento, que dividiu os ativistas masculinos entre grupos pró-feministas, que apoiavam a causa das mulheres, e grupos anti-feministas, que discordavam da premissa de que os homens se beneficiam do patriarcado, argumentando que os homens também sofrem com as expectativas sociais da masculinidade e, desse modo, faz-se necessário uma luta pelos "direitos dos homens" (Messner, 2016).

[3] "As ondas do feminismo" é uma noção que corresponde à periodização histórica das atividades do movimento feminista. Assim, "a segunda onda" corresponde a um período que começa por volta de 1960 e termina no fim da década de 1980 nos Estados Unidos. Essa periodização em "ondas" é amplamente utilizada entre os(as) teóricos(as) pós-estruturalistas e feministas para contextualização do período histórico, mesmo reconhecendo que essa classificação possui limitações em abarcar a complexa trajetória do movimento ao longo do tempo.

No final da década de 1970 e no início da década de 1980, a retórica da defesa dos "direitos dos homens" alegava que eles seriam as verdadeiras vítimas da prostituição, da pornografia, de normas culturais de namoro, de convenções sexistas na mídia, de acordos de divórcio, de falsas acusações de estupro, de assédio sexual e de violência doméstica. Segundo Messner (2016), essa retórica persiste até os dias de hoje, uma vez que os indivíduos da contemporaneidade tendem a experienciar o feminismo em todo lugar e em lugar algum. Em outras palavras, o autor afirma que os valores do feminismo liberal foram institucionalizados e passaram a permear a cultura popular, de tal modo que o feminismo está em todo lugar; ao mesmo tempo, como não se vêem mais movimentos feministas em massa nas ruas, nem se sente a necessidade deles, o feminismo não se encontra em lugar algum (Messner, 2016).

Com o passar dos anos, a defesa do "direito dos homens" passou por transformações significativas, migrando para o ambiente online e se consolidando em uma comunidade, chamada de *manosfera*, dispersa em fóruns, blogs, canais do *Youtube*, e redes sociais. Segundo Ging (2017), o termo surgiu, inicialmente, em 2009 em um blog para descrever uma rede de plataformas e conteúdos online com foco em interesses masculinos. Posteriormente, a palavra ganhou notoriedade, tornando-se popular por meio de Ian Ironwood, autor do livro *The Manosphere: A New Hope for Masculinity*, e da mídia, que aderiu a ela para se referir a esse conjunto de grupos variados.

A *manosfera*, então, é um termo abrangente para designar uma série de grupos e de posicionamentos discursivos, dentre os quais, segundo Ging (2017) e Nagle (2015), os principais são:

a) os Ativistas pelos Direitos dos Homens (do inglês, *Men's Rights Activists* ou *MRAs*), que fomentam discussões sobre o divórcio, a guarda dos filhos e a violência doméstica contra homens, argumentando como o sistema jurídico é tendencioso contra os homens;

b) os MGTOWs, os *Homens que seguem seu próprio caminho* (do inglês, *Men Going Their Own Way*), que pregam um estilo de vida em que os homens devem se separar completamente das mulheres, evitando qualquer relação, uma vez que, segundo sua visão, as relações com mulheres são prejudiciais aos homens;

c) os PUAs (do inglês, *Pick-up Artists*), os *Artistas da sedução*, que se preocupam em discutir e ensinar técnicas de sedução e manipulação para que os homens consigam

conquistar mulheres. Parte desse grupo se engaja em discursos antifeministas, enquanto outra parte se concentra apenas no aspecto comercial da sedução;

d) os Cristãos Conservadores Tradicionais, também chamados de *TradCons* (do inglês, *Traditional Christian Conservatives*), que propagam uma visão tradicionalista da família e dos papéis de gênero, baseada em princípios religiosos;

e) grupos pulverizados online ligados à cultura *Gamer, Geek* e *Hacker*, que se identificam com a *manosfera* e simpatizam com ideias antifeministas, expressando hostilidade em relação às mulheres que participam do mundo online.

Além desses grupos mais ou menos definidos, existem conceitos que integram a *manosfera* e fazem parte do seu vocabulário, enquanto formas pelas quais os homens discutem sua masculinidade e sua forma de se relacionar com mulheres a partir de um ponto de vista muito próprio, como, por exemplo:

→ *Alpha, Beta, Ômega* e *Zeta*: são palavras que designam tipos de homem e estão ligadas a uma visão particular de mundo que preconiza uma suposta hierarquia entre os homens, fortemente influenciada por ideias da psicologia evolucionária e um certo determinismo biológico. Para essa "teoria", os homens *alpha*, por exemplo, são naturalmente dominantes e, por conseguinte, são os mais cobiçados pelas mulheres, uma vez que as próprias mulheres são, supostamente, programadas biologicamente para se reproduzir com esses homens;

→ *Chad, Virgin, Stacy, Becky:* essas palavras referem-se a apelidos dado às pessoas (os dois primeiros para homens, e os outros dois para mulheres), que designam estereótipos de gênero sobre o seu desempenho sexual e social. *Chad* seria o estereótipo de homem que seria popular, sociável e muito atraente para as mulheres. *Virgin*, como o nome sugere, refere-se ao estereótipo de um homem introvertido, de poucos amigos, que é considerado feio ou pouco atraente. O mesmo vale para o par de estereótipos do sexo feminino, designado por *Stacy* e *Becky*. Nesse sentido, essas são palavras ligadas a uma visão de mundo que, como a anterior, refletem uma maneira distorcida e simplificada de se compreender a complexidade das relações de gênero.

→ Os *Incels* (*Involuntary Celibates*), ou em português *Celibatários Involuntários*, são homens que se sentem frustrados e ressentidos em relação às mulheres por não conseguirem ter relações sexuais e as culpam por sua situação (Lima-Santos e Santos, 2022);

→ Por fim, as "pílulas" (e suas cores) são termos metafóricos empregados para discutir e avaliar as diferentes posturas que os homens assumem em relação às mulheres e o mundo. A *Blue Pill*, por exemplo, é usada para fazer referência a um tipo de homem, cujas atitudes e crenças refletem que ele ainda "não acordou para a realidade" e, portanto, desconhece a "verdadeira" natureza feminina. A *Black Pill*, por sua vez, refere-se aos homens que chegaram a um estágio de extremo pessimismo e desilusão, em que já não acreditam mais na possibilidade de alcançar a felicidade. A *Black Pill* é reconhecida, mesmo entre os integrantes da *manosfera*, como um discurso perigoso que alimenta sentimentos de desespero, isolamento e raiva, podendo deixar consequências psicológicas graves nesses homens que já estão, muitas vezes, vulneráveis.

Como se pode observar, a maneira de pensar e agir própria do universo da *manosfera* não é inofensiva. Para além da violência simbólica perpetuada pela misoginia, pela homofobia e por outros preconceitos gestados por esses discursos, as (poucas) pesquisas sobre a *manosfera* apontam que tais discursos incitam assédio e violência contra as mulheres dentro e fora do mundo virtual (Marwick, Caplan, 2018; Van Valkenburhg, 2021). Dois casos extremos que demonstram o potencial nocivo desses discursos são os massacres de Isla Vista nos Estados Unidos, em 2014[4], e em Toronto no Canadá, em 2018[5], executados por homens em um estágio de completa radicalização e alienação da realidade.

Em particular, esse modo de categorizar as masculinidades e as formas de se relacionar com as mulheres em "pílulas" vem de uma analogia com o filme de 1999, *The Matrix*. No filme distópico, o protagonista, Neo, é confrontado com uma escolha de tomar uma pílula azul ou uma pílula vermelha. Tomar a pílula azul significa viver uma vida de ilusão dentro do simulacro da Matrix (daí, a *Blue Pill*) e tomar a pílula vermelha significa despertar para a realidade e encarar as verdades cruas da vida. "Tomar a pílula vermelha", dentro da narrativa Red Pill, consiste em "despertar" para as verdades que o feminismo (ou a sociedade) ocultam dos

---

[4] "California drive-by shooting". Disponível em: http://www.nytimes.com/2014/05/25/us/california-drive-by-shooting.html

[5] "On Social Media's Fringes, Growing Extremism Targets Women". Disponível em: https://www.nytimes.com/2018/05/09/world/americas/incels-toronto-attack.html

homens, sobretudo a “misandria” e “lavagem cerebral do feminismo", que, segundo eles, fazem do homem a verdadeira vítima dos problemas sociais contemporâneos. Com essa analogia, a “filosofia” *Red Pill* tornou-se uma bandeira comum entre os variados grupos da *manosfera*, funcionando como um meio de gerar consenso e pertencimento entre os elementos divergentes (Ging, 2017).

No contexto brasileiro, percebe-se um crescimento no número de influenciadores e de conteúdo online sobre masculinidade e relacionamentos, que se respaldam no discurso *Red Pill*. No início de 2023, a grande mídia brasileira deu atenção ao problema, quando uma atriz famosa nas redes sociais sofreu ameaças de um “coach para homens”, que se diz ligado à filosofia *Red Pill*.[6] A despeito da relevância e da repercussão social desse discurso, há uma carência de produções acadêmicas sobre o tema, especialmente em língua portuguesa. Nesse sentido, o presente trabalho pode ajudar a ampliar a compreensão sobre a produção *Red Pill* brasileira, analisando alguns dos seus aspectos linguísticos e discursivos que, por sua vez, podem contribuir para revelar alguns dos motivos pelos quais esse discurso tem se proliferado no Brasil. Para embasar essa análise, no próximo capítulo, são apresentados os conceitos teóricos fundamentais, iniciando pela noção de ethos.

3.2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CÓRPUS

Em um primeiro contato com o discurso *Red Pill*, tem-se a impressão de que se trata de um discurso que circula predominantemente no mundo virtual, por meio de *posts*, imagens e vídeos *online*. No entanto, também encontram-se livros (físicos ou digitais), que recuperam uma relação interdiscursiva entre o discurso *Red Pill* e outros discursos de aconselhamento, como a autoajuda, por meio da própria estrutura (ou gênero) dos livros. Nesse sentido, esta investigação opta pela análise dos livros, uma vez que estes parecem ser uma entrada interessante para a investigação do discurso, considerando-se a forte tradição bibliográfica dos discursos de aconselhamento, em que a estrutura das obras e as formas de enunciar são relativamente estabilizadas. Desse modo, neste capítulo, também são apontadas algumas semelhanças entre as obras *Red Pill* e discursos de aconselhamento ou autoajuda, ao longo da apresentação do córpus, que são retomadas em capítulo posterior sobre o ethos.

---

[6] “Atriz registra boletim de ocorrência após receber ameaça de morte de coach e influencer Thiago Schutz”. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/02/27/atriz-registra-boletim-de-ocorrencia-apos-receber-ameaca-de-morte-de-coach-e-influencer-thiago-schutz.ghtml

Considerando-se que o foco desta pesquisa é o discurso *Red Pill* no contexto brasileiro, notou-se, logo no início do processo de constituição do córpus, que havia poucas obras que se ligam ao discurso *Red Pill* em português brasileiro: foram encontradas apenas sete obras originais em português (excluindo-se as obras traduzidas e oriundas do estrangeiro). Dentre as obras encontradas, um número considerável (três obras) apresenta *Red Pill* no nome, sem, no entanto, apresentar as mesmas características do discurso, como é o caso de *Um copo de Red Pill* de Alexandre Costa, e *Bitcoin Red Pill*: *o renascimento moral, material e tecnológico* de Renato Amoedo e Alan Schramm, que foram excluídas do córpus por enfatizarem temas relacionados à política no Brasil e no mundo, sob uma perspectiva negacionista e reacionária, deixando de lado o tom de aconselhamento e os temas essenciais ao discurso *Red Pill*, como a masculinidade, a relação masculina com as mulheres e os papéis de gênero na atualidade.

Inicialmente, a obra *Jogo do Texto Red Pill*, de Jake Janeiro, fora incorporada ao córpus, mas o desenvolvimento das análises levou a sua remoção, uma vez que, embora apresentasse *Red Pill* no nome, tivesse tom de aconselhamento e apresentasse os temas fundamentais ao discurso *Red Pill*, a obra é mais representativa do discurso de um outro grupo específico da manofera: os Pick-Up Artists (PUA), ou artistas da sedução. Como mencionado, os PUA são um grupo de homens da manosfera que se preocupam especificamente em discutir formas com que os homens possam conquistar o maior número possível de mulheres, visando, em última instância, obter encontros e relações sexuais. Como se verá mais adiante, essa não é uma característica que define o discurso *Red Pill*.

Embora sejam necessárias investigações futuras para compreender o uso do termo *Red Pill* por discursos significativamente diferentes, como daquelas duas primeiras obras que foram descartadas do córpus, pode-se observar que tais obras apresentam seus posicionamentos de "oposição ao sistema", uma forma de desafiarem os valores, as normas ou as práticas de discursos dominantes da atualidade, de maneira muito mais reacionária do que revolucionária, assim como é o caso do discurso *Red Pill*, que apresenta os homens como vítimas de uma sociedade de mulheres, invertendo a lógica do discurso feminista institucionalizado. Basta lembrar que *Red Pill* é a metáfora do despertar para a realidade, vinda do filme *Matrix*, para inferir que o termo oferece uma certa "representatividade" a esses grupos radicalizados que se sentem excluídos (ou ressentidos) das mudanças sociais ou políticas da atualidade. Nesse sentido, pode-se inferir que o uso do termo se generalizou entre os movimentos reacionários e conservadores, sem necessariamente qualquer ligação com um discurso sobre a masculinidade ou as mulheres.

Portanto, para serem selecionadas para este córpus, as obras apresentam as seguintes características:

a) são produzidas em português brasileiro;
b) apresentam o tom de aconselhamento;
c) discutem temas próprios do universo *Red Pill*, como a masculinidade, a relação entre homens e mulheres;
d) possuem autores com influência nas redes sociais.

A partir desses critérios, o processo de seleção das obras culminou em um córpus composto por três livros: *Antiotário* de Rafael Aires (2023), *Livro das Red Flags* de Thiago Schutz (2021), e *Pílulas de Realidade: Autoconhecimento, propósito, dinheiro & mulheres,* de Thiago Schutz (2022). As três obras escolhidas foram produzidas em português brasileiro, e discutem temas próprios do universo *Red Pill*, buscando aconselhar seus leitores e seus autores possuem certa adesão nas redes sociais brasileiras. Para se ter ideia, um dos autores, Rafael Aires, autor de "Antiotário", possui 808 mil seguidores em apenas um dos seus perfis online.

3.3 DESCRIÇÃO DAS OBRAS DO CÓRPUS E DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Figura 1 — Capas das obras selecionadas para o córpus

Fonte: imagens extraídas da internet

As três obras revelaram muitas características comuns entre si sob diversos aspectos, tanto do ponto de vista dos temas, quanto da estrutura das obras. Dentre os diversos aspectos

convergentes, pode-se verificar, por exemplo, certa similaridade em relação aos objetivos das obras: em *Antiotário,* o enunciador declara que sua obra "contém ensinamentos para que você [leitor masculino] não seja feito de otário nos dias atuais" (Aires, 2023). Em *Pílulas de Realidade*, o enunciador afirma que "como a maioria dos homens ainda deposita grande foco de suas vidas nas mulheres e nos relacionamentos, torna-se necessário explicar a dinâmica do comportamento feminino para evitar armadilhas que vão atrapalhar a caminhada masculina" (Schutz, 2022, p.11). Já no *Livro das Red Flags*, o enunciador adverte que "namorar ou casar com uma mulher com *Red Flags* pode arruinar sua vida" e, sabendo disso, o enunciador se propõe, por meio do livro, a "abrir os olhos" do leitor (Schutz, 2021). Assim, de maneira geral, pode-se afirmar que os enunciadores se propõem a "salvar" seus leitores das armadilhas que as mulheres ou as dinâmicas entre gêneros da atualidade posam aos homens. Em outras palavras, como a metáfora da pílula vermelha sugere, os enunciadores buscam "despertar" os homens para a "realidade", advertindo sobre as "armadilhas" das mulheres, e guiá-los para, de alguma forma, melhorarem as suas vidas. Essa característica das obras selecionadas para esta investigação está em consonância com outros trabalhos (Ging, 2017; Nagle, 2015; e outros) que apontam essas características como comuns ao discurso *Red Pill*.

Essa característica encontra-se particularmente presente na representação visual das capas das obras do córpus. Na Figura 1, à direita, observa-se a capa de *Pílulas de Realidade*, em que uma paisagem natural sob um filtro cinza se rompe, tal como um papel de parede, para exibir o título do livro em um fundo vermelho. Por meio desta representação visual, a capa faz referência à ideia de "despertar para a realidade". A paisagem natural e serena em cinza se rompe para revelar o título do livro em cores, tal como na cena emblemática do filme "Show de Truman" de 1998, em que o protagonista descobre que sua realidade é, na verdade, um palco montado dentro de um estúdio de televisão. A "fenda na matrix" em que o título do livro aparece conota um caminho para o leitor em que a vida tem mais cores.

Na Figura 1 ao centro, a capa de *Antiotário* exibe o busto de um homem (a parte nobre do corpo, ligada à razão), cujos olhos brilham raios vermelhos e cujas feições apresentam traços tipicamente masculinos, como o cabelo raspado, a barba, o maxilar e os músculos delineados. Os olhos vermelhos, assim como o título da obra, remetem à ideia de algum tipo de super-herói e ao poder que as pílulas vermelhas têm para abrir os olhos dos homens e "empoderá-los". A posição do título sobre o peito da figura também reforça essa interpretação. Assim, a representação visual da capa remete à ideia da corporalidade deste homem "antiotário", que é discutida em detalhes no capítulo sobre o ethos.

Por sua vez, a capa do *Livro das Red Flags,* composta apenas de tons de vermelhos e círculos, apresenta uma capa objetiva, sem uma representação visual metafórica ou alegórica, com exceção da cor vermelha, em referência a *Red Flags* e *Red Pill*. Pode-se inferir que esta apresentação da obra busca transmitir certa aparência de objetividade e modernidade, características dos discursos de aconselhamento, em que os enunciadores são "especialistas" em determinado assunto, capazes de oferecer conhecimentos que podem ajudar a qualquer um a melhorar de vida, desde que use da sua racionalidade. A ideia de "30 comportamentos femininos que podem arruinar sua vida" alinha-se à ideia de "lições simples e objetivas para mudar a sua vida", que está ligada à pretensão dessa racionalidade e objetividade que pode ajudar os sujeitos confusos com a *modernidade líquida*. Assim como a obra *Pílulas de Realidade*, a representação visual mais sofisticada da capa, do ponto de vista técnico de sua produção, parece almejar certo apelo comercial, uma vez que a qualidade técnica de uma obra pode impactar a percepção da qualidade do seu conteúdo.

No tocante à estrutura das obras, também se verificam semelhanças: todas possuem capítulos curtos sobre tópicos diferentes, sem linearidade. Em *Antiotário,* cada capítulo é nomeado por um número e por um enunciado, geralmente de polo negativo e modo imperativo, como "01. Não fique de conversa fiada com qualquer uma". Em *Livro das Red Flags*, os enunciados dos títulos dos capítulos são majoritariamente constituídos por um predicativo do sujeito que qualifica as mulheres, representadas pelo pronome "ela", como em "01. Ela é violenta" ou "05. Ela é feminista". Por sua vez, em *Pílulas de realidade*, cada capítulo é uma "pílula", isto é, uma lição curta para expor "uma verdade" ao seu leitor, como por exemplo "Pílula 1: Entendendo a *Red Pill*".

Como se pode notar, as metáforas são um recurso valioso para o discurso *Red Pill*. Na perspectiva da linguística cognitiva, as metáforas não são apenas figuras de linguagem, no sentido da gramática tradicional. Segundo Lakoff e Johnson (1980), o sistema conceptual humano é metafórico em natureza, influenciando as formas pelas quais os sujeitos pensam e agem. Nesse sentido, a metáfora não é apenas uma linguagem poética, mas uma forma pela qual a linguagem reflete e estrutura o real e o discursivo.

Em termos discursivos, as metáforas vão ajudar a construir o universo do discurso *Red Pill* e a posição de autoridade dos sujeitos enunciadores, conforme discute-se no capítulo sobre o ethos. O leitor pode observar que, no caso da obra *Pílulas de Realidade,* ao denominar cada capítulo uma "pílula", o enunciador estabelece uma metáfora, em que as "lições" dos capítulos são verdades sobre a masculinidade e os papéis de gênero, que podem "curar" seus leitores e "despertá-los para a realidade". O uso da metáfora aparece em vários momentos das obras.

Apenas para citar outros exemplos, o enunciador de *Pílulas de Realidade* cria o conceito de "valor sexual de mercado", que dita, numa perspectiva mercadológica, a forma pela qual o discurso compreende a relação entre homens e mulheres; ele também chega a chamar seus leitores de "companheiros de trincheira", conotando uma guerra entre homens e mulheres; entre outros exemplos.

Além desses aspectos mencionados, no campo linguístico, também pode-se notar outras similaridades entre as obras, por exemplo:

a. Uso de perguntas retóricas

Outro recurso linguístico também muito utilizado para criar a sensação de aproximação com seu leitor é o uso das perguntas retóricas, que dá um tom informal de conversa com seu leitor. Essa estratégia discursiva, assim como o uso da linguagem informal, parece contribuir para a incorporação do enunciatário ao discurso e configurar uma cenografia dialogal das obras.

> (16) **Imagina, você assume uma criança e 10 anos depois descobre que não é seu filho e ainda é obrigado a pagar pensão mesmo esse filho não sendo seu?** Pois é, isso é uma infeliz realidade e acontece com mais frequência do que você pode imaginar (Aires, 2023).

b. O uso de linguagem formal e informal

A linguagem das obras segue a norma culta do português brasileiro e apresenta um aspecto formal, mas pode-se observar com frequência o uso de gírias e expressões chulas que indicam um uso de linguagens formal e informal de maneira específica. Por um lado, pode-se inferir que a posição de um lugar de saber dos enunciadores exija (ou pelo menos, se apoie em) uma linguagem mais formal. Por outro lado, o uso de gírias e de expressões chulas está diretamente relacionado com normas de masculinidade e com estereótipos que reforçam papéis de gênero, criando uma identificação com os homens e a impressão de uma cenografia dialogal, que aproxima o enunciador de seu leitor.

> (17) Bicho, barzinho e balada é o cume do monte da hipergamia. São horas de cabelo, roupas e maquiagem para se expor para outros homens. Não caia nesse papo de que mulher se arruma para ela. Mulher se arruma para achar o BBD (Big Better Deal), ou a melhor oferta que ela puder. Lá vai ter cara ostentando status, grana e bebida pra encher os olhos da mulherada (Schutz, 2021).

c. A cadeia referencial dos objetos do discurso

Todas as obras utilizam as mesmas formas de referenciação às mulheres, normalmente representadas pelo pronome “ela(s)” ou pelo substantivo “mulher(es)”, que pode aparecer em um sintagma nominal acrescido de um adjetivo ou equivalente (uma oração adjetiva ou um adjunto adnominal), como em “mulheres que estão fazendo ‘cu-doce’” (Aires, 2023), “mulher com questões relacionadas à paternidade” (Schutz, 2021), ou “mulher violenta” (Schutz, 2022). Essa maneira de se referenciar às mulheres produz um objeto do discurso que é referenciado majoritariamente sob uma perspectiva negativa, o que reforça a leitura de que o discurso *Red Pill*, para além de misógino, é um discurso que mantém certa relação interdiscursiva com o discurso feminista institucionalizado.

Nessa mesma perspectiva, “o leitor" e “os homens” são objetos do discurso caracterizados de forma diferente das mulheres. O leitor, por exemplo, é referido por vocativos positivos, como “meu amigo”, “meu guerreiro”, “meu caro”, entre outros (Schutz, 2022). Por outro lado, a obra *Antiotário* não apresenta vocativos para o leitor, o que parece indicar certo distanciamento na relação entre enunciador e enunciatário.

Já em relação ao masculino, os homens são referidos por “homem(ns)”, “ele(s)”, “cara”, “brother” (Schutz, 2022) sem uma avaliação, por meio de adjetivo ou predicado, sobre seu caráter. Há, apenas, uma indicação de características reivindicadas ou rejeitadas pelo discurso, mas que são tomadas como aspectos externos ao homem — e não intrínsecos, como é o caso da mulher:

> (18) Outra forma ainda mais simples de desenvolver esse status social é ser bom ou conhecido por alguma coisa dentro de uma simples roda de amigos. Se você é famoso por alguma coisa, já é superior aos medíocres. As pessoas te introduzem como "**o cara dos investimentos**" ou "o **brother** que lançou uma música no Spotify semana passada", por exemplo? Ser respeitado por outros homens faz com que as mulheres apreciem ainda mais o seu valor. Ouse e saia da bolha (Schutz, 2022, p. 43).

> (19) [as mulheres] Utilizam a igreja para se esconder atrás de uma máscara de boa samaritana, colocar o passado “debaixo do tapete” e viver como se nada tivesse acontecido para conquistar um relacionamento sério com um **cara desavisado**, geralmente da própria igreja, pois é mais fácil de aceitar o seu passado devido à doutrina religiosa (Aires, 2023).

d. Estereótipos de gênero

Ao longo das obras, os enunciados fazem referência a valores (rejeitados ou reivindicados pelo discurso) que se ligam a estereótipos tradicionais de gênero. No excerto abaixo, pode-se observar que a oposição masculino e feminino aparece explicitamente ligada à oposição razão e emoção:

> (20) O aspecto feminino do homem pode dominá-lo e torná-lo emotivo, passional e subjetivo. O aspecto masculino da mulher pode dominá-la e torná-la fria, objetiva e masculinizada. Em ambos os casos, a pessoa deixa de ser atraente para o sexo oposto (Schutz, 2022, p. 53).

Essa oposição entre "homem racional" e "mulher emotiva" constitui uma representação do masculino e do feminino ancorada em um conjunto de características cristalizadas no imaginário social. Essa representação estereotipada sustenta uma representação dos papéis sociais de gênero, que é reproduzida no discurso *Red Pill*. Esse aspecto do ethos é retomado com mais detalhes no capítulo sobre o ethos.

e. Uso da modalidade

Partindo da premissa de que o discurso *Red Pill* possui alguma relação com os discursos de autoajuda, partindo da *liquefação* dos papéis de gênero na contemporaneidade, busca-se compreender o comportamento dessa categoria linguística em outros trabalhos que abordam diretamente a modalidade na literatura de autoajuda (Brunelli, 2004; Furlan, 2013; Ueda, 2014; Brunelli et al, 2019; e Verni, 2019). De acordo com a bibliografia consultada, os livros de autoajuda, em geral, caracterizam-se como um conjunto de ensinamentos e orientações voltadas a determinado público. Nesse sentido, o domínio semântico deôntico (relacionado à ordem, à permissão e à proibição) é comumente verificado nas análises, caracterizando o discurso com um tom autoritário, ainda que suavizado pelo emprego de outros recursos que amortizam a força impositiva dos seus enunciados.

De acordo com Brunelli (2004), o discurso de autoajuda voltado para sucesso profissional e financeiro, um dos precursores no Brasil, sustenta a tese de que o leitor é plenamente capaz de obter sucesso e prosperidade por meio de atitudes e de pensamentos

positivos. Assim, nesse tipo de autoajuda, as avaliações facultativas exercem uma função diretamente ligada a um traço semântico, que se reflete no ethos: elas configuram um tom otimista e confiante, marcado por uma crença inabalável nas próprias capacidades de alcançar o objetivo desejado. Esse traço do sistema de restrições semânticas global é justamente o que dá autoridade aos enunciadores e suporte à promessa de mudar a vida dos seus leitores.

Em outras pesquisas, como em Furlan (2013), sobre autoajuda para adolescentes, e Ueda (2014), sobre autoajuda para a terceira idade, as avaliações facultativas exercem funções diferentes, uma vez que já não estão ligadas a um tom do ethos.

Na autoajuda "mais tradicional", o tom *confiante* do enunciador é marcado por meio do emprego de modais epistêmicos, segundo Brunelli (2004). Como mencionado, os modais epistêmicos estão relacionados ao campo das (im)possibilidades e das (in)certezas. Desse modo, ao realizar uma avaliação epistêmica orientada para um evento, o enunciador expressa suas dúvidas sobre eventos, apresentando-as como verdades que independem de sua avaliação, sem comprometer-se com sua enunciação. Quando realiza uma avaliação orientada para o conteúdo proposicional, o enunciador expressa certeza, comprometendo-se com seus enunciados. Em ambos os casos, o emprego modal reforça o tom *confiante* e *assertivo*, preservando sua imagem de detentor do conhecimento diante do leitor. Da mesma forma, nesse tipo de autoajuda, encontram-se muitas asseverações (enunciados sem modalização explícita), que caracterizam um tom *convicto*, caracterizado pela convicção absoluta sobre as (supostas) verdades dos seus enunciados, sem deixar espaço para dúvida (Brunelli, 2004).

Por outro lado, o emprego de modais epistêmicos é observado exercendo uma outra função na literatura de autoajuda voltada para adolescentes e para a terceira idade: quando o enunciador expressa dúvida por meio da modalização epistêmica orientada para o evento, ele o faz de forma a se aproximar das inseguranças do leitor e dar um tom mais *empático* e *acolhedor* ao ethos.

O domínio semântico volitivo, por sua vez, tem pouca expressividade nas pesquisas sobre autoajuda consultadas. Os poucos casos encontrados expressavam desejos e expectativas que poderiam ser lidos como uma ordem indireta, funcionando como um recurso para suavizar o tom autoritário. Como pode-se observar pelos trabalhos anteriores, embora haja certa semelhança entre os diferentes tipos de autoajuda, as avaliações modais recebem ênfase e empregos diferentes, de acordo com os traços semânticos próprios a cada discurso.

Considerando-se as especificidades do discurso *Red Pill*, os planos do discurso que se mostram mais relevantes para explorar e compreender o funcionamento do discurso *Red Pill* e a construção do seu ethos são a modalidade, os estereótipos de gênero e as cenas de enunciação.

A partir da definição desses planos, inicia-se um processo de caracterização das cenas de enunciação, conforme Maingueneau (2008b), e de levantamento e de análise das expressões lexicais da modalidade. Obtendo algumas pistas sobre a instância subjetiva do discurso *Red Pill* e seu modo de enunciação, a investigação prossegue para a caracterização das imagens que constituem o ethos, associando-as aos estereótipos de gênero, tal como são descritas no capítulo sobre o ethos, com as ferramentas da Psicologia Social, enquanto teoria auxiliar.

No próximo capítulo, são apresentados os resultados da análise da expressão lexical da modalidade, que contribuíram para a caracterização do ethos.

4. ANÁLISE DA MODALIDADE

O presente capítulo tem como objetivo apresentar e discutir os resultados obtidos pelo levantamento da expressão lexical de modalidade, que podem ser conferidos na tabela apresentada abaixo:

Tabela 1 — Levantamento do número de ocorrências de modalidade no córpus

Domínio Semântico	Alvo da avaliação	Pílulas de Realidade	O Livro das Red Flags	Antiotário	TOTAL
Facultativo	Participante	112	20	11	143
	Evento	41	13	23	77
	Subtotal:	153 (37,40%)	33 (33,66%)	34 (31,19%)	220 (35,59%)
Deôntico	Participante	51	14	10	75
	Evento	88	14	29	131
	Subtotal:	139 (32,25%)	28 (27,72%)	39 (35,77%)	206 (32,79%)
Epistêmico	Evento	34	17	0	51
	Proposição	43	9	23	75
	Subtotal:	77 (18,82%)	26 (25,74%)	23 (21,10%)	126 (20,35%)
Volitivo	Participante	43	13	13	69
	Evento	0	0	0	0
	Subtotal:	43 (10,51%)	13 (12,87%)	13 (11,92%)	69 (11,14%)
Total geral		412 (100%)	101 (100%)	109 (100%)	618 (100%)

Fonte: elaboração própria (2025).

Os dados apresentados na Tabela 1 estão organizados da seguinte forma: na primeira coluna, estão listados os domínios semânticos, que foram ordenados segundo o seu nível de produtividade no córpus, do mais recorrente (facultativo) ao menos recorrente (volitivo). Na coluna seguinte, encontram-se os alvos da avaliação possíveis em cada domínio semântico. Ao acompanhar as linhas, o leitor pode verificar o número de ocorrências dos subtipos modais (isto é, das combinações entre domínio semântico e alvo da avaliação) por obra e também verificar

a soma total de ocorrências dos subtipos modais sob a coluna TOTAL. As linhas com subtotais indicam o número de ocorrências obtidas dentro de determinado domínio semântico e as porcentagens em parênteses referem-se à proporção que determinado domínio semântico ocupa entre os demais, considerando-se a totalidade das ocorrências modais em cada coluna.

Na sequência, para melhor entender o funcionamento da modalidade no discurso *Red Pill* e em que medida seu funcionamento contribui para a construção do ethos dos enunciadores, as ocorrências são discutidas seguindo a ordem dos domínios semânticos apresentados na Tabela 1. Desse modo, no tópico 3.1, discute-se a expressão modal facultativa. No tópico 3.2, a expressão modal deôntica, e assim sucessivamente até o tópico 3.5, em que são apresentadas algumas conclusões sobre o funcionamento modal no discurso *Red Pill*, que respondem, em alguma medida, às questões de pesquisa ao destacar paralelos com o discurso de autoajuda e apontamentos sobre ethos das obras.

4.1 ANÁLISE DA EXPRESSÃO MODAL FACULTATIVA

Conforme exposto na fundamentação teórica deste trabalho, a modalidade facultativa está relacionada ao campo semântico das capacidades inatas ou adquiridas. Nesse sentido, considerando o parâmetro alvo da avaliação, a modalidade facultativa pode ser orientada para o evento, indicando o potencial de realização do evento segundo suas circunstâncias, ou orientada para o participante, indicando a habilidade do participante de se engajar com o evento designado pelo enunciado.

Segundo os dados apresentados na Tabela 1, verifica-se que essa é a modalidade mais recorrente do córpus (35,59%), ao lado da modalidade deôntica, que apresenta uma diferença de 17 ocorrências. Do total de ocorrências facultativas, 143 ocorrências são orientadas para o participante e 77 para o evento.

Adicionalmente, verifica-se que a grande maioria das ocorrências de modais facultativos são expressas pelo verbo *poder*, que, enquanto um verbo auxiliar modal, é capaz de expressar diferentes domínios semânticos (Brunelli; Gasparini-Bastos, 2011). As ocorrências em que esse verbo é expresso poderiam ser ambíguas e, portanto, compreendidas a partir de dois ou mais tipos de modalidade.

Assim, é possível que um enunciado, como (21), receba diferentes leituras a depender do contexto de significação global:

(21) *Entenda* uma coisa: mulheres ciumentas **podem** ser controladoras, mas nem toda mulher controladora é ciumenta. [...] Ela aparenta não ter ciúmes, mas consegue te controlar de formas sutis e discretas (Schutz, 2021).

a) "é possível que as mulheres ciumentas sejam controladoras" (modalidade epistêmica orientada para o evento);
b) "as mulheres ciumentas têm o potencial de serem controladoras" (modalidade facultativa orientada para o participante).

Neste trabalho, muitos dos modais expressos pelo verbo *poder* recebem uma leitura preferencialmente facultativa, fundamentada no contexto geral das obras *Red Pill*, conforme discute-se a seguir.

A Tabela 2 abaixo apresenta um levantamento dos participantes avaliados pela modalidade facultativa. Nela, verifica-se que, das 143 ocorrências, as mulheres são o alvo mais recorrente (com 58 ocorrências), seguidas pelo leitor (com 44 ocorrências) e o(s) homem(ns) (com 31 ocorrências):

Tabela 2 — Levantamento dos participantes avaliados pela modalidade facultativa

Participantes	Pílulas de Realidade	O Livro das Red Flags	Antiotário	TOTAL
Mulher(es)	39	13	6	58
Leitor	36	3	5	44
Homem	31	-	-	31
Pessoas	3	4	-	7
Enunciador	1	-	-	1
Casal	1	-	-	1
Neo	1	-	-	1
Total Geral	112	20	11	143

Fonte: elaboração própria (2025).

Nos enunciados em que as mulheres são avaliadas, o sexo feminino é caracterizado no âmbito da sua capacidade (ou incapacidade) de tomar determinadas atitudes, em virtude de tendências intrínsecas (sociais ou biológicas). Os excertos a seguir ilustram algumas das avaliações facultativas atribuídas às mulheres encontradas no córpus.

> (22) O instinto biológico da mulher não foi programado para ver homens frouxos e fracos, mas sim para localizar e "travar" o melhor macho que ela **puder** (Schutz, 2022, p. 22).

No excerto (22), pode-se inferir que a “programação biológica” implica o determinismo de suas ações. Assim, as mulheres são compreendidas pelo discurso *Red Pill* como seres movidos (quase exclusivamente) pelos instintos biológicos, sem qualquer dimensão de natureza social, cultural, etc.

A partir dessa percepção do outro, grande parte das atitudes e pensamentos associados às mulheres pode ser interpretada como uma capacidade em potencial nas mulheres advinda de sua natureza biológica, descartando uma leitura epistêmica dos modais. Nesse sentido, não se trata de uma “possibilidade”, mas de uma “questão de tempo” para que o suposto instinto biológico se manifeste. Por isso, em (23), o enunciador adverte seus leitores a não depositar confiança em uma mulher.

> (23) NENHUMA MULHER MERECE UMA CONFIANÇA ilimitada na melhor das hipóteses, a sua traição espera uma tentação suficiente. [...] A mulher **pode** simplesmente assumir responsabilidade e sair fora, mas fica em cima do muro porque é conveniente enquanto sai com outro cara. Ela precisa ter certeza de que o novo galho está firme o bastante antes de pular (Schutz, 2022, p. 151).

Reafirmando o que diz no excerto anterior, a frase “a traição espera tentação” reforça novamente a capacidade potencial de trair, incutida na biologia feminina.

Em (24), o enunciador apresenta outra capacidade em potencial da programação biológica do sexo feminino: a sua “grande capacidade para contar mentiras com precisão e escondê-las sem deixar rastros”.

> (24) TODAS AS PESSOAS MENTEM, NÃO APENAS AS MULHERES. No entanto, o sexo feminino é dotado de grande **capacidade** de contar mentiras com precisão e escondê-las sem deixar rastros, sempre que for conveniente pra elas (Schutz, 2022, p. 111).

Considerando que a capacidade de contar mentiras é da própria “natureza feminina”, pode-se interpretar que o excerto (25) segue essa mesma linha de raciocínio, estabelecendo um paralelo entre a imagem do sexo feminino e a de uma “mentirosa patológica”, permitindo inferir que não há (ou há pouca) diferença entre as duas imagens no mundo ético do discurso *Red Pill*.

> (25) Uma mentirosa patológica não **consegue** dizer a verdade até nas menores coisas. Imagine que você está num relacionamento com ela. Ela diz que vai tomar um café e volta com as unhas feitas. Você repara e pergunta se ela fez as unhas naquele dia e ela manda: "Ah, não, fiz na semana passada, você que não reparou". *Olhos abertos*. Se uma mulher mente todas as pequenas coisas, vai mentir sobre grandes coisas também (Schutz, 2021).

Similarmente, o mesmo ocorre no excerto (26). Quando o enunciador afirma que as mulheres ciumentas têm a capacidade de serem controladoras, e que as mulheres que não aparentam ter ciúmes também têm capacidade de serem controladoras, não se estabelece uma diferença entre "mulher ciumenta" e "mulher não-ciumenta". A partir desse excerto, pode-se inferir que o discurso não faz diferença entre uma "mulher controladora" e qualquer outra mulher. Assim, no mundo ético do discurso, essas duas imagens parecem constituir uma só.

> (26) *Entenda* uma coisa: mulheres ciumentas **podem** ser controladoras, mas nem toda mulher controladora é ciumenta. [...] Ela aparenta não ter ciúmes, mas **consegue** te controlar de formas sutis e discretas. São mulheres que querem sempre escolher o que deve ser feito e onde ir, onde deve ficar sua escova de dentes, que horário você deve lavar a louça, que roupa você deveria vestir e que perfume você deve usar. Há de se ter habilidade para saber diferenciar o que é cuidado e carinho, e o que é controle (Schutz, 2021).

Por último, o excerto (27) apresenta um paralelo entre "inimigo" e "mulher", por meio dos "golpes" que um inimigo é capaz de aplicar e o que as mulheres são capazes de fazer para prejudicar os homens a partir das leis. Similarmente, o excerto (28) apresenta uma situação-exemplo para alertar os leitores sobre os "golpes" que as mulheres podem aplicar para tirar alguma vantagem financeira dos homens.

> (27) A melhor maneira de se defender de um ataque é conhecer os possíveis golpes que o seu inimigo **pode** aplicar e se antecipar a eles. [...] Temas como pensão alimentícia, pensão socioafetiva, união estável, pensão para ex-cônjuge, pensão para pet e violência psicológica são tópicos bastante difundidos nos perfis desses advogados online, e as mulheres fazem questão de conhecer cada detalhe de tudo o que elas **podem** fazer de acordo com a lei. *Faça o mesmo* (Aires, 2023).

> (28) Se você receber um convite aleatório para ir a um bar, restaurante ou em qualquer lugar encontrar com ela. *Fique esperto e analise bem* a situação para não cair em uma furada [...] Exemplo: Um contato seu está no bar com uma amiga e te convida pra ir para lá também. Você, empolgado, já imagina logo que **pode** pegar as duas, mas ao chegar lá, você simplesmente começa a consumir e na hora de pagar a conta acaba pagando por todo mundo e elas **podem** facilmente inventar uma desculpa e ir embora (Aires, 2023).

Em linhas gerais, os excertos acima referem-se à capacidade das mulheres de trair (22 e 23), de enganar e manipular (24, 25 e 26), e de "tirar alguma vantagem" dos homens (27 e 28), que aparece em termos de algum ganho financeiro, como uma forma de forçar o homem a pagar pensões (27), ou a pagar a conta do bar (28).

Nesse sentido, observa-se que, quando os enunciadores do discurso *Red Pill* falam sobre as mulheres, eles partem de uma concepção de mulher, própria do seu mundo ético, em que os comportamentos femininos podem ser explicados por determinações sociais ou biológicas. Assim, por meio dessas concepções próprias do seu mundo ético, os enunciadores ficam autorizados a realizar certas avaliações sobre a capacidade em potencial das mulheres. Portanto, a leitura facultativa das ocorrências expressas com o verbo *poder* parece ser a mais adequada para compreender os casos acima e nos demais casos de modalidade orientada para o participante.

Quando o enunciatário é o alvo da avaliação, por exemplo, os enunciados referem-se às capacidades do leitor de tomar atitudes em relação às mulheres e a si mesmo, em conformidade com a perspectiva *Red Pill* sobre uma dinâmica de papéis de gênero na contemporaneidade:

> (29) O choro, o drama e se colocar como vítima para gerar comoção são as armas de uma mulher. [...] Não precisa ser nenhum especialista para notar um choro falso ou um drama. De acordo com o contexto da situação você **consegue** facilmente notar se o que ela tá sentindo é genuíno ou não (Aires, 2023).

> (30) A hipergamia das mulheres sempre olha pra cima, nunca para baixo. Você, como homem, **pode** perfeitamente se atrair por uma mulher com condição socioeconômica pior do que a sua, mas o contrário muito raramente irá acontecer. Olhe ao seu redor e conte nos dedos de uma das mãos os casais neste último cenário (Schutz, 2022, p. 25).

> (31) O intuito dessa pílula não é te ensinar a enriquecer da noite para o dia, te mostrar como ganhar dinheiro rápido ou esse tipo de bobagem. Eu quero que você comece a enxergar o dinheiro com as mesmas lentes Red Pill com as quais você está agora enxergando as mulheres e a sociedade. [...] O primeiro objetivo do dinheiro para o homem é relacionado à proteção. Quando a merda atinge o ventilador, você, como homem, **pode** lidar com isso. Muitos dos problemas resolvem-se quando você joga notas na mesa. Um homem sem dinheiro é um homem indefeso (Schutz, 2022, p. 165).

> (32) É de suma importância lembrar que um homem com boa aparência chama atenção e comanda respeito. [...] Você não **pode** mudar sua altura e a cor dos seus olhos, por exemplo. Neste caso, você simplesmente aceita as coisas como elas são. Mas você **pode** mudar seu porte físico e a forma como você se veste, entre demais itens que vou listar logo abaixo. Para estes que você pode melhorar e que estão ao seu alcance, você deve melhorar. [...] Fazer isso diz muito mais sobre sua autoestima do que qualquer coisa (Schutz, 2022, p. 34).

Os excertos acima referem-se às capacidades intrínsecas (29 e 30) ou adquiridas (31 e 32) do leitor para lidar com as mulheres.

Segundo o discurso *Red Pill*, seu leitor (homem) é intrinsecamente (ou biologicamente) capaz de identificar as manipulações femininas conforme o contexto (29) e de se atrair por mulheres independentemente da sua condição socioeconômica (30). Quando o enunciador refere-se à capacidade do leitor de se interessar por mulheres, ele provoca o leitor sobre a suposta incapacidade feminina de se interessar por homens independentemente das diferenças socioeconômicas.

Ainda nesse caso, observa-se uma ambiguidade no enunciado. Ao dizer "Você, como homem, …", o enunciador faz referência ao seu enunciatário e aos homens em geral ao mesmo tempo, permitindo inferir que o sexo masculino também é atravessado por uma concepção biologizante e determinista de gênero. Essa ambiguidade pode ser interpretada como uma estratégia discursiva, que ressalta os papéis de gênero nas orientações dirigidas aos enunciatários.

Já as avaliações que abordam as capacidades adquiridas dos leitores (31 e 32) ressaltam os conselhos que o enunciador quer passar aos leitores. Em (31), por exemplo, o enunciador ressalta que o leitor tem a capacidade de resolver seus problemas por meio do dinheiro para orientá-lo a ser um "homem com dinheiro". Em (32), o enunciador ressalta a capacidade do leitor de conseguir mudar seu porte físico e comportamento para orientá-lo a "chamar a atenção" e "comandar respeito". Essas avaliações que se referem às capacidades adquiridas do leitor são coerentes com o propósito das obras, que se destinam a orientar o leitor a melhorar de vida e obter mais sucesso nos relacionamentos.

Analisando as ocorrências em que o alvo da avaliação facultativa é o sexo masculino de maneira geral, observa-se que os enunciadores indicam as capacidades que, segundo o discurso, o homem ideal possui, conforme ocorrências (33-37).

> (33) O homem que compreende a Red Pill **sabe** rejeitar e **sabe** lidar com a rejeição, uma vez que está com o botão de foda-se ligado para os reveses da vida (Schutz, 2022, p. 15).

> (34) Ninguém, friso novamente, ninguém, gosta de homem inseguro, cujas emoções estão sempre à tona. Um homem bem equilibrado **sabe** como agir com a razão e como sentir as emoções de forma que não o afete de forma negativa (Schutz, 2022, p. 95).

> (35) Os inofensivos são os primeiros que correm quando o perigo aparece. É por esse e outros motivos que, de maneira geral e inconsciente, as mulheres possuem forte atração

> por homens frios, que demonstram pouco ou nenhum sentimento e são, de certa forma, um tanto filhos da puta. Já reparou nisso? Conhece esse tipo de casal ou relação? Tais homens são aqueles **capazes** de quebrar as regras sem quebrar as leis. Fazem as coisas do seu jeito e não se importam com o que os outros vão pensar. Carregam consigo uma carga de imprevisibilidade, geram fortes emoções e resolvem problemas de forma rápida e eficaz (Schutz, 2022, p. 49-50).

> (36) Falando primeiro sobre dinheiro. Ao longo da História, as mulheres sempre vão preferir homens que tenham grana. Homens que **podem** fazer acontecer. Então já *tire* da sua cabeça a ideia de que dinheiro não importa, pois ele importa para você e importa muito para a mulher! O homem de valor precisa ser capaz de prover um lar e uma família inteira sem depender de nenhuma mulher, independente de você ser casado ou ter uma família (Schutz, 2022, p. 41).

> (37) Quando me deparei com homens passando por problemas com as mulheres, problemas que eu vivi na pele, simplesmente decidi que poderia contribuir de forma ativa e ajudá-los. Eles **poderiam** enxergar as coisas de forma diferente, enxergando algumas verdades e mudando o rumo de suas vidas para um caminho mais saudável e feliz (Schutz, 2022, p. 179).

Analisando os excertos acima, verifica-se que, em (33 e 34), os modais facultativos expressos pelo verbo "saber" referem-se à capacidade que "o homem *Red Pill*" tem de dominar suas emoções e de lidar com a rejeição e com outros sentimentos ruins, como uma máquina com a capacidade de desligar a "função sentir". Pelo excerto (35), além de não ser capaz de sentir ou de demonstrar os sentimentos, observa-se, por meio do adjetivo "capaz", que essa imagem de "homem-máquina", admirada e exaltada pelo discurso, tem um comportamento ameaçador e antissocial, caracterizado pela capacidade (e uma vontade obstinada) de autoafirmação, mesmo quando em detrimento das normas e vínculos sociais ou afetivos. Em (36), essa mesma imagem de homem é exaltada também pela capacidade de realização, sobretudo pela capacidade de prover e de acumular dinheiro, o que supostamente atrairia a atenção das mulheres.

Por outro lado, em (37), o modal facultativo expresso pelo verbo "poder" revela uma crença do enunciador na capacidade de outros homens de tomar "um caminho mais saudável e feliz" em suas vidas. Essa crença remete diretamente a um aspecto da semântica global do discurso de autoajuda, a crença incondicional na capacidade do outro de transformar sua vida (Brunelli, 2004). Nesse excerto, o enunciador se coloca na posição do homem *Red Pill* (mencionado nos exemplos 33-36), que olha para os outros homens, e se vê na posição de ajudar e orientar os demais, assim como um guia ou guru próprio a um discurso de autoajuda. Além disso, o excerto ainda revela que o enunciador busca orientar e dialogar justamente com essa

imagem de homem que passa por problemas com mulheres e corresponde à imagem do enunciatário.

Em resumo, na análise dos modais facultativos orientados para o participante, observa-se que os modais expressos pelo verbo *poder* parecem receber uma forte interpretação facultativa. Ainda, a modalidade facultativa orientada para o participante no córpus revela muito das imagens e das concepções sobre os papéis de gênero no discurso: a capacidade das mulheres de fazer mal aos homens, os tipos de homens reivindicados e rejeitados pelo discurso, a imagem do enunciador (ou do *Red Pill*) e a imagem do seu enunciatário.

De forma semelhante, esses aspectos semânticos também aparecem nos enunciados abaixo, classificados como modais facultativos orientados para o evento. No córpus, esse subtipo modal está atrelado à descrição de experiências que potencialmente todos os leitores homens já passaram (ou ainda irão passar) em suas vidas e em relacionamentos com mulheres. Adicionalmente, os modais expressos pelo verbo *poder*, quando não expressam a possibilidade ou impossibilidade de realização dos enunciados, mas a potencialidade de concretização dos eventos enunciados, também se enquadram como modais facultativos.

> (38) Você precisa olhar para dentro de si mesmo e se perdoar por qualquer fato que aconteceu e levou a resultados negativos. Errar faz parte do nosso processo de evolução espiritual, independente de religião. É assim que **podemos** nos tornar homens melhores e ter resultados positivos (Schutz, 2022, p. 206).

> (39) [“Pílula 37. Sobre as mães solteiras”] Você terá responsabilidade financeira e emocional desnecessárias na sua vida. Você não vai receber a devida atenção como homem. Você **pode** ser cobrado judicialmente por pensão alimentícia. Ela agirá como vítima na maior parte do tempo. E, por fim, ela não vai querer ter mais filhos. Com você, que está bancando tudo isso (Schutz, 2022, p. 161).

> (40) Mulheres violentas são uma Red Flag massiva. Um simples surto dela **pode** escalar para um empurrão, objetos atirados, um soco e até mesmo um ataque com arma. Caso aconteça, use seu celular como um escudo e registre esse comportamento (Schutz, 2021).

Na ocorrência (38), por exemplo, o evento “tornar-se um homem melhor” é um evento em potencial decorrente de “olhar dentro de si mesmo e se perdoar por qualquer fato que aconteceu e levou a resultados negativos”. Em (39), “ser cobrado judicialmente por pensão alimentícia” é um evento em potencial acarretado por “se relacionar com mães solteiras” e, por isso, o pronome “você” é lido como um pronome impessoal nesse caso, já que a realização do evento não depende das capacidades intrínsecas de um participante específico, como o leitor.

Por sua vez, em (40), o emprego do verbo *poder* apresenta maior ambiguidade, podendo receber uma interpretação de modal epistêmico, com o qual se lê: “é possível que o surto dela escala para um empurrão”. No entanto, sabendo-se que o discurso *Red Pill* atribui características intrínsecas às mulheres que as levam a trair, a serem dramáticas, descontroladas e, enfim, a fazerem mal aos homens, é possível que “o surto” seja lido como um desdobramento da natureza feminina. Assim, “o surto”, enquanto parte constitutiva da mulher na perspectiva *Red Pill*, remete à própria mulher, cuja violência tem capacidade de se intensificar gradativamente. Desse modo, o evento em questão não é lido pelo campo semântico da possibilidade (modalidade epistêmica), mas pelo campo semântico da potencialidade de concretização (modalidade facultativa).

Nesse sentido, pode-se inferir que os modais facultativos, tal como descritos, estão vinculados às concepções de papéis de gênero e de sociedade do mundo ético do discurso *Red Pill*. Em comparação com o discurso de autoajuda, as ocorrências ambíguas com o verbo *poder* também recebem uma leitura preferencialmente facultativa (Brunelli, 2004; Brunelli e Gasparini-Bastos, 2011; Verni, 2019). No entanto, observa-se que, nesses trabalhos, essa classificação facultativa aparece em virtude da crença incondicional do enunciador na capacidade do seu leitor alcançar o sucesso, que está ligada a um componente da própria semântica global do discurso e a um tom *otimista* no ethos discursivo (Brunelli, 2004).

Como se pode observar no discurso *Red Pill*, embora haja certo resquício dessa crença na capacidade do enunciatário, conforme (37), o funcionamento da modalidade facultativa serve ao propósito de reforçar determinada concepção dos papéis de gênero, seja enfatizando a potencial concretização de eventos na vida dos homens, como ser traído, enganado ou manipulado pelas mulheres, ou ressaltando a capacidade em potencial que homens e mulheres têm para agir de acordo com sua perspectiva da dinâmica entre os gêneros, como o potencial das mulheres para contar mentiras ou o potencial dos homens para conseguir combater as mulheres.

4.2 ANÁLISE DA EXPRESSÃO MODAL DEÔNTICA

De acordo com Hengeveld (2004), o domínio deôntico está vinculado ao campo semântico das ordens, das permissões e das proibições, podendo ser expresso por uma variedade de recursos lexicais em português. Ao realizar uma avaliação deôntica orientada para o participante, o enunciador expressa uma obrigação ou permissão que o participante tem como condição para se engajar no evento dos enunciados. Ao realizar uma avaliação orientada para o

evento, o enunciador apresenta o seu enunciado em termos daquilo que é obrigatório ou permitido dentro de algum sistema de regras ou convenções.

Conforme a Tabela 1 apresentada no início deste capítulo, o domínio deôntico é o segundo mais recorrente do córpus, aparecendo em 32,79% das ocorrências modais totais, das quais 72 ocorrências são orientadas para o participante e 131 para o evento.

Diante desses números, realiza-se um levantamento dos termos que ocupam o lugar de participante nos enunciados em que a avaliação recai sobre o participante. Os resultados obtidos podem ser observados na Tabela 3.

Tabela 3 — Levantamento dos participantes avaliados pela modalidade deôntica

Participantes	Pílulas de Realidade	O Livro das Red Flags	Antiotário	Total
Leitor	44	6	7	57
Mulher(es)	4	3	3	10
Homem	3	5	-	8
Total Geral	51	14	10	75

Fonte: elaboração própria (2025).

A partir desses dados, verifica-se que os leitores recebem a maior parte das avaliações deônticas orientadas para o participante (57 do total de 75 ocorrências). Conforme os excertos (41) a (44) apontam, os leitores são avaliados em termos de obrigações ou permissões que são dirigidas aos seus leitores em forma de ensinamentos ou de ordens.

> (41) Depositar em alguém a responsabilidade da sua felicidade é deixar nas mãos de uma pessoa a possibilidade de destruir a sua alegria de viver, de tirar as cores da sua vida e de te colocar em um mundo em preto e branco. Você **deve** ser capaz de ser feliz sozinho, pois a solitude tem um poder devastador (Aires, 2023).

> (42) Essa Red Flag é diferente, porém não menos importante. Aqui, a mulher deixa claro que quer engravidar. Você **precisa** ficar esperto porque não é apenas o sonho de ser mãe, mas às vezes um desejo egoísta de cumprir seu relógio biológico que está vencendo (na grande maioria, mulheres acima dos 30) e a busca desesperada por um provedor (Schutz, 2021).

> (43) Você, como homem, não **deve** se desconstruir. Fuja com toda força dessa baboseira. A masculinidade não é tóxica, mas a falta dela, é sim, tóxica para a sociedade e principalmente para as próprias mulheres (Schutz, 2022, p. 23).

> (44) GRAVE ESTA LINHA NA SUA CABEÇA: dinheiro, poder e status social comandam respeito! E quem comanda respeito, pode mais e manda mais. Estas são as regras do jogo. Ou você pode mandar, ou você **deve** obedecer (Schutz, 2022, p. 41).

A partir das ocorrências acima, pode-se inferir que as modalizações deônticas servem ao propósito de transmitir regras aos leitores para que eles possam obter sucesso na vida e nos relacionamentos, em consonância com as concepções do mundo ético *Red Pill* sobre homens, mulheres, papéis de gênero e sociedade.

Em (41), a avaliação deôntica, expressa pelo verbo "dever", impõe ao leitor a obrigação de "ser capaz de ser feliz sozinho", uma obrigação que incide sobre uma capacidade, isto é, uma avaliação facultativa. Assim, infere-se pelo enunciado que o sucesso e a felicidade são de responsabilidade individual, o que pode ser interpretado como uma influência (ou vestígio) do discurso de autoajuda nas obras de aconselhamento *Red Pill*.

Contudo, ao contrário da autoajuda, o que se observa não é uma modalização facultativa sobre a capacidade incondicional do leitor de alcançar o sucesso ou a felicidade, mas uma modalização deôntica sobre o dever de "ser feliz sozinho". Ainda, as orientações dos enunciadores endossam uma representação egoísta e manipuladora das mulheres, motivada por determinações biológicas.

Como se pode observar em (42), o modal deôntico impõe ao participante a obrigação (ou necessidade) de estar "esperto" aos perigos que as mulheres buscando "cumprir seu relógio biológico" representam. A metáfora do "relógio" permite inferir que os comportamentos femininos podem ser determinados por aspectos da própria biologia feminina (talvez como se os hormônios as controlassem ou houvesse algum tipo de "programação" genética). Consequentemente, ao advertir o leitor sobre os perigos que as mulheres representam aos homens, o enunciador também adquire um status de detentor de um conhecimento sobre a natureza feminina, uma vez que é capaz de antecipar seus comportamentos e entender sua natureza "obscura".

Nesse sentido, também em razão da própria cenografia das obras, as ordens e as regras expressas pelos modais deônticos passam a ser percebidas como um ensinamento pelos enunciatários. Em (43), por exemplo, a avaliação deôntica, marcada pelo verbo "dever", implica uma ordem sobre como ser homem "não seja um homem desconstruído". No entanto, o emprego do modal suaviza o aspecto impositivo dessa ordem, ressaltando aquilo que é obrigatório ou proibido dentro de algum sistema de convenções morais ou de regras gerais de conduta. Paralelamente, em (44), observa-se que o leitor, enquanto homem, é colocado sob a

obrigação de “obedecer”, caso ele não seja “capaz de mandar” e “comandar respeito” por meio do dinheiro, poder e status social.

Esses dois excertos, em específico, apresentam relevância para a discussão das imagens do masculino. Do ponto de vista discursivo, há duas duas imagens de masculinidade. Em (44), “mandar e impor respeito” e possuir “dinheiro, poder e status social” são apresentados como características constitutivas de uma imagem de homem, que parece ser reivindicada pelo discurso. Por sua vez, em (43), a “falta de masculinidade”, apresentada como “tóxica para a sociedade”, também pode ser interpretada como uma característica da imagem de “homem desconstruído”, que parece ser a imagem de um Outro rejeitado pelo discurso. Nos próximos capítulos, essa discussão será ampliada à luz dos conceitos da análise do discurso.

Porquanto, cabe observar que, nos excertos acima, as ordens frequentemente são expressas diretamente, sem modalização lexical explícita, por meio de verbos no modo imperativo. Observando a recorrência do modo imperativo na materialidade linguística e sua pertinência para a construção de um tom próprio a este discurso, realiza-se o levantamento dos verbos imperativos no córpus, cujos resultados podem ser observados na Tabela 4.

Tabela 4 — Quantidade de imperativos e sua densidade nas obras

Obra	**Pílulas de Realidade**	**Livro das Red Flags**	**Antiotário**
Quantidade de páginas	215	74	149
Total de imperativos	171 (aprox. 3 imperativos a cada 4 páginas)	34 (aprox. 1 imperativo a cada 2 páginas)	173 (aprox. 1 imperativo por página)

Fonte: elaboração própria (2025).

Os dados da tabela acima revelam que há um número grande de ordens expressas diretamente pelo uso dos imperativos, sem o uso de modalização lexical, especialmente em *Antiotário,* que utiliza mais desse recurso comparativamente com outras obras. Esse número parece ainda mais saliente, considerando-se que, como foi mencionado na análise dos modais epistêmicos, o número de avaliações modais gerais é baixo em relação ao tamanho do córpus.

De acordo com Palmer (1986), o modo imperativo deve ser utilizado por alguém em uma posição superior em relação ao seu enunciatário, caso contrário, a ordem contida na proposição do enunciado pode ser questionada. Portanto, pode-se inferir que a autoridade do

enunciador (que viabiliza a enunciação com verbos no imperativo) provém da própria noção de que o enunciador, ao contrário do enunciatário, é alguém feliz e bem-sucedido, tanto no âmbito profissional e financeiro, quanto no âmbito das suas relações com as mulheres.

Assim, esse lugar de autoridade (ou superioridade) construído pelo discurso viabiliza um modo de enunciar (ou um tom) *autoritário*, uma vez que a posição de superioridade assumida pelo enunciador é tal, que o enunciador toma a liberdade de dar ordens e proibições ao seu leitor, por meio do emprego recorrente de verbos imperativos que, muitas vezes, não acompanham palavras ou expressões de polidez para amortização das ordens expressas.

Nesse sentido, as avaliações deônticas que têm como alvo o enunciatário podem ser interpretadas como uma estratégia discursiva para suavizar o tom *autoritário* do discurso. Tal estratégia também é registrada em outros discursos de aconselhamento (Verni, 2019). Embora essa estratégia discursiva tenha um funcionamento marcado de forma consistente em todas as obras em que os modais deônticos têm como alvo o leitor, a quantidade de modais deônticos totais (206 ocorrências) representa pouco mais do que a metade de ocorrências totais de verbos imperativos no córpus (378 ocorrências), o que reforça a leitura de um tom *autoritário* no discurso.

Retomando a Tabela 3, as demais ocorrências orientadas para o participante têm como alvo as mulheres (10 ocorrências) e os homens (8 ocorrências). As ocorrências que têm como alvo as mulheres podem ser observadas nos excertos (45) a (47).

> (45) Em outras palavras e novamente reforçando, o homem escolhe uma mulher que possa realmente agregar para a vida dele, e não atrapalhar seus planos e criar confusão e drama desnecessários. Ela **deve** ser um ativo na vida do homem, que frequentemente injeta paz e bem-estar, e não um passivo que rouba noites de sono e momentos felizes (Schutz, 2022, p. 140).

> (46) Muitas mulheres passam grande parte da juventude em curtições do mais baixo nível. [...] Diante desse cenário, muitas mulheres buscam refúgio na igreja, não apenas para tentar reconfortar a mente e o espírito das insanidades que viveram, mas também como uma espécie de tentativa de “zerar a quilometragem” da vida impura que tiveram. [...] Entenda que o arrependimento genuíno é algo louvável, e que essas “honradinhas da igreja” não são maioria. Se de fato a mulher se arrependeu dos seus pecados e quer viver uma nova vida, é uma cruz que ela **terá que** carregar. Para obter o perdão, **terá que** se entender com Deus, não com você. Você tem todo o direito de não querer se relacionar com uma mulher dessas (Aires, 2023).

> (47) Falar em desconstrução masculina é uma armadilha para aceitar comportamentos errôneos das mulheres, dizendo que as mulheres são empoderadas e que podem e **devem** agir como bem entenderem. Ao não aceitar tais comportamentos errôneos e deploráveis vindo das mulheres, o homem será automaticamente tachado de machista e reprimido

> pela sociedade. No entanto, eu vejo esta atitude e posicionamento com bons olhos, pois mostra quais homens têm bolas de verdade para se apegarem e defenderem aquilo que acreditam e quais são manipuláveis e submissos. São como água e óleo, jamais se misturam (Schutz, 2022, p. 23).

Conforme as ocorrências acima permitem inferir, as avaliações deônticas orientadas para as mulheres refletem imposições que recaem sobre o comportamento feminino, segundo o sistema de convenções morais *Red Pill*.

Em (45), a avaliação deôntica impõe às mulheres o dever de "ser um ativo na vida do homem". Ao transformar as mulheres em um "ativo" financeiro, desprovido de agentividade e humanidade, e os homens em "investidores", essa metáfora apresenta uma concepção dos papéis de gênero na sociedade, imbuída de uma lógica mercadológica.

Já em (46), as avaliações deônticas, marcadas pela expressão "ter que", caracterizam imposições às mulheres de se responsabilizar pelas "curtições de baixo nível", permitindo inferir uma influência religiosa associada às ideias de "pecado" e de "vida impura". Como mencionado, entre os diversos grupos que se uniram sob a bandeira da pílula vermelha estão os cristãos conservadores tradicionais. Assim, certos valores religiosos, especificamente cristãos, podem ser encontrados, de algum modo, diluídos nas concepções dos papéis de gênero. No entanto, como essa influência tem pouca expressividade no córpus analisado, espera-se que investigações futuras possam aprofundar o conhecimento da dimensão desses valores na constituição do discurso *Red Pill*.

Por sua vez, a ocorrência (47), marcada pelo verbo "dever", expressa uma imposição sobre o comportamento feminino que, sob a forma de discurso indireto livre, vem de um Outro, estabelecendo um jogo entre o discurso citado (do seu Outro) e o discurso que cita (o discurso *Red Pill*). Segundo Maingueneau (1989), "é o contexto imediato, a presença de uma alusão à condenação de certos valores [...] que permitem vislumbrar, eventualmente, a presença de uma outra voz" (p. 98). Essa outra voz é significativa na constituição do discurso. Conforme ocorrências anteriores sugerem, o discurso do Outro é a voz que quer enganar e manipular os homens, pregando a desconstrução masculina. O que se observa, portanto, é a voz de um discurso feminista, cujos valores foram institucionalizados e aparecem distorcidos (como simulacro) sob o olhar do discurso *Red Pill*. Nesse sentido, de um ponto de vista discursivo, verifica-se que essa "forma de ver" as dinâmicas de gênero parte de sua relação de oposição aos valores institucionalizados de um discurso feminista.

As interpretações feitas sobre os excertos (45-47) parecem se reforçar quando se observa os modais deônticos orientados para o evento. De acordo com Hengeveld (2004), esse subtipo

modal caracteriza o evento em termos do que é obrigatório ou permitido dentro de um sistema de regras ou de convenções. No caso das ocorrências do córpus, verifica-se que, novamente, o campo semântico deôntico consegue expressar os posicionamentos do discurso sobre os papéis de gênero e relacionamentos, conforme se pode inferir pelas ocorrências abaixo.

> (48) Se não aceitar comportamentos errôneos e deploráveis das mulheres é sinal de machismo, prefiro continuar sendo considerado machista. Não **podemos** dar margem para a narrativa sobre desconstrução masculina (Schutz, 2022, p. 123).
>
> (49) Entendido isso, você se torna o homem que a mulher foi programado para se relacionar. Uma vez que você aciona os instintos primitivos dela e a mulher vê valor em você como homem, **não há necessidade** de correr atrás delas (Schutz, 2022, p. 30).
>
> (50) No amor ou nos negócios não se **deve** investir em algo que não traz resultados. Todo relacionamento **deve** ser uma via de mão dupla no quesito reciprocidade. É insustentável investir 10 na mulher enquanto ela só investe 2 em você. [...] Invista na pessoa somente o equivalente ao que ela investe em você: atenção, afeto, tempo, intensidade, senão, sairá no prejuízo, e muitas vezes esses danos doem mais do que perder dinheiro (Aires, 2023).

Em (48), a avaliação deôntica expressa proíbe a concretização do evento “dar margem para a narrativa sobre desconstrução masculina”. Assim como em (43) e (47), a voz do Outro aparece por meio da ideia de “desconstrução masculina” para ser negada e condenada.

Em (49), a avaliação deôntica expressa a falta de obrigação (ou necessidade) de se comportar de modo a “correr atrás delas”, caso o leitor compreenda a pílula vermelha. Nesse sentido, além de valorizar o próprio discurso, pode-se inferir que o enunciado dialoga com a subjetividade de um enunciatário, que se sente incomodado com a necessidade ou obrigação de “correr atrás” das mulheres.

Em (50), a avaliação deôntica, marcada pelo verbo “dever”, aponta novamente para os valores do discurso *Red Pill* sobre relacionamentos e papéis de gênero. Nesse caso, o “amor” é equiparado com os “negócios” e, do ponto de vista discursivo, a metáfora mercadológica aparece novamente, salientando a racionalidade instrumental com a qual o discurso *Red Pill* aborda a discussão sobre amor e relacionamentos. Pode-se inferir que essa racionalização das relações e sentimentos humanos se apresenta como uma saída para as dificuldades e inseguranças dos homens sobre essa área da vida.

Em resumo, o funcionamento da modalidade deôntica se associa ao campo semântico das obrigações, permissões, e proibições. No discurso *Red Pill*, esses modais servem ao propósito de dar ordens aos leitores, bem como apresentar aspectos, regras e concepções

próprias do mundo ético do discurso, da forma com a qual os enunciadores vêem os homens, as mulheres, a sociedade e as relações entre os gêneros. Como mencionado, as avaliações deônticas revelam um tom *autoritário* que impõe ao seu leitor as concepções do mundo ético do discurso, ainda que de forma mais branda em comparação com as ordens marcadas pelo uso do modo imperativo.

4.3 ANÁLISE DA EXPRESSÃO MODAL EPISTÊMICA

Retomando a definição de Hengeveld (2004), a expressão da modalidade epistêmica está ligada às possibilidades e às certezas sobre o que o enunciador sabe sobre o mundo, podendo ser expressa por uma variedade de meios lexicais e ter como alvo a proposição ou o evento presentes no enunciado. Das 126 ocorrências encontradas de modais epistêmicos, que representam (20,35%) do córpus, 75 ocorrências são orientadas para a proposição e 51 para o evento.

Iniciando esta análise pelas avaliações que têm como alvo o evento, quando o enunciador realiza esse tipo de avaliação, o evento é destacado, apresentando-se como um fato que não passa pelo filtro do enunciador. Especificamente em relação à modalização epistêmica, o evento apresenta-se pela sua possibilidade (ou impossibilidade) objetiva de concretização. De acordo com Neves (1996, p. 181), a avaliação epistêmica orientada para o evento constitui um poderoso recurso para aumentar a credibilidade dos seus enunciados, uma vez que seu emprego produz um distanciamento do enunciador com o valor de verdade de suas declarações, conferindo-lhe ares de isenção e neutralidade.

Assim, em conformidade com a observação de Neves (1996), pode-se supor que o emprego desse subtipo modal no discurso *Red Pill* evidencia justamente uma estratégia discursiva de dar credibilidade às declarações dos enunciadores. Tal como pode ser observado no excerto (51), essa leitura parece ser adequada às ocorrências de modais epistêmicos orientadas para o evento encontradas no córpus:

> (51) Na minha opinião pessoal, essa é a PIOR Red Flag que existe, por isso deixei ela por último. [...] Essa é a minha opinião e minha experiência com duas mulheres que me envolvi quando ainda não era Red Pill. Uma delas sugou minha alegria e a outra fez da minha vida um verdadeiro inferno. Esse tipo de mulher cresce com uma visão bastante deturpada sobre os homens. [...] **É** praticamente **impossível** melhorar ou salvar uma mulher com questões relacionadas à paternidade que não foram bem trabalhadas (Schutz, 2021).

Em (51), observa-se que a avaliação modal afasta o enunciador do evento “melhorar ou salvar uma mulher com questões relacionadas à paternidade [...]”. Ao tomar distância do enunciado, o valor de verdade da declaração deixa de se apoiar na experiência subjetiva do enunciador, e passa a se apoiar em uma aparente “verdade objetiva” ou um “senso comum”. Neste excerto, não é mera coincidência que tal estratégia discursiva é empregada justamente em meio a uma argumentação baseada na experiência pessoal do enunciador. Portanto, é razoável afirmar que as avaliações epistêmicas orientadas para o evento têm um papel importante na construção e manutenção da imagem de detentor de um conhecimento, necessárias para um discurso de aconselhamento. Esse mesmo funcionamento das avaliações epistêmicas também é observado em trabalhos sobre modalidade em discursos de autoajuda (Brunelli, 2004).

No entanto, ao se observar a Tabela 1, nota-se que há certa variação no emprego dessa estratégia discursiva. Do total de ocorrências de modais epistêmicos orientados para o evento, 34 aparecem na obra *Pílulas de Realidade*, 17 no *Livro das Red Flags* e nenhuma ocorrência aparece em *Antiotário*. Para verificar se essa variação deve-se à diferença de tamanho das obras, realiza-se o controle de palavras, que leva ao seguinte resultado:

Tabela 5 — Levantamento da quantidade de palavras por obra

Obra	**Livro das Red Flags**	**Antiotário**	**Pílulas de Realidade**	**TOTAL**
Quantidade de palavras	7.029	10.008	27.680	44.717

Fonte: elaboração própria (2025).

A partir desses dados, nota-se que a ausência de modais epistêmicos orientados para o evento em *Antiotário* parece ser significativa. Em *Pílulas de Realidade* (27.680 palavras) e *Livro das Red Flags* (7.029 palavras), por exemplo, em que as avaliações epistêmicas dizem respeito à dinâmica entre homens e mulheres, a diferença no número de ocorrências é pouca, podendo ser explicada pela diferença de tamanho das obras. Como mencionado, os modais epistêmicos orientados para o evento apresentam o enunciado com um certo distanciamento, aumentando assim a sua credibilidade. No entanto, observando-se as avaliações epistêmicas orientadas para a proposição, nota-se que a ausência de modais epistêmicos orientados para o evento é compensada pelos modais orientados para a proposição, uma vez que a frequência

desse subtipo modal é bem maior em *Antiotário* (23 ocorrências) em comparação com o *Livro das Red Flags* (9 ocorrências), que possui quase o mesmo tamanho.

Segundo Hengeveld (2004), o emprego de modais epistêmicos orientados para a proposição expressa diferentes graus e tipos de *comprometimento* do enunciador com o valor de verdade dos seus enunciados. Assim, o enunciador pode *assumir* (ou não) seu enunciado, marcando uma posição de dúvida, de certeza ou de hipótese. Conforme as ocorrências (52) e (53) permitem inferir, o emprego desse subtipo modal na obra *Antiotário* marca diferentes graus de comprometimento em posições de certeza e de dúvida.

> (52) O pai dela **provavelmente** deve ter sido ausente e ficou uma lacuna masculina de imposição de respeito na formação do caráter dela (Aires, 2023).

> (53) O Capitão Salva-Putas fica só com os restos, assume uma mulher rodada, é zoado por todos e **certamente** será traído mais cedo ou mais tarde por essa mesma mulher (Aires, 2023).

Os excertos acima se encontram em diferentes graus no campo da certeza: do menos certo ("provavelmente") ao mais certo ("certamente"). Embora o grau de comprometimento do enunciador seja maior do que nas ocorrências orientadas para o evento, a modalização expressa por advérbios (52 e 53) produz, em termos de efeito de sentido, a impressão de que a avaliação sobre a proposição independe do enunciador, conforme outras investigações sobre discurso de aconselhamento têm apontado (Brunelli, 2008; Verni, 2019).

Assim, em (52), o que se observa é uma expressão de incerteza (ou dúvida) expressa pelo advérbio "provavelmente", que não é assumida pelo enunciador a fim de não comprometer sua imagem, uma vez que a dúvida, a incerteza, ou o "não-saber" comprometem sua posição de detentor de um saber. Em (53), "certamente" marca uma modalização de certeza, mas que também não é assumida pelo enunciador. Ao se afastar de ambos os enunciados, o enunciador se distancia de suposições sobre as mulheres que poderiam não se verificarem na experiência do seu leitor e, desse modo, comprometerem sua imagem de conhecedor da natureza feminina e dos relacionamentos.

Essa estratégia parece mais evidente em (54), em que o enunciador assume sua certeza sobre um enunciado mais moderado ("há exceções"). Nesse sentido, o enunciado pode ser entendido como uma maneira de suavizar seu tom convicto para evitar a percepção de um tom inflexível, característica que seria potencialmente negativa para seu enunciatário.

> (54) O cara pelo qual ela se interessa não paga nem um uber de R$ 6,75. Ela tá mais interessada no que você pode prover, não em você. **É claro** que há exceções (Aires, 2023).

Nesse excerto, o enunciado “O cara pelo qual ela se interessa [...]” é apresentado sem uma modalização epistêmica explícita, expressando uma convicção do enunciador sobre seu enunciado. O enunciado seguinte, “é claro que há exceções”, apresenta uma modalização epistêmica que reforça a certeza do enunciador sobre a possibilidade de existir “exceções”, revelando uma estratégia discursiva que flexibiliza a convicção sobre o enunciado anterior, ainda que expressando certeza. Nesse sentido, pode-se interpretar que esse excerto reforça a certeza que fundamenta a posição de autoridade do enunciador, evitando que sua convicção seja interpretada como uma forma “inflexibilidade”, “teimosia” ou “afetação”.

Assim como o excerto (54), os excertos abaixo extraídos das outras obras do córpus (55-57) apresentam o emprego dessa mesma estratégia: os enunciadores comprometem-se com os enunciados que marcam uma posição de certeza, reiterando sua credibilidade e posição de autoridade.

> (55) Eu tenho **certeza** de que você irá se identificar com algumas dessas Red Flags ou conhece algum amigo que já se envolveu com uma mulher que apresentava tais comportamentos (Schutz, 2021).

> (56) Quando eu era jovem, pensava que o dinheiro era a coisa mais importante do mundo. Hoje, tenho **certeza** (Schutz, 2022, p. 166).

> (57) **Obviamente** esta atitude frustra a maioria dos homens, mas é um comportamento feminino de sobrevivência e, em grande, parte inconsciente, que você jamais conseguirá controlar (Schutz, 2022, p. 27).

Em (55) e (56), o enunciador marca e assume sua “certeza” sobre suas convicções. Em (57), o modal epistêmico expresso pelo advérbio “obviamente” apresenta a proposição do enunciado como uma verdade certa e “óbvia” do senso comum, mas que não é assumida pelo enunciador. Portanto, por esses excertos, pode-se inferir que o uso dos modais orientados para a proposição parecem exercer uma função de regulação do tom e manutenção da imagem e da autoridade dos enunciadores. Nesse “jogo” de assumir certezas e não assumir as incertezas, os modais epistêmicos orientados para a proposição exercem uma função comum em todas as obras do córpus. Trata-se de uma estratégia discursiva que contribui para preservar a credibilidade e autoridade do enunciador.

Assim, se há alguma dúvida ou incerteza, que poderiam abalar as concepções do mundo ético do qual o enunciador faz parte, elas não são assumidas pelo enunciador e, desse modo, sua imagem não é comprometida. Se os enunciados estão alinhados às concepções do seu mundo ético, os enunciadores assumem tais proposições e se posicionam com certeza, conforme excertos acima.

Nesse sentido, a leitura de um tom *convicto* parece ser adequada ao discurso *Red Pill*, de um modo geral, uma vez que não há espaço para dúvidas ou incertezas sobre as suas formulações. No caso da obra *Antiotário*, a menor frequência de modais epistêmicos orientados para o evento, aliado aos modais orientados para a proposição, parece indicar um tom mais *convicto* em relação às demais obras.

A leitura de um tom *convicto* se reforça quando se observa outros aspectos da materialidade linguística que contribuem para a caracterização desse tom. Considerando o tamanho do córpus (54.151 palavras), as 706 ocorrências totais de modalizações são poucas. Ainda, entre todas as ocorrências, as avaliações epistêmicas, que dizem respeito ao campo semântico das dúvidas e das possibilidades, estão entre as menos recorrentes. Portanto, pode-se inferir que as obras apresentam um grande número de enunciados sem modalização explícita, também chamados de asseverações (ou asserções), que são um importante recurso para construir a imagem de autoridade do enunciador em discursos de aconselhamento, como a autoajuda (Brunelli, 2004).

Investigando o discurso científico, Coracini (2007) verificou que o emprego das asseverações exerce um duplo papel: "a) o de convencer, pelas afirmações, da verdade que está sendo enunciada; b) o de camuflar a 'origem' enunciativa: afinal, aparentemente, é o enunciado quem diz, o fato que se apresenta e não o sujeito-enunciador" (Coracini, 2007, p. 123). Por sua vez, Neves (1996, p.179) observa que quanto menor o emprego de modalizadores epistêmicos, maior o grau de certeza dos enunciadores, pois, no ponto extremo da certeza, o que se encontra é "enunciador que avalia como verdadeiro o conteúdo do enunciado que produz, apresentando-o como uma asseveração (afirmação ou negação), sem espaço para a dúvida e sem nenhuma relativização".

Nesse sentido, pode-se afirmar que o tom *convicto* no discurso *Red Pill*, caracterizado pela baixa frequência de modalização e por usos modais epistêmicos específicos, serve ao propósito de dar credibilidade à autoridade do enunciador e aos seus enunciados. Essa interpretação sobre o funcionamento dos modais epistêmicos também encontra respaldo na literatura consultada sobre o discurso de autoajuda, em que os enunciadores se apresentam

como guias ou conselheiros capazes de orientar o seu leitor para obter “sucesso”, assim como no discurso *Red Pill* (Brunelli, 2004).

Em síntese, pode-se concluir que o emprego dos modais epistêmicos salientam estratégias discursivas bem consistentes ao longo das três obras do córpus:

a) as avaliações epistêmicas orientadas para o evento compõem uma estratégia para dar credibilidade aos enunciados, ao mesmo tempo que preservam a credibilidade do enunciador;
b) as avaliações epistêmicas orientadas para a proposição caracterizam um tom *convicto* que permeia o córpus em maior ou menor grau a depender da obra, contribuindo também para a manutenção da credibilidade e autoridade do enunciador.

Adicionalmente, durante a análise das ocorrências expressas pelo verbo auxiliar *poder*, por exemplo, verifica-se que algumas das ocorrências poderiam ser entendidas como modais epistêmicos orientados para o evento, conforme os excertos abaixo.

> (58) Adiante, falaremos mais sobre dinheiro, mas é mandatório que o homem descubra maneiras de ganhar mais do que a muher. Este é um dos motivos para que você possa suprimir a hipergamia feminina e continuar sendo respeitado pelas mulheres. [...] Você **pode** ter trabalhado em seu físico, seu estilo pessoal e no seu conhecimento. **Pode** ser muito bom no que você faz, mas se você está sempre quebrado no final do mês, você não chegará muito longe (Schutz, 2022, p. 42).

> (59) Buscando continuar o contato, ela te faz perguntas engraçadas. A interação para ela está divertida. Neste momento, **podem** rolar comentários ou perguntas de conotação sexual por parte dela, embora não seja mandatório (Schutz, 2022, p. 63).

> (60) Salvo pequenas exceções, o cérebro masculino é primitivamente programado para ter repulsa quando o assunto é a promiscuidade da sua parceira. Ela **pode** ser uma puta na cama com ele, mas os homens são territorialistas e não vão aceitar dividir isso com outros homens (Schutz, 2022, p. 120).

Assim, em (58), “você pode ter trabalhado em seu físico [...]” é interpretado como “é possível que você tenha trabalhado em seu físico”, tomando “você” como pronome impessoal. Em (59), “neste momento, podem rolar comentários ou perguntas [...]” é interpretado como “é possível que rolem comentários ou perguntas [...]”. Em (60), “Ela pode ser puta na cama com ele [...]” é interpretado como “é possível que ela seja uma puta na cama com ele”. A

interpretação dessas ocorrências decorre da natureza do evento avaliado dentro do contexto global de significação do enunciado.

De acordo com Brunelli e Gasparini-Bastos (2011), o verbo auxiliar *poder* é um dos verbos modais mais versáteis na língua portuguesa, sendo capaz de exprimir diferentes domínios semânticos a depender do contexto em que é empregado. Assim, a fim de ilustrar sua versatilidade, as autoras afirmam que, no exemplo "Os alunos podem fumar na classe", o verbo *poder* estaria relacionado ao domínio deôntico, indicando permissão. Por sua vez, no exemplo "Pode chover amanhã", o verbo estaria relacionado ao domínio epistêmico, indicando a possibilidade objetiva de ocorrência do evento; e, por fim, no exemplo "Ele pode fazer várias coisas ao mesmo tempo", o verbo estaria relacionado ao domínio facultativo, indicando a habilidade do participante.

No córpus deste trabalho, a classificação das ocorrências com verbo *poder* exige uma análise minuciosa que leve em consideração outros aspectos discursivos e contextuais para além da frase. Nos excertos (58-60) retirados do córpus, as ocorrências com verbo *poder* foram classificadas como modais epistêmicos orientados para o evento, justamente porque, dentro do contexto, elas indicam a possibilidade objetiva de realização de determinado evento, o que não se aplica a todos os casos em que o verbo *poder* é empregado como auxiliar modal, como se pode observar nos casos apresentados na análise dos modais facultativos.

4.4 ANÁLISE DA EXPRESSÃO MODAL VOLITIVA

Segundo Hengeveld (2004), o domínio semântico volitivo está atrelado ao campo da expressão dos desejos, que, normalmente, é expresso pelos verbos "querer" e "desejar" em português. Quando a avaliação volitiva é orientada para um participante, ela descreve o desejo do participante de se engajar no evento do enunciado. Quando é orientada para um evento, ela caracteriza o evento em termos do que é desejável ou indesejável. A partir do levantamento das ocorrências de modalidade lexical, constata-se que a modalidade volitiva é a menos recorrente em todo o córpus, representando apenas (11,14%) do total de ocorrências modais. Dentre as ocorrências volitivas, 69 para o participante e nenhuma ocorrência orientada para o evento. Diante desses números, realiza-se um levantamento das expressões linguísticas que ocupam o lugar de participante nos enunciados em que a avaliação é orientada para o participante. Os resultados obtidos podem ser observados na Tabela 6.

Tabela 6 — Levantamento dos participantes avaliados pela modalidade volitiva

Participantes	Pílulas de Realidade	O Livro das Red Flags	Antiotário	TOTAL
Mulher(es)	21	9	10	40
Enunciador	9	1	—	10
Homem(ns)	7	2	—	9
Leitor	1	—	3	4
Sociedade	3	—	—	3
Pessoas	1	1	—	2
Feminismo	1	—	—	1
Total geral	43	13	13	69

Fonte: elaboração própria (2025).

A partir desses dados, verifica-se que as mulheres recebem a maior parte das avaliações volitivas (40 ocorrências), compondo 57,7% do total das avaliações orientadas para o participante. Conforme os dados (61) a (63) apontam, essas avaliações remetem ao desejo feminino enquanto um interesse sexual ou romântico por homens, em consonância com as ideias *Red Pill* sobre uma certa dinâmica entre os sexos masculino e feminino.

> (61) Elas **querem** saber o que você faz da vida para colocar um filtro em você e te classificar como "interessante" ou "não interessante", tendo como prioridade o seu potencial financeiro ou a sua profissão (Aires, 2023).

> (62) As mulheres **querem** estar com um homem que é desejado por outras mulheres, mas não querem que seu homem transe com elas. (Schutz, 2021).

> (63) Sua ex **quer** te ver como um perdedor pois confirma que ela fez a escolha certa ao sentar o pé na sua bunda. Nada causa mais arrependimento em uma mulher do que sentir que deixou um vencedor escapar entre suas mãos (Schutz, 2022, p. 158).

Em (61), observa-se que o modal volitivo expresso pelo verbo "querer" recai sobre "elas", que remete às mulheres, para indicar o desejo de "saber o que você faz da vida para colocar um filtro em você [...]". Em (62), o modal volitivo "querer" recai sobre "as mulheres" para indicar o desejo de "estar com um homem que é desejado por outras mulheres". Já em (63), o modal "querer" recai sobre "sua ex" para indicar o desejo de "te ver como um perdedor". Assim, pode-se dizer que o uso desse subtipo modal está ligado a uma estratégia discursiva do

sujeito enunciador para se mostrar como detentor de um saber, uma vez que ele sabe o que as mulheres desejam, condição fundamental para poder orientar seu leitor.

Nos excertos acima, nota-se que as mulheres avaliadas pelo campo dos desejos são referidas por um grupo diverso de expressões linguísticas que remetem a uma ou mais mulheres de forma genérica, isto é, não se referem a uma mulher específica do mundo, mas a algum tipo estereotipado de mulher ou de mulheres no geral. Elas são referenciadas por "ela(s)" ou "mulher(es)", sendo esta última palavra acompanhada, algumas vezes, de um adjetivo, em conformidade com as discussões sobre a referência à mulher no capítulo anterior. Entre as poucas exceções, há o excerto (63) acima, em que a mulher é chamada de "ex" (como em "ex-namorada", "ex-esposa", "ex-mulher", etc.).

Sendo o segundo tipo de participante mais avaliado pelo domínio volitivo (10 ocorrências), as avaliações que têm como alvo o enunciador refletem o seu próprio desejo. Em *Pílulas de Realidade* e em *O Livro das Red Flags*, os enunciadores expressam desejos sobre o enunciatário (como em 64 e 65), que refletem certo cuidado com o outro, advindo de sua posição de detentor de um saber que, como um professor, deve guiar seus alunos.

> (64) Da mesma forma que absorvi o máximo de conhecimento sobre fatos, estatísticas, comportamentos, psicologia e relacionamentos entre homens e mulheres, **quero** que você continue fazendo o mesmo (Schutz, 2021).

> (65) **Quero** te trazer um pouco de luz nesta pílula (Schutz, 2022, p. 177).

O enunciador de *Antiotário*, por outro lado, não expressa nenhum desejo por meio desse subtipo modal, indicando, por contraste, um maior distanciamento entre o enunciador e seu leitor. Em síntese, essas ocorrências evidenciam a relação entre enunciador e enunciatário, uma variação de tom em cada uma das obras: nas duas primeiras obras, os excertos acima evidenciam uma tentativa de aproximação entre enunciador e enunciatário, como em uma relação entre professor e aprendiz. Na última obra, essa tentativa de aproximação não existe, realçando ainda mais a distância hierárquica entre os dois e a percepção de um tom *autoritário* do enunciador.

Adicionalmente, o excerto (66) extraído de *Pílulas de Realidade* desvela novamente o Outro do discurso ao mesmo tempo em que expõe uma estratégia discursiva do enunciador.

> (66) Mas **eu preciso** também deixar claro que existe um outro lado composto por mães solteiras que não vale a pena se relacionar. É necessário entender que qualquer mulher

> que você colocar em sua vida, vai trazer certa dose de complexidade e emoções a serem lidadas (Schutz, 2022, p. 162).

O modal presente nessa ocorrência é interpretado enquanto um modal deôntico, que expressa uma necessidade do enunciador, em virtude de sua responsabilidade e compromisso em alertar outros homens sobre as mulheres e sobre os relacionamentos "perigosos", o que o força, portanto, a "deixar claro" que "não vale a pena se relacionar com mães solteiras". Assim, ao realizar essa avaliação deôntica, o enunciador reforça seu lugar de autoridade e credibilidade, uma vez que se coloca como alguém capaz de dizer "as verdades" que a sociedade não quer contar aos homens.

Na sequência da tabela, as avaliações que têm como alvo o(s) homem(ns) são tão frequentes quanto as anteriores (9 ocorrências) e também aparecem em quase todas as obras, com exceção de *Antiotário*, em que não há uma avaliação sobre os desejos dos homens. Em alguns casos, como em (67), os enunciadores utilizam os termos "homem(ns)" ou "ele(s)" para se referir genéricamente ao sexo masculino, de forma que o referente se torna ambíguo, podendo remeter aos homens no geral ou *ao leitor*. Nota-se também que, em comparação com as avaliações volitivas voltadas para as mulheres, não são usados adjetivos para qualificar esse(s) homem(ns), o que reforça essa ambiguidade.

Por isso, "Homem(ns)" e "Leitor" foram classificados separadamente na Tabela 6. Essa última classificação abarca tanto as avaliações para os homens no geral, quanto às avaliações que são ambíguas, podendo remeter a um homem qualquer hipotético ou ao enunciatário do discurso (67 a 69).

> (67) A decisão é sempre do homem, se **deseja** trazer ela pra sua vida ou se **prefere** mantê-la apenas como um prato (ou um encontro casual, para simplificar) (Schutz, 2021).

> (68) Elas, no geral, preferem "carros" que já foram testados e aprovados pela sua "utilidade" sexual. Já os homens tendem a preferir os "carros" mais novos, menos rodados. Eles **querem** testar esses "carros", ver como eles funcionam e se valem a pena ser mantidos (Schutz, 2022, p. 131-132).

> (69) É importante deixar claro que o homem só escolhe se relacionar de longo prazo se ele **quiser**, e jamais porque ele precisa de um relacionamento para dar certo na vida. Ele não pode esperar que sua namorada ou esposa serão as pessoas que vão alavancar sua vida. Conte sempre consigo mesmo (Schutz, 2022, p. 139).

As expressões modais que avaliam os desejos do leitor *Red Pill* aparecem em quase todas as obras marcadas pelo pronome "você", com exceção do *Livro das Red Flags*, em que não há uma avaliação *direta* sobre os desejos do leitor, apenas indiretamente como mencionado acima. Assim como as modalizações, as modalizações sobre os desejos do leitor parecem indicar uma estratégia discursiva para aproximar-se do leitor e suavizar o tom *autoritário* de suas ordens, como se pode observar nas ocorrências (70, 71, e 72).

> (70) Você **quer** ser conhecido como o cara que destruiu a própria vida por causa de uma mulher ou como o cara que usou as suas dores pra se tornar mais forte e inspirar pessoas? (Aires, 2023).

> (71) Se **quer** conhecer o futuro de alguém, observe as suas amizades (Aires, 2023).

> (72) Se você **quer** ter uma vida acima da média, precisa ter atitudes acima da média (Aires, 2023).

Mostrando-se como um conhecedor dos anseios e desejos daqueles que vêm ler sua obra, o enunciador provoca certa identificação com o leitor masculino, aumentando sua credibilidade e sua autoridade sobre ele. Além disso, pela relação próxima entre dizer o que o seu leitor deseja e dizer o que o enunciador acha desejável para seu leitor, os enunciados sugerem uma ordem sutil aos seus leitores. Essa leitura se reforça, considerando-se que, dentre as três ocorrências de avaliação volitiva sobre o enunciatário em *Antiotário* (70, 71, e 72), duas (71 e 72) acompanham ordens diretas, marcadas pelo modo imperativo, enquanto uma (70) é apresentada em forma de uma pergunta retórica, cuja resposta é uma escolha "óbvia" de seguir os ensinamentos do enunciador para obter "sucesso". Esses casos reforçam a leitura de um tom *autoritário* dos enunciadores, uma vez que esses recursos incorporados na avaliação volitiva são marcas de autoridade e de subordinação do outro.

As últimas avaliações orientadas para o participante da Tabela 6 apresentam como alvo as expressões linguísticas "sociedade", "feminismo" e "pessoas", refletindo, especialmente na fala do enunciador de *Pílulas de Realidade*, a preocupação com o Outro que deseja mal aos homens:

> (73) O feminismo **quer** ludibriar as mulheres de que o número de parceiros sexuais tem o mesmo peso para ambos os sexos. Não tem (Schutz, 2022, p. 132).

> (74) A sociedade, no geral, não **quer** que você enriqueça (Schutz, 2022, p. 166).

(75) Esta é uma mentalidade que pode soar de certa forma egoísta, mas a verdade é que muitas pessoas não **querem** agregar em nada (Schutz, 2022, p. 195).

(76) Da próxima vez que você ligar a televisão, preste atenção na maneira como os homens são retratados: Submissos, fracos, fora de forma e inúteis. Essa é a visão que a mídia e a sociedade **querem** passar sobre a masculinidade (Schutz, 2022, p. 173).

Para finalizar a discussão sobre este domínio semântico, na sequência, discute-se a ausência de avaliações volitivas orientadas para o evento. Segundo Hengeveld (2004), esse subtipo modal é utilizado para caracterizar o evento do enunciado em termos do que seria comumente desejável, isto é, independente dos desejos subjetivos do enunciador. O uso deste subtipo modal, frequentemente é utilizado como estratégia de convencimento, uma vez que um evento é apresentado como desejável e aceitável ao senso comum. No entanto, a ausência dessa orientação modal no discurso *Red Pill* pode estar atrelada ao maior enfoque que os enunciadores colocam sobre os alertas de perigo que as mulheres representam aos homens. Essa leitura se reforça considerando-se outros aspectos da materialidade linguística, como as metáforas sobre guerra, que colocam homens contra mulheres, e as discussões sobre os papéis de gênero na atualidade, que caracterizam os homens como vítimas da sociedade.

Em resumo, embora a volição seja o campo semântico menos presente nas avaliações do córpus, a análise desenvolvida sobre o funcionamento da expressão modal volitiva aponta para algumas conclusões parciais relevantes para a caracterização do ethos das obras:

a) as avaliações orientadas para o participante salientam aspectos do mundo ético em que o enunciador se insere, permitindo vislumbrar as relações interdiscursivas que fundam o discurso *Red Pill* e o posicionamento dos enunciadores sobre os desejos das mulheres, do seu leitor e da sociedade, que resultam na caracterização desses elementos do discurso e também em estratégias discursivas para suavizar o tom *autoritário* de suas ordens. Adicionalmente, as avaliações orientadas para o participante que têm o enunciador como alvo revelam uma possível variação de ethos na relação entre enunciador e enunciatário entre as três obras;
b) por fim, há uma ausência de avaliações orientadas para o evento que parece estar atrelado a um maior enfoque do discurso em alertar os homens sobre os “perigos” que as mulheres representam.

As conclusões parciais desenvolvidas nesta parte ainda são retomadas ao final do capítulo, considerando-se o funcionamento da totalidade dos domínios semânticos na construção do ethos das obras. Portanto, não constituem as conclusões finais do ponto de vista da modalidade ou do ethos.

4.5 CONCLUSÕES SOBRE O FUNCIONAMENTO MODAL NO DISCURSO

A partir das análises realizadas neste capítulo sobre o funcionamento da expressão lexical de modalidade, verifica-se que as avaliações modais têm um importante papel na construção de estratégias discursivas do discurso e dos modos de dizer dos enunciadores. Em primeiro lugar, a expressão modal no córpus é baixa, o que, discursivamente, é muito significativo. Conforme mencionado, a baixa frequência de modalizadores, nesse caso, especialmente dos epistêmicos, implica uma enunciação repleta de asseverações, indicando um tom *convicto* dos enunciadores sobre o conteúdo dos seus enunciados. Pelas análises dos modalizadores epistêmicos, pode-se dizer que o funcionamento modal constrói estratégias discursivas com as quais se produz e se mantém uma imagem de credibilidade, reforçando um tom convicto ao mostrar comprometimento com determinados enunciados e preservando a imagem do enunciador ao mostrar descomprometimento com outros enunciados.

Já pelas análises do domínio deôntico, pode-se observar que o funcionamento modal dá o tom da relação entre enunciador e enunciatário, caracterizando as obrigações e imposições que recaem sobre esse último, que é mantido em uma posição de inferioridade em relação ao enunciador. Ainda, o número expressivo de verbos no modo imperativo reforça a interpretação de um tom *autoritário*. Esse domínio semântico, assim como o domínio epistêmico, parecem estar diretamente ligados à construção de uma imagem de *guia ou orientador*, que é discutida no próximo capítulo.

Já no domínio facultativo, o funcionamento modal está a serviço da construção de uma imagem do feminino e do masculino, revelando aspectos da caracterização desses elementos no mundo ético do discurso. Assim, no funcionamento dessas ocorrências modais, é observada uma estratégia discursiva que caracteriza os papéis masculino e feminino pelas capacidades ou potencialidades na relação entre os gêneros. Nesse sentido, as mulheres são apresentadas como pessoas violentas, ciumentas, manipuladoras em potencial. Os homens também são caracterizados, sobretudo uma imagem masculina valorizada (do próprio homem *Red Pill*), a qual é capaz de não ser enganado pelas mulheres e de ser bem sucedido na vida, tanto amorosa, quanto financeira.

Por fim, no domínio volitivo, as avaliações modais também ajudam a caracterizar esses elementos no mundo ético do discurso, por meio da avaliação dos desejos das mulheres, dos homens e do próprio enunciador. Pode-se dizer que também funcionam como recursos para conquistar a adesão do enunciatário, contribuindo para a construção de uma imagem de *guia ou orientador* do próprio enunciador, uma vez que, quando o enunciador faz avaliações sobre os desejos das mulheres, de certa forma, ele reitera sua posição de autoridade sobre determinado assunto.

No próximo capítulo, interpreta-se o ethos do enunciador do discurso *Red Pill*, com base nas análises aqui realizadas.

5. ANÁLISE DO ETHOS

Este capítulo dedica-se à apresentação das imagens que compõem o ethos do discurso *Red Pill*, identificadas a partir das pistas produzidas pela análise da expressão lexical da modalidade e pela análise de outros aspectos desse discurso, como as cenas de enunciação e os estereótipos de gênero de que se vale em seu funcionamento.

5.1 A IMAGEM DE GUIA OU ORIENTADOR

Considerando-se que, em toda enunciação, os enunciadores sempre se inscrevem em certa configuração cultural e sócio-histórica, que implicam papéis, lugares e momentos de enunciação, a construção do ethos discursivo mantém uma relação indissociável com o conceito de cenas de enunciação, conforme proposto por Maingueneau (2008b). O conceito de cenas de enunciação compreende três quadros cênicos interativos: a "cena englobante", que compreende o contexto cultural e institucional mais amplo que envolve a produção de um discurso; a "cena genérica", que se refere a um conjunto de regras, expectativas e convenções que definem um determinado gênero discursivo, como os papéis dos participantes, o modo como a mensagem é transmitida, etc.; e, por fim, a "cenografia", que diz respeito à maneira como o discurso é construído (ou *encenado*) no momento da enunciação.

Nas obras analisadas, a cena englobante das obras *Red Pill* corresponde a um discurso de aconselhamento, uma vez que o discurso tem como principal característica a ênfase em orientar ou guiar os homens a lidarem com as mulheres e a com as dinâmicas entre gêneros, como pode-se observar pelo teor de todos os excertos apresentados até este momento do texto. Em relação à cena genérica, observa-se que os livros *Red Pill* apresentam características típicas do gênero discursivo "livro de autoajuda", que foram descritas nos trabalhos de Brunelli (2004), Furlan (2013), e Verni (2019). Seu modo de estruturação, por exemplo, é o mesmo: segundo o trabalho das autoras, os livros de autoajuda frequentemente têm capítulos curtos, com títulos que geralmente sugerem um "ensinamento" e com muitas citações no início ou fim dos capítulos que reforçam o "ensinamento" passado. Ainda, os trabalhos que investigaram a expressão da modalidade nesse tipo de discurso chegaram a conclusões sobre o funcionamento modal muito próximas a algumas que foram identificadas neste trabalho. Todas essas características foram exploradas de um modo ou outro nos capítulos sobre o córpus deste trabalho ou sobre a análise da expressão modal no córpus.

Ainda a respeito da cena genérica, observa-se que essa cena, segundo Maingueneau (2008b), atribui aos enunciadores um ethos pré-discursivo, isto é, um conjunto de expectativas

sobre a imagem do enunciador prévias ao momento da enunciação. No caso do gênero “livro de autoajuda”, tem-se a expectativa que o enunciador possua certo conhecimento (seja pela formação acadêmica ou pela experiência pessoal) e certa vontade de transmitir seu conhecimento para ocupar este lugar de enunciação. Assim, ao ocupar este lugar, os enunciadores do discurso *Red Pill* precisam demonstrar seu conhecimento e vontade para validar sua legitimidade e isso pode ser observado no próprio discurso dos enunciadores (77 e 78):

(77) Por isso eu lhe peço: leia este livro com a mente aberta e sem preconceitos. Depois da leitura, faça uma reflexão. Eu tenho certeza de que você irá se identificar com algumas dessas Red Flags ou conhece algum amigo que já se envolveu com uma mulher que apresentava tais comportamentos. **Todas as Red Flags são frutos de estudos, pesquisas e relatos reais de centenas de homens** que seguem minha página e acompanham meu trabalho. Além disso, após me divorciar e voltar “para a pista”, conheci uma ampla gama de mulheres. Por incrível que pareça, notei essas Red Flags em todas, algumas com mais, outras com menos (Schutz, 2021).

(78) Este material contém **ensinamentos** para que você não seja feito de otário nos dias atuais. Com ele, você evitará muita dor de cabeça e saberá como lidar com situações nas quais a maioria só aprende na prática “quebrando a cara”. Os itens listados a seguir, vão te fazer poupar muitos anos da sua vida em experiências negativas e evitará que você passe por muitos sofrimentos de lições que são aprendidas na base da dor. Aprender é bom, mas aprender com **os erros dos outros** é uma atitude sábia (Aires, 2023).

Como se observa nos excertos acima, o conteúdo do discurso é apresentado como um “ensinamento” (78), fruto de estudos, pesquisas, relatos reais e experiências passadas do enunciador (77). O leitor ainda é convidado a refletir sobre o conteúdo do discurso com a garantia de que, “se aprender com a lição”, será capaz de ser mais feliz em relacionamentos com as mulheres. Nesse sentido, para manter sua legitimidade no lugar de saber que ocupa, o enunciador não pode manifestar dúvida ou admitir desconhecimento, o que iria na contramão das expectativas desse lugar pressuposto pelo gênero. Assim, o seu modo de enunciação, observado por meio do funcionamento modal, projeta um tom *experiente* (ou *especialista*) que contribui para a interpretação de uma imagem de *guia* ou *orientador* no discurso.

Os modais epistêmicos, por exemplo, são empregados sistematicamente, de modo que reiteram a certeza e convicção dos enunciadores sobre seus enunciados ou, conforme discute-se no capítulo de análise de modalidade, renunciam às manifestações de dúvida ou incerteza, apresentando-as como independentes da avaliação e conhecimento do enunciador. Pode-se dizer que a expressão de certeza sobre seus enunciados e a renúncia das expressões de dúvida são imprescindíveis para a construção da legitimidade e credibilidade dos conhecimentos do enunciador.

Conforme o excerto (77) acima, os enunciadores *Red Pill* sustentam esse lugar de conhecimento também por meio de asseverações e de referência à fonte de seu conhecimento. Declaram que suas convicções estão sustentadas por um conhecimento científico ou por experiências pessoais e coletivas, projetando um tom *experiente* (ou *especialista*), ainda que, em nenhum momento, é fornecido aos leitores qualquer referência bibliográfica ou alguma outra informação precisa sobre a fonte das informações que sustentam suas teses.

Os modais volitivos, por sua vez, reforçam esse tom. Como mencionado anteriormente, ao caracterizar os objetos do discurso (como o "homem", a "mulher", etc.) por meio da avaliação dos seus desejos, sugerem que o enunciador tem o conhecimento sobre a natureza feminina e masculina, de modo que se apresenta como detentor de conhecimento necessário (uma espécie de "competência discursiva") para abordar o assunto e aconselhar seu leitor sobre a relação entre homens e mulheres.

Os modais deônticos e, sobretudo, o emprego dos imperativos revelam, por outro lado, o caráter mais autoritário dessa imagem, que está presente nos seguintes excertos:.

(79) **Não tome** uma Red Pill. **Engula** o frasco todo para sua própria segurança emocional (Schutz, 2021).

(80) **Não se curve** a chantagens emocionais (Aires, 2023).

Retomando a discussão sobre o emprego dos imperativos no capítulo anterior, o uso do imperativo (presente nos excertos acima) está ligado a uma relação vertical entre enunciador e enunciatário, que denuncia a hierarquia e a autoridade de um sobre o outro. Como se pode observar nos excertos acima, essa hierarquia e autoridade é constitutiva da relação entre enunciador e enunciatário do discurso *Red Pill*, legitimado pelo seu tom *experiente* que funda sua imagem de *guia* ou *orientador*. Nesse sentido, as ordens expressas por modais deônticos ou por verbos imperativos retroalimentam a autoridade e validade de sua imagem de guia.

Considerando essa imagem do sujeito enunciador, pode-se dizer que o enunciatário[7], por sua vez, é levado a ocupar uma posição de inferioridade e incapacidade, ou melhor, a imagem que o discurso projeta do enunciatário é de alguém carente de conhecimento e incapaz de resolver seus problemas sozinhos.

[7] A esse respeito, pode-se retomar o conceito de condições de produção, conforme proposto inicialmente por Pêcheux (1993, [1969]), com destaque para a formação imaginária que designa, justamente, a imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B, isto é, "quem sou eu para que ele me fale assim?" (cf. Gadet; Hak, 1993, p.83).

Em resumo, pelos indícios linguísticos oriundos da modalidade e também do gênero discursivo, pode-se interpretar que há, entre as imagens do enunciador, uma imagem de *guia* ou *orientador*, que toma o primeiro plano do discurso, a princípio, e à qual se associa a imagem de um enunciatário perdido, desorientado e/ou inexperiente. No entanto, nota-se, no discurso em análise, que essa imagem do guia/orientador, sofre variações, desdobrando-se em outras imagens, que são apresentadas a seguir.

5.2 A IMAGEM DE AMIGO CONSELHEIRO

Conforme observa Maingueneau (2008b), o quadro cênico, formado pela combinação entre a cena englobante e a cena genérica do discurso, pode ser deslocado para segundo plano, cedendo lugar para a cenografia, isto é, a cena que se constrói, progressivamente por meio dos elementos do próprio texto. Segundo o autor (2008b, p.53-54), o ethos emerge da cenografia a partir de três investimentos do discurso: i) um investimento *cenográfico* do discurso que produz um movimento representação da cena de enunciação; ii) um investimento em um *código linguageiro* que resulta de uma conveniência entre o exercício da linguagem que o texto implica e o universo de sentido que ele manifesta; iii) um investimento em um *imaginário* que dá ao discurso uma voz, atestada por um corpo, condizente com a cenografia e com o código linguageiro.

Sob essa lógica, a ocorrência de determinados vocativos (81), de verbos no modo imperativo (82), de modais volitivos (83), de perguntas retóricas e de linguagem informal (84), de tema tratado (85), permitem inferir que o investimento no código linguageiro e no imaginário atuam na construção de uma cenografia dialogal no discurso em questão. Em outras palavras, o gênero “autoajuda” é encenado enquanto um diálogo “do autor com seu leitor”, emulando certa proximidade entre sujeito enunciador e o enunciatário.

(81) Em suma, **meu amigo**, você está vivendo hoje em uma sociedade que gira em torno do feminino. Assim sendo, qualquer narrativa que questione essa realidade será automaticamente considerada machista ou até mesmo manipulada (Schutz, 2022, p. 19).

(82) **Encare** esses conselhos como referencial para tomar as suas próprias decisões com base nos seus valores, princípios e personalidade, e com isso seguir o seu próprio caminho. (Aires, 2023).

(83) Da mesma forma que absorvi o máximo de conhecimento sobre fatos, estatísticas, comportamentos, psicologia e relacionamentos entre homens e mulheres, **quero** que você continue fazendo o mesmo (Schutz, 2022, p. 213).

(84) Sempre faça o exame de DNA para confirmar se você é pai de uma criança. Existem inúmeros casos de fraude de paternidade, que é quando a mulher engravida de um cara e diz para outro que ele é o pai da criança. Imagina, você assume uma criança e 10 anos depois descobre que não é seu filho e **ainda é obrigado a pagar pensão mesmo esse filho não sendo seu? Pois é,** isso é uma infeliz realidade e acontece com mais frequência do que você pode imaginar (Aires, 2023).

(85) Uma das frases mais importantes do livro "As 48 Leis do Poder", do autor Robert Greene é: "Evite os infelizes e azarados". Existem **mulheres** por aí que são um verdadeiro poço de infelicidade e azar. É o **tipo de mulher** que está sempre reclamando e sempre contando os problemas dela pra você, como se você fosse algum tipo de psicólogo que a atende de graça. Ainda que você a ajude, **ela** voltará depois com mais alguma "tragédia" que aconteceu na vida dela. Todos nós temos problemas, mas **uma mulher** com esse comportamento traz consigo uma enorme Red Flag. São **mulheres com o emocional extremamente fraco e volátil**, capaz de sabotar os momentos felizes e transformá-los em um pesadelo. Vão tirar seu foco e te afastar do seu propósito. Não vale a pena (Schutz, 2021).

Em (81), ao se referir ao seu leitor com vocativos como "meu amigo", o enunciador imprime certa familiaridade à imagem do enunciatário, estabelecendo um diálogo direto com ele. Em (82), os verbos imperativos dirigem ao leitor as ordens e conselhos, característicos ao papel de *guia* inerente ao gênero discursivo. Em (83), o modal volitivo orientado para a participante exprime um desejo "positivo" do enunciador sobre seu leitor, reforçando a proximidade entre os dois, assim como ocorre em (84), com as perguntas que simulam uma interação oral. Em (85), ao se referir ao feminino como "mulheres" ou "ela", o enunciador elege o feminino como "o assunto da conversa", a não-pessoa do discurso (Benveniste, 1988, p. 250-251), que justamente faz a oposição entre o "eu" e o "tu" masculinos em todas as obras.

Como mencionado, a relação entre enunciador e enunciatário é marcada por uma hierarquia própria do gênero discursivo: o enunciador está em uma posição de superioridade, uma vez que é capaz de orientar o leitor e ensiná-lo sobre as relações entre homem e mulher; e o enunciatário em uma posição de inferioridade, dado que busca os conhecimentos do enunciador para "despertar para a realidade". Em geral, observa-se que essa distância entre enunciador e enunciatário é bem marcada, conforme denotam o uso de verbos no imperativo discutido anteriormente. No entanto, em alguns momentos, essa distância é suavizada por meio da emulação de um diálogo, sobretudo com o uso de vocativos, com os quais o leitor é tomado como "amigo" ou "caro amigo".

Nesse sentido, o caráter autoritário da imagem de *guia* ou *orientador* é suavizado por meio de uma cenografia dialogal, que produz um tom *amigável*, que, por sua vez, permite inferir a imagem de um *amigo conselheiro* nas obras *Pílulas de Realidade* e *Livro das Red Flags*. Por outro lado, a obra *Antiotário* mantém uma distância mais marcada entre enunciador e

enunciatário, porque, mesmo emulando uma cenografia dialogal em alguns momentos, o enunciador não projeta um tom *amigável* por meio dos seus enunciados, mas um tom *repreensivo,* como se pode observar no excerto (84), em que a pergunta retórica ("Imagina, você assume uma criança e 10 anos depois descobre que não é seu filho e ainda é obrigado a pagar pensão mesmo esse filho não sendo seu?") é respondida com uma advertência ("Pois é, isso é uma infeliz realidade e acontece com mais frequência do que você pode imaginar") e acompanhada de uma ordem ("Sempre faça o exame de DNA para confirmar se você é pai de uma criança"). Assim, pode-se afirmar que há uma pequena variação na relação entre enunciador e enunciatário estabelecida nas obras.

5.3 AS IMAGENS DE HOMEM VIRIL E RESSENTIDO

Conforme Maingueneau (2020), o ethos está diretamente ligado a estereótipos e a práticas discursivas, próprias ao mundo ético do discurso. Embora o autor não avance muito em suas reflexões sobre os estereótipos, ele registra o fato de que o ethos se baseia em estereótipos sociais que são reforçados pelos discursos e também transformados por eles.

Os estereótipos, como se sabe, são estruturas cognitivas que ajudam os indivíduos a processarem informação sobre o ambiente, que seria muito complexo para ser compreendido em sua totalidade pelo cérebro. Assim, os estereótipos dizem respeito a formas de conhecimento sobre indivíduos, tomados coletivamente e caracterizados por uma falsa representação (cf. Amossy, 2005; Amossy; Pierrot, 2022). São, essencialmente, representações cristalizadas sobre um grupo social que são formadas e compartilhadas em uma determinada cultura, facilitando a compreensão dos indivíduos sobre determinados fenômenos ou grupos sociais. Diante da complexidade do mundo à sua volta, os indivíduos incorporam os hábitos do grupo cultural a que pertencem e, sem necessariamente ter consciência disto, percebem os outros grupos sociais pelas lentes que sua cultura já definiu por meio dos estereótipos.

A partir do exposto, entende-se que a força dos estereótipos está atrelada ao fato de eles circularem bastante em uma certa cultura, na qual são compartilhados e postos a circular. Assim, quanto mais um estereótipo circula, mais ele é reforçado e, desse modo, pode-se observar o quanto certos discursos colaboram com esse processo, especialmente nos casos em que reforçam estereótipos que perpetuam injustiças sociais e violência contra outros grupos sociais, tal como o discurso em questão.

O ethos discursivo *Red Pill* estabelece uma relação direta com os estereótipos do seu mundo ético e, por isso, a análise sobre os estereótipos de gênero recorre às reflexões desenvolvidas no âmbito da Psicologia Social, como o estudo de Fiske *et al* (2007), que investigam o conteúdo dos estereótipos, auxiliando em sua compreensão. Segundo os autores, em geral, há duas dimensões universais da cognição social humana — a dimensão *warmth* e a dimensão *competence* — que regem o modo como os grupos sociais são categorizados. A primeira, que pode ser entendida como "afetividade", refere-se a atributos relacionados a *intenções percebidas*, como sinceridade, disponibilidade, confiabilidade, simpatia, amizade, etc. Por sua vez, a dimensão *competence* refere-se aos atributos de uma *capacidade percebida* e, desse modo, está ligada às ideias de habilidade, inteligência e eficácia.

Os autores ainda observam que os grupos sociais podem ser avaliados de forma positiva ou negativa nessas dimensões, conforme os sentimentos que despertam nos sujeitos, de modo que se formam quatro combinações que abarcam os diversos estereótipos dos grupos sociais:

I) grupos avaliados positivamente nas duas dimensões. Normalmente, dizem respeito a grupos que são tomados como referência e que despertam sentimentos de orgulho e de admiração. Pode-se considerar, na sociedade brasileira contemporânea, a classe média, os cristãos, os heterossexuais como grupos desse tipo;

II) grupos avaliados positivamente na dimensão da afetividade, mas negativamente na da competência, que despertam sentimentos ambivalentes, como simpatia e pena. Segundo os autores, esses sentimentos contraditórios vêm de um lugar de valorização da dimensão afetiva e, por outro lado, da concepção de que esses grupos têm certas limitações ou são incapazes de realizar determinadas tarefas, por uma "falta" de capacidade percebida. Nesse conjunto, enquadram-se grupos como, por exemplo, os idosos, deficientes físicos, deficientes mentais e outros;

III) grupos avaliados negativamente na dimensão da afetividade e positivamente na da competência, que são valorizados por apresentarem determinadas habilidades e, por isso, também despertam sentimentos ambivalentes, como inveja e ciúme. Nesse conjunto, enquadram-se pessoas ricas, mulheres que são profissionais bem sucedidas na carreira administrativa, minorias que atingiram um determinado sucesso, entre outros. Embora esses grupos sejam valorizados pelas capacidades percebidas, as intenções percebidas são tomadas com suspeita, uma vez que os sujeitos desse conjunto têm características percebidas que destoam daquelas percebidas nos estereótipos tomados como referência;

IV) grupos avaliados negativamente nas duas dimensões, que despertam sentimentos de desprezo, nojo, ódio, etc. Nesse conjunto, enquadram-se os dependentes químicos, pessoas em situação de rua, entre outros grupos marginalizados.

Essas reflexões de Fiske *et al* (2007), embora partam de outro campo do conhecimento, permitem à AD observar a presença dos estereótipos que desempenham um papel central na construção de sentido no funcionamento discursivo. No caso do discurso *Red Pill*, observam-se diversas representações cristalizadas de homens e mulheres, que são peças fundamentais para se compreender a construção do ethos, uma vez que refletem a forma pela qual são concebidos os papéis sociais de gênero no mundo ético do discurso. Assim, com base nas reflexões de Fiske *et al* (2007) apresentadas, pode-se observar, por exemplo, que o discurso em análise veicula imagens do masculino e do feminino, que são valorizadas (ou desvalorizadas) e colaboram diretamente na construção do ethos. Embora não seja o foco deste trabalho, as imagens do feminino também serão analisadas, no próximo tópico, considerando sua importância constitutiva para o ethos do discurso.

Em relação às imagens masculinas, observa-se que o enunciador projeta uma imagem de homem que se alinha com um estereótipo tradicional do papel masculino: alguém racional (86), seguro de si (87), independente (88) e orientado para a realização (88 e 89).

> (86) As emoções inspiram, mas o racional é quem comanda. Os sentimentos devem ser coprodutores das suas ações. Se eles tomarem o controle, existirá propósito, mas não haverá direção. Seus atos serão desordenados e podem te levar em direção ao abismo. Por esse motivo, a racionalidade deve sempre estar no “banco do motorista”, e as emoções no “banco do passageiro” (Aires, 2023).

> (87) Uma vez que o homem desenvolve fortes raízes sobre sua personalidade, criam-se galhos mais fortes de confiança. A confiança está ligada ao seu senso de capacidade - o quanto você se enxerga capaz de realizar algo. Desenvolvendo os pilares anteriores, você aumenta sua confiança e está sempre colhendo bons resultados (Schutz, 2022, p. 47).

> (88) O homem de valor precisa ser capaz de prover um lar e uma família inteira sem depender de nenhuma mulher, independente de você ser casado ou ter uma família. É papel do homem ser o provedor. Sua testosterona e sua energia masculina estão aí para que você possa ir a luta, trabalhar e aumentar seus rendimentos. (Schutz, 2022, 41-42).

> (89) Dedique o seu tempo estudando, trabalhando, investindo em si mesmo e nos seus negócios, tenha o foco em como você vai construir o seu império. Quando você se torna obstinado em construir coisas grandiosas, você entra num caminho sem volta, você não irá parar enquanto não conseguir (Aires, 2023).

Em (86), o enunciador apresenta conselhos sobre como o seu leitor deve navegar entre as dimensões da “razão” e da “emoção”. Dado que o enunciador fala a partir de um lugar de mais conhecimento e sucesso com as mulheres, infere-se que este seja um conselho que o mesmo deve seguir, tornando-o um modelo de masculinidade para se seguir. Segundo seu conselho, o homem (ao contrário da mulher) deve guiar-se pela sua racionalidade para alcançar seus objetivos, projetando uma imagem de si como alguém avaliado positivamente na dimensão *competence*.

Em (87), é dito que, ao seguir os conselhos *Red Pill*, o leitor (ou um homem comum) pode ganhar certa autoconfiança e senso de capacidade, que vão retroalimentar sua própria capacidade de realização e o tornar um homem “de valor”.

Novamente, em (88) e (89), a independência e a orientação (e capacidade) para realização são reforçados pelos conselhos e pelas ordens expressas. O enunciador é bem explícito quanto a isso em ambos os excertos: ao dizer que “o homem de valor precisa ser capaz de prover um lar e uma família inteira sem depender de nenhuma mulher”, ele ressalta a importância da dimensão *competence*, representada pela capacidade de prover e de ser independente para a construção dessa masculinidade. Ao ordenar que o leitor “dedique o seu tempo estudando, trabalhando, investindo em si mesmo e nos seus negócios, tenha o foco em como você vai construir o seu império”, o enunciador reforça novamente a orientação à realização como característica fundamental a essa masculinidade. Sob essa perspectiva, pode-se perceber que o homem “de valor” é um poderoso “imperador”, “obstinado em construir coisas grandiosas”, reforçando a leitura de que se trata de um estereótipo apresentado pelo discurso com orgulho e admiração.

A partir desses excertos, entende-se que uma das imagens do enunciador e de masculinidade projetada pelo discurso alinha-se com uma imagem tradicional de masculinidade, a imagem de um *homem viril*, que apela para a simpatia e admiração dos enunciatários. Ainda, essa imagem de *homem viril* (associado ao homem *Red Pill*) também é avaliado positivamente na dimensão *warmth*, por ser percebido com boas intenções, reforçando a leitura de um sentimento de admiração e orgulho sobre esse estereótipo. Segundo o discurso *Red Pill*, o homem é “único capaz de amar uma mulher por quem ela é” (90), além de ser alguém honrado, que cuida e se mantém fiel (91). Pode-se dizer que essa imagem do masculino pode até ser associada com certa “nobreza de caráter”.

> (90) Embora preguem o contrário, o **homem é o único capaz de amar uma mulher por quem ela é**. As mulheres só amam os homens enquanto há algum tipo de

> contrapartida envolvida, nem que seja apenas emocional ou protetiva. Uma vez que essa contrapartida se vai, o amor desce pelo ralo abaixo (Schutz, 2022, p. 108; grifos nossos).

> (91) Os homens **são seres que priorizam a fidelidade e honra em suas relações**, e não toleram "traidores" de nenhuma forma em suas vidas. Desde que o homem tem o dever de proteger, um traidor em seu meio custaria a sua própria vida e a vida da sua tribo. (Schutz, 2022, p. 120; grifos nossos).

O excerto (90), além de avaliar o estereótipo de homem positivamente na dimensão *warmth*, revela uma relação polêmica com discursos femininos (e/ou feministas), da qual emerge o discurso *Red Pill*. Em (90), o enunciador apresenta os homens como "os únicos capazes de amar uma mulher por quem ela é", inclusive acusando as mulheres de não serem capazes de fazerem o mesmo pelos homens e de "pregarem o contrário", isto é, pregarem que os homens não são capazes de amar. Essa capacidade exclusiva pode ser interpretada como um traço biológico, assim como a "fidelidade" e a "honra" que, em (91), são associadas a uma concepção biologizante do papel de gênero masculino. Nessa perspectiva, o papel masculino, assim como o feminino, tem determinações biológicas provenientes da evolução humana, assim "o homem é fiel, honrado e capaz de amar porque, ao longo da evolução humana, precisou ser assim para sobreviver e se reproduzir".

Desse modo, a imagem do homem *Red Pill* atualiza os estereótipos dos papéis de gênero e da masculinidade, associando-os a novos comportamentos cujas bases seriam da ordem da evolução biológica. Em resumo, considerando a perspectiva de Fiske *et al* (2007), a imagem de homem valorizado é motivo de orgulho e admiração pelo discurso. A instância subjetiva, que emerge do discurso, apresenta-se como esse modelo de homem, que é racional, confiante, orientado para a realização, mas também confiável, afetuoso, honrado, protetor e fiel.

Por outro lado, emerge no discurso um outro estereótipo de homem, que é desvalorizado e associado com a imagem do enunciatário. Essa imagem que corresponde a um homem pouco racional, fraco, submisso e que "cai nas armadilhas das mulheres" e que não consegue controlar suas emoções — portanto, avaliado negativamente tanto na dimensão *warmth* quanto na dimensão *competence*. Os excertos (92), (93) e (94) ilustram essa imagem:

> (92) O bonzinho que faz tudo para agradar, trata super bem, sempre responde rápido, vê ela somente quando ela quer e pode, sempre paga a conta do jantar e fica esperando que nem um cachorrinho pra ver se um dia rola um beijinho na boca (Schutz, 2022, p. 50-51).

> (93) Não seja um "Gado Gastronômico", que é aquele cara que leva a mulher para lanchar e não ganha absolutamente nada, além de um certificado de otário (Aires, 2023).

Em (92), esse estereótipo desvalorizado, designado como “bonzinho”, é caracterizado pela preocupação excessiva em agradar, até mesmo quando está sendo usado ou manipulado pelas mulheres, sendo comparado pejorativamente a um “cachorrinho”. Em (93), esse estereótipo, apresentado com ainda mais desprezo, é chamado pelo enunciador de “gado gastronômico” e “otário”. Assim, esse estereótipo desvalorizado de masculinidade apresenta-se como o oposto do homem *Red Pill*, revelando a presença, nesse discurso, de duas imagens relativas ao masculino que são opostas: a de um homem fraco e submisso e a de um homem forte e viril, com a qual o enunciador se identifica.

Em (94), também se observa que, ao contrário dos discursos de autoajuda mais “gerais” ou “tradicionais”, que se opõem a entidades indesejadas, como a pobreza, o fracasso, etc., o discurso *Red Pill* polemiza com discursos que promovem outras imagens de homens, que são tomadas nos termos[8] de uma imagem claramente ruim, conforme pode ser observado no próximo excerto:

> (94) Da próxima vez que você ligar a televisão, preste atenção na maneira como os homens são retratados: Submissos, fracos, fora de forma e inúteis. Essa é a visão que a mídia e a sociedade querem passar sobre a masculinidade (Schutz, 2022, p. 173).

Para compreender melhor essa imagem, observa-se que, conforme Messner (2016), depois que o discurso feminista se institucionalizou, passando a integrar discursos mais hegemônicos, a divisão de papéis de gênero nas sociedades contemporâneas sofreu modificações. Pode-se entender que, sob a ótica do discurso *Red Pill*, essa nova divisão é uma forma de “emascular” os homens, conforme o excerto abaixo:

> (95) SEJAMOS CLAROS AQUI: não existe nada pior do que se falar em desconstrução masculina. [...] **Essa é uma manobra perigosa justamente porque busca retirar a masculinidade do homem**, fazendo com que ele se pareça mais com uma mulher dos tempos antigos: doce, meigo, que aceita tudo calado, que não cria problemas, que deve se aceitar como ele é, que chora e que expõe seus sentimentos (Schutz, 2022, p. 21-22).

[8] Como hipótese a ser investigada em trabalhos futuros, entende-se que o discurso *Red Pill* distorce essas outras imagens de masculinidade, produzindo simulacros (cf. Maingueneau 2008a) desses discursos, especialmente dos discursos que promovem a igualdade entre os gêneros e combatem preconceitos contra as mulheres. Nesse sentido, a imagem do homem que respeita as mulheres e reconhece a importância de promover a igualdade entre os gêneros é rebaixada e distorcida nos termos de um homem fraco, submisso, sem poder.

Assim, a imagem desvalorizada de homem, apresentada com desprezo e repulsa, abarca tanto um conjunto de homens facilmente manipuláveis, emocionalmente vulneráveis e pouco racionais, quanto um outro conjunto de homens, cujos comportamentos desviam-se dessa imagem de *homem viril* (e mais tradicional) do discurso *Red Pill*. Esses grupos sobrepõem-se, uma vez que esse segundo conjunto é identificado pelas mesmas características negativas, diferindo apenas em grau de "alienação" da realidade (tal como entendida pelo discurso *Red Pill*).

A partir desta interpretação, chega-se ao ponto em que a imagem de *homem viril* exaltada pelo discurso e associada à própria imagem do enunciador dá lugar gradativamente à imagem de um homem machista e ressentido, conforme os excertos abaixo.

> (96) Você provavelmente já passou por essa situação: você combina um encontro com a garota, organiza o seu tempo e os seus compromissos para aquele encontro, passa boa parte do dia ansioso esperando a hora, mas pouco tempo antes do horário combinado, ela te manda uma mensagem dizendo que não vai dar e dá alguma desculpa claramente esfarrapada. [...] Seria um ataque violento contra a sua honra e dignidade fingir que nada aconteceu e aceitar remarcar um encontro que certamente terá o mesmo destino (Schutz, 2021).

> (97) Acredite, você não encontrará nenhuma mulher santa neste mundo moderno. E o mundo não voltará a ser como era décadas atrás, no qual a exceção eram as mulheres promíscuas. Portanto, sempre analise o comportamento das mulheres com quem você se envolve. [...] Não seja ingênuo. Ingenuidade é uma palavra que não tem (e não deve ter) espaço no dicionário de um homem (Schutz, 2022, p. 121).

> (98) Seja um cara pacífico, um cara bom, com senso de justiça, mas, ao mesmo tempo, seja um cara ameaçador. Seja um cara potencialmente agressivo e as pessoas pensarão duas vezes ou mais antes de atentar contra você. Isso não significa usar agressividade, mas se preciso for, você não medirá esforços. Maquiavel, em seu livro O Príncipe, já dizia: "A bondade se faz aos poucos, mas a maldade se faz de uma vez". Não ataque pela metade e jamais machuque alguém de leve: o ataque deve ser feito com uma magnitude que não teme represálias (Aires, 2023).

Em (96), observa-se que há uma certa exacerbação da situação "remarcar um encontro", que se trata de uma situação relativamente simples e comum do universo dos relacionamentos. No entanto, essa situação é tomada como um "ataque violento contra a honra e dignidade". Em (97), há uma generalização sobre as mulheres. O enunciador defende que todas as mulheres são promíscuas e alerta os homens a tomarem cuidado com todas elas. Em (98), há uma gradação nas ordens do enunciador, que orienta seus leitores, inicialmente, a serem homens bons e pacíficos e, ao final, a serem homens ameaçadores, potencialmente violentos e, em certo sentido, "maus". Assim, há uma gradual radicalização dessa imagem de homem viril e

confiante, capaz de ensinar seus leitores a serem homens e a se relacionarem com mulheres, que culmina na imagem de um *homem ressentido*, mau, potencialmente violento, que está em guerra com as mulheres.

Em síntese, o ethos do discurso *Red Pill* apresenta a imagem de um enunciador masculino, cujas características se ligam a, por um lado, a figura de um *guia*, de um *amigo conselheiro* e de um *homem viril*, que poderia espelhar um exemplo de masculinidade para os leitores e oferecer orientações sobre como serem homens e lidarem com seus problemas de relacionamento. Por outro lado, o ethos do discurso *Red Pill* também revela a face de um *homem ressentido*, que está em confronto aberto com as mulheres.

Assim, embora não seja o foco deste trabalho, discute-se no próximo tópico as imagens do feminino que podem contribuir significativamente para a compreensão sobre o ethos e as dinâmicas de distribuição de poder entre gêneros no discurso.

5.4 AS IMAGENS DO FEMININO PRESENTES NO DISCURSO

Embora não seja o foco desta investigação, torna-se imprescindível mencionar as imagens do feminino, uma vez que elas ajudam a compreender o ethos do enunciador e a forma como o discurso reforça desigualdades entre gêneros. Assim, observa-se que coexiste no discurso dois estereótipos, um de “mulher valorizada” e outro de uma “mulher desvalorizada”, conforme excertos (99), (100) e (101):

> (99) Por que a maioria das **mulheres de hoje são tristes** e ocas por dentro? Porque elas não querem servir, elas querem ser servidas. A mulher encontra felicidade no serviço que presta ao homem, e o homem encontra felicidade no serviço que presta à sociedade (Schutz, 2022, p. 99; grifos nossos).

> (100) **As mulheres só amam os homens enquanto há algum tipo de contrapartida envolvida, nem que seja apenas emocional ou protetiva**. Uma vez que essa contrapartida se vai, o amor desce pelo ralo abaixo (Schutz, 2022, p. 108; grifos nossos).

> (101) Em outras palavras e novamente reforçando, o homem escolhe uma mulher que possa realmente agregar para a vida dele, e **não atrapalhar seus planos e criar confusão e drama desnecessários.** Ela deve ser um ativo na vida do homem, que frequentemente injeta paz e bem-estar, e **não um passivo que rouba noites de sono e momentos felizes** (Schutz, 2022, p. 140; grifos nossos).

Considerando as reflexões de Fiske *et al* (2007), a imagem da mulher desvalorizada está ligada a um conjunto de características percebidas como negativas no feminino, tanto na dimensão *warmth*, quanto na dimensão *competence*.

Em (99), por exemplo, “a maioria das mulheres de hoje” é descrita como “triste e oca por dentro” por não quererem “servir ao homem” e apenas desejarem ser “servidas” pelos homens. Assim, o excerto implica a associação da imagem das mulheres “de hoje” com a imagem de uma mulher “sem valor”, fazendo uma generalização sobre todas as mulheres e as associando com todos os comportamentos negativos citados nas obras, como a traição, a manipulação, a violência, etc.

A partir desse excerto, pode-se dizer que o feminino é avaliado negativamente na dimensão *warmth*, uma vez que esse grupo de mulheres são percebidas com intenções ruins. Afirmando que as mulheres só querem ser servidas, o enunciado implica que elas são aproveitadoras ou interesseiras. O excerto seguinte (100) corrobora para essa interpretação, dado que o amor da mulher é apresentado como “condicional" a alguma contrapartida que o homem possa oferecer. Por sua vez, esse estereótipo do feminino também é avaliado negativamente na dimensão *competence*, já que as mulheres são percebidas como incapacitadas, pela sua própria “biologia feminina”, de “servir”, de ter empatia, e mesmo de ser racional.

Nesse sentido, pode-se dizer que o discurso coloca grande ênfase sobre essa imagem negativa da mulher “de hoje”, sempre alertando os leitores sobre os perigos que as mulheres representam aos homens, o que reforça a interpretação de um ethos de *homem ressentido* e de que o discurso endossa desigualdades entre os papéis de gênero. De acordo com Fiske *et al* (2007), um estereótipo avaliado negativamente em ambas as dimensões está ligado a sentimentos de ódio e repulsa por parte do enunciador, e sua circulação desse estereótipo na sociedade pode reforçar ciclos de violência e discriminações perpetradas contra as mulheres.

Retomando os excertos, observa-se que, em (101), essa imagem negativa de mulher é contrastada com uma imagem das mulheres “de valor”, apresentada por meio de uma metáfora financeira: “ativos” são bens, direitos ou recursos financeiros que geram benefícios econômicos, contribuindo para o enriquecimento de um indivíduo ou empresa, enquanto “passivos” são obrigações e dívidas que o indivíduo ou a empresa deve a terceiros. Nesse sentido, pode-se inferir que “a mulher de valor” para o discurso em questão é aquela que gera um benefício na vida do homem, inclusive que um benefício econômico. Por “injetar paz e bem-estar” e não “atrapalhar seus planos”, pode-se entender que qualquer manifestação da subjetividade ou necessidades da mulher que afete os homens é tomada como “confusão e drama desnecessários”, os quais “roubam noites de sono e momentos felizes”. A princípio, essa

pode parecer uma interpretação fraca, sem embasamento suficiente, para se concluir a partir do excerto (101). Porém, basta lembrar do conjunto de enunciados que compõem o discurso, tal como o excerto (102), para concluir-se que é uma leitura (muito) possível.

> (102) É necessário entender que qualquer mulher que você colocar em sua vida, vai trazer certa dose de complexidade e emoções a serem lidadas. Quando falamos sobre mães solteiras, esses dois fatores são ampliados, o que acaba mais prejudicando a vida do homem do que facilitando. [...] No geral, homens já são propensos a abandonarem seu propósito para tentarem fazer as mulheres felizes. **Quando você se relaciona com uma mãe solteira, você nunca vai ser a prioridade. Nunca. Sempre as necessidades dela e dos filhos virão antes das suas** (Schutz, 2022, p. 161; grifos nossos).

A título de ilustração da afirmação que qualquer manifestação de subjetividade ou de necessidade das mulheres é tomada como ameaça pelo discurso *Red Pill*, em (89), observa-se que o enunciador do discurso cita com incômodo o fato de uma mulher colocar as próprias necessidades e as dos filhos como prioridade, permitindo inferir que o homem deve ser a primeira prioridade de sua companheira — independentemente de suas próprias necessidades ou as daqueles que dependem dela.

A "mulher de valor", nesse sentido, seria a mulher que o coloca como prioridade acima de tudo, que não atrapalha os planos do homem e nem dificulta a realização dos seus objetivos com suas necessidades. Assim, pode-se afirmar com alguma certeza que, no discurso *Red Pill*, não existe uma imagem de mulher de valor (que seja avaliada positivamente em ambas as dimensões *warmth* e *competence*), a partir dos excertos expostos.

Portanto, entende-se que o discurso *Red Pill* não direciona seu foco para "a parceira ideal", mas sim para atacar as "mulheres que não prestam". Isso pode ser observado inclusive nos títulos das obras: "Pílulas de realidade", que intenta despertar os leitores sobre "o perigo das mulheres; "Livro das Red Flags", que busca listar os comportamentos tóxicos que os homens devem ficar atentos; "Antiotário", que pressupõe que as mulheres "são más" e os leitores são "otários". Desse modo, pode-se dizer que o verdadeiro foco do discurso *Red Pill* é a negação dos dos valores promovidos por discursos que combatem as desigualdades de gênero, a desvalorização e a objetificação das mulheres e as práticas de misoginia[9].

[9] Essa questão é, sem dúvida, um aspecto muito importante do funcionamento do discurso *Red Pill*. Para que seja adequadamente tratada, ela demanda um aprofundamento no qual devem ser investigadas, justamente, as relações que esse discurso mantém com outros. Conforme se informa nas considerações finais deste trabalho, pretende-se investigar tais relações em trabalhos futuros, o que deve levar a uma compreensão melhor do discurso em análise.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises e reflexões desenvolvidas neste trabalho sobre o ethos, sobre as cenografias e sobre os estereótipos presentes no discurso *Red Pill*, foram identificadas 3 imagens associadas ao sujeito enunciador desse discurso, a saber: a imagem do guia ou orientador; a imagem do amigo conselheiro; e a imagem do homem viril e ressentido.

A análise permitiu observar que o discurso *Red Pill* se insere na cena englobante de um discurso de aconselhamento, valendo-se do gênero discursivo "livro de autoajuda", conferindo ao enunciador a imagem e o papel de um *guia ou orientador*. Ocupando esse lugar, o enunciador legitima-se por um suposto conhecimento (científico ou experiencial) que lhe atribui autoridade para enunciar sobre os assuntos de que trata

Seu modo de enunciação, observado pela expressão modal e pelo uso de imperativos, reforça essa autoridade. Os modais epistêmicos sistematicamente expressam *certeza* e *convicção*, afastando as manifestações de dúvida para manter sua credibilidade. As modalizações volitivas servem como "demonstrações" do conhecimento do enunciador sobre os desejos e intenções de homens e mulheres quando o assunto é relacionamento. E, os modais deônticos (juntamente com os verbos imperativos) revelam o caráter mais autoritário dessa imagem, que impõe seus conselhos como ordens em muitos momentos.

Por outro lado, o investimento cenográfico do discurso volta-se para uma cenografia dialogal, produzindo um efeito de sentido de aproximação do seu leitor. Com esse modo de encenar o gênero discursivo, o enunciador projeta uma imagem de *amigo e conselheiro* por meio de variados recursos linguísticos e discursivos. Retomando a análise apresentada, o enunciador faz uso de vocativos que denotam essa proximidade, suavizando a hierarquia existente entre enunciador e enunciatário, como "meu amigo", "meu caro", etc.

Além disso, observou-se que, em alguns momentos, o enunciador é mais formal, adequando-se ao gênero discursivo, em outros, faz uso de gírias e de uma linguagem mais informal, supostamente própria ao que seria o universo masculino, produzindo a impressão de estar enunciando entre amigos. Essa encenação de conversa é ainda reforçada por meio de perguntas retóricas que emulam um diálogo com seu leitor e de cadeias referenciais sobre o tema tratado (as mulheres) que estabelecem, de início, que os livros equivalem a uma conversa "de homem para homem" (sobre as mulheres). Na perspectiva de Maingueneau (2020), esses recursos são estratégias discursivas para a incorporação (ou construção) de uma comunidade imaginária do discurso, da qual participam os leitores que aderiram ao posicionamento discursivo do enunciador.

No entanto, conforme observado, a depender da obra do córpus, essa é uma imagem mais ou menos presente. Isso não significa que o discurso *Red Pill* não investe na construção de uma comunidade imaginária, mas apenas projeta uma ênfase sobre o perfil do enunciatário, com o estereótipo de um homem ainda mais "alienado" e mais "subserviente" às mulheres do que outros.

Nesse sentido, pode-se observar que o funcionamento discursivo invoca estereótipos de gênero que caracterizam o seu mundo ético, no qual participam as imagens já identificadas das mulheres, do leitor e do próprio enunciador. Assim, a imagem das mulheres se liga a práticas de exploração, manipulação e traição dos homens, enquanto a imagem do leitor está relacionada a frustrações nos relacionamentos amorosos, a subserviência às mulheres e a falta de confiança e autoestima em si mesmo.

Por sua vez, a imagem do enunciador evoca um estereótipo de masculinidade viril, que é principalmente marcada pela racionalidade, autoconfiança e capacidade de realização. Assim, conforme a perspectiva de Maingueneau (2020, p.14), a enunciação da obra confere uma corporalidade ao enunciador, fazendo emergir essa imagem de homem viril (o próprio modelo de masculinidade do discurso *Red Pill*), que é apresentada com orgulho e admiração pelo discurso, em oposição ao seu leitor, que é apresentado como o seu contrário: um homem fraco, emotivo, irracional, que precisa de ajuda.

É por meio da imagem de homem viril "modelo", que o enunciatário pode assimilar um conjunto de esquemas correspondente a uma maneira específica de habitar o mundo e mover-se pelo espaço social e, desse modo, aderir aos posicionamentos do discurso, integrando sua comunidade discursiva. As imagens de guia, de amigo conselheiro, e de homem viril, com as quais o leitor pode passar a se identificar, são todas imagens que respondem, de algum modo, às supostas necessidades do universo masculino. No entanto, na alternância entre as imagens, é possível observar a emergência de uma outra faceta desse homem viril, a imagem de um *homem ressentido.*

Se, por um lado, o homem viril se apresenta confiante de si, por outro, sua face ressentida mostra-se insegura e abalada por pequenos eventos, tais como "desmarcar um encontro" ou mesmo a ideia de dividir a atenção de uma mulher com os filhos dela, conforme discutido em excertos anteriores.

Essa imagem de homem ressentido permite concluir que o ethos do sujeito enunciador *Red Pill* é composto por um conjunto de imagens, que radicalizam seu leitor ao ponto de aderirem a posicionamentos misóginos e antifeministas, que se refletem nas generalizações sobre os perigos que as mulheres representam, (por exemplo, "são todas promíscuas" ou "são

todas manipuladoras”), muitas vezes embasadas em um suposto determinismo biológico dos papéis de gênero. Ainda, refletem-se principalmente nos enunciados que exprimem a crença em uma sociedade supostamente criada para favorecer as mulheres, que persegue e oprime os homens.

Considera-se que esses aspectos de radicalização da imagem do enunciador e do próprio discurso estão diretamente ligados à semântica global do discurso *Red Pill*, que se pretende abordar em trabalhos posteriores. Assim, para dar continuidade a este trabalho, pretende-se aprofundar a análise das relações interdiscursivas, investigando a semântica global do discurso, os simulacros que o discurso *Red Pill* constrói do seu Outro e também como o discurso *Red Pill* atualiza aspectos da memória discursiva de um discurso misógino.

Por ora, considerando os resultados já alcançados, pode-se concluir que, consoante as reflexões de Bauman (2001), o ethos do sujeito enunciador *Red Pill*, assim como seus conselhos e ordens, conquista a adesão dos enunciatários por se tornar um ponto de orientação sobre como navegar nas incertezas da contemporaneidade e alcançar o sucesso, o amor e a realização pessoal. Nesse sentido, entende-se que o discurso *Red Pill* não pode ser dissociado das necessidades do sistema capitalista contemporâneo, uma vez que a liberdade e a realização pessoal não passam de ilusões para a constante produção e consumo de mercadorias.

Em busca de amor ou de sucesso, os homens orientados pelo discurso são iludidos a trabalhar para enriquecer, a comprar mercadorias (como carros, por exemplo) para parecerem “homens de valor” ou “homens de respeito”, inclusive a comprar mais livros, cursos, entre outros para continuarem em sua busca pelo sucesso, sem se questionarem sobre as condições que produzem sua frustração ou as condições materiais que produzem sua realidade. Desse modo, o discurso *Red Pill* não é apenas uma resposta às incertezas, mas também um negócio lucrativo, com venda de livros e outras mídias, e um projeto político para a manutenção das desigualdades sociais e de gênero.

REFERÊNCIAS

AIRES, R. *Antiotário.* [S.l.]: [s.n.], 2023.

ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. *In:* AMOSSY, R. (org.) *Imagens de si no discurso:* a construção do ethos. São Paulo: Contexto, p. 9-28, 2005.

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. *Estereótipos e clichês*. São Paulo: Contexto, 2022.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 19, p. 25–42, 2012.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1988.

BRUNELLI, A. F. *O sucesso está em suas mãos*: análise do discurso de auto-ajuda. 149f. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

BRUNELLI, A. F. *Confiança e otimismo:* intersecções entre o ethos do discurso de autoajuda e o do discurso da Amway. *In:* MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs.) Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, 2008. p. 133-148.

BRUNELLI, A. F.; GASPARINI-BASTOS, S. D. O comportamento do verbo modal poder no discurso de autoajuda: uma investigação no português e no espanhol. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 60-70, 2011.

BRUNELLI, A. F.; Verni, R. P.; GASPARINI-BASTOS, S. D. Modalidade, Ethos e Estereótipos nos aconselhamentos sobre finanças para mulheres. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.61, p. 1-19, e019017, 2019.

CASTILHO, A. T. *A língua falada no ensino de português.* 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CERVONI, J. As modalidades. *In:* CERVONI, J. *A enunciação*. Tradução de L. Garcia dos Santos. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

CORACINI, M. J. *Um fazer persuasivo*: o discurso subjetivo da ciência. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

DALL'AGLIO HATTNHER, M. Entre o poder e o dever: fatores intervenientes na expressão da modalidade nos discursos de posse presidencial. *Gragoatá*, v. 14, n. 27, p. 155–168, 30 dez. 2009.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. v.2. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

FISKE, S. T.; CUDDY, A.J.C.; GLICK, P. Universal dimensions of social cognition: warmth and competence. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 11, n. 2, p. 77-83, 2007.

FURLAN, M. M. *Cenas de enunciação e ethos discursivo*: análise do discurso de autoajuda para adolescentes. 2013. 108f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

GING, D. Alphas, betas, and incels: theorizing the masculinities of the manosphere. *Men and Masculinities*, v.22, n.4, p. 638-657, 2017. https://doi.org/10.1177/1097184X17706401

HENGEVELD, K. Illocution, mood, and modality. *In:* BOOJI, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (ed.) *Morphology:* a handbook on inflection and word formation. v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 1190-1201.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar*: a typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008

HENGEVELD, K.; DALL'AGLIO HATTNHER, M.M. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. *Linguistics*, v. 53, n. 3, p. 479-524, 2015.

JOST, J. T.; KAY, A. C. Exposure to benevolent sexism and complementary gender stereotypes: consequences for specific and diffuse forms of system justification. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 88, n. 3, p. 498-509, 2005.

JÚNIOR, A. R. Neoliberalismo (Perspectiva Teórica/Conceitual). *In:* CASTRO, C.L.F.; GONTIJO, C. R. B.; AMABILE, A. E. N. (Org.). *Dicionário de Políticas Públicas*. Barbacena: Editora UEMG, 2012, p. 346-351.

KOCH, I.G.V. A questão das modalidades numa nova gramática da língua portuguesa. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. 8, p. 227-36, 1986.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, Editora da UNICAMP, 1989.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. *In:* AMOSSY, R. (org.) *Imagens de si no discurso:* a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005. p.69-92.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos.* São Paulo: Parábola, 2008a. (Título original: 1984)

MAINGUENEAU, D. Cenas da enunciação. *In:* POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (org.) *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008b.

MAINGUENEAU, D. *Variações sobre o ethos.* São Paulo: Parábola, 2020.

MARWICK, A. E.; CAPLAN, R. Drinking male tears: language, the manosphere, and networked harassment. *Feminist Media Studies*, v. 18, n.4, p. 543–559, 2018.

MESSNER, M. A. Forks in the Road of Men's Gender Politics: Men's Rights vs Feminist Allies. *International Journal for Crime, Justice and Social Democracy,* v. 5, n.2, p. 6-20, 2016.

NAGLE, A. *An investigation into contemporary online anti-feminist movements*. 276f. 2015. Tese (Doutorado em Filosofia) — Dublin City University, Dublin, 2015.

NEVES, M. H. M. A modalidade. *In:* KOCH, I. G. V. (Org). *Gramática do português falado.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

NEVES, M. H. M. Imprimir marcas no enunciado. Ou: a modalização na linguagem. *In:* NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 152-221.

OLBERTZ, H.; GASPARINI-BASTOS, S. D. Objective and subjective deontic modal necessity in FDG – evidence from Spanish auxiliary expressions. *In*: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (ed.) *Casebook in Functional Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2013, p. 277-300.

PALMER, F. R. *Mood and modality.* New York: Cambridge University Press, 1986.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso *In:* GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma Análise Automática do Discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1993. (Texto original publicado em 1969)

SCHUTZ, T. *O livro das Red Flags.* [S.l.]: Expansão Masculina, 2021.

SCHUTZ, T. *Pílulas de Realidade:* Autoconhecimento, propósito, dinheiro e mulheres. Salto, SP: Expansão Masculina, 2022.

VAN VALKENBURGH, S. P. Digesting the Red Pill: Masculinity and neoliberalism in the manosphere. *Men and Masculinities*, v. 24, n. 1, p. 84–103, 2021.

VERNI, R. P. *Mulheres boazinhas não enriquecem*: ethos e estereótipos no discurso de autoajuda para mulheres. 135f. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2019.

UEDA, M. B. *O ethos das obras de autoajuda para a terceira idade.* 2014. 104f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

DADOS CURRICULARES

IDENTIFICAÇÃO	
	GUSTAVO ADAMI CORRÊA 25/10/1998
Nacionalidade	brasileira
Nome em citações bibliográficas:	Corrêa, Gustavo Corrêa, G.
Currículo Lattes	http://lattes.cnpq.br/8854887368714379
ORCID	https://orcid.org/0000-0002-7573-5306